Os Párias

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)

Os Párias

(CRÔNICAS)

LIVRO DO MÊS S. A.

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

I

UMA VOZ NA SOMBRA

1

ONTEM, "à hora, à hora da meia-noite, que apavora, eu caindo de sono e de fadiga, ao pé de muita lauda antiga", recebí uma carta de mulher. Não vinha perfumada, não era em papel rosa ou azul, nem, sequer, em letra cuidada e romântica. Escrevera-a, em velha máquina, e em papel vasto e comum, um espírito feminino, combativo e revoltado, dêsses que refletem aspectos trágicos da vida russa. Não fala de si própria nem do seu sexo. Iluminada por um ideal novo e augusto, estende os olhos animados de perdão e de cólera pelo espetáculo do mundo moderno, e concita-me a comungar a hóstia do seu credo. Seu olhar percuciente adivinhou no meu coração as dôres que nele dormem. Conhece a minha vida, tem o roteiro da minha marcha, examina as sementes que eu tenho lançado à terra, e, descobrindo no meu cepticismo

triste o germe de idéias generosas, convida-me a erguer o rosto, a empunhar uma bandeira definida e a partir, cantando, para o combate, a redimir os nossos irmãos proletários. Mulher embora, não quer beijos para a sua bôca, mas o pão para a das crianças magras, para a das mulheres que trabalham, para a dos artistas velhos, para a dos operários doentes. Forja-se, nesta hora, um mundo novo, em que não haverá montanha nem vale. Eu devo ser, para glória minha e consôlo do meu próximo, ferreiro nessa oficina. E, num gesto da sua mão que se move na sombra, e dos seus lábios que se agitam no mistério, concita-me a dar um ritmo seguro e enérgico ao meu esfôrço:

— E's pobre como nós, e como nós, um proletário, Humberto de Campos! Vamos!

A voz que me convida é fraterna e amiga. A sua palavra diz-me verdades que eu conheço e é, não raro, o eco do meu próprio pensamento. Referindo-se ao meu passado, lembra-me o que me custou a marcha até aquí, e quanto foi fácil o caminho aos filhos diletos da Fortuna. Na sociedade cujos alicerces estão sendo penosamente lançados, eu terei assegurado, diz, o pão e o trabalho. Artífice da pena, realizarei o meu sonho de arte, à sombra do Estado vigilante. Não correrei mais, parcialmente cego, ao atravessar a rua, atordoado pela buzina dos automóveis dos banqueiros, que ameaçam esmagar meu cérebro povoado de sonhos com as rodas luzidias dos seus carros de luxo. Não humilharei o padeiro que me traz o pão à porta, e ninguém me humilhará. Não terei escravos mas, também, não terei senhor. Beberão no mesmo rio, sem que o mais fraco seja devorado pelo mais forte, e sem que ambos toldem a água, o lôbo e o cordeiro. O mundo será feliz, e os homens abençoarão a minha memória, ou a minha velhice, agradecendo a pedra que eu tenha carregado para a construção do imenso edifício da Concórdia Humana.

Leio essas palavras de entusiasmo, de fé e de coragem, que me chegam do campo de batalha. Em Salamina, investem as trieres, das quais sobem os cantos harmoniosos dos gregos, e os gritos confusos dos bárbaros. Temístocles e Aristides, Euribíades e Filácio, Polícrito de Egina e Teomestor de Samos, realizam prodígios de bravura e de

agilidade. Da sua tôrre de madeira, à margem do mar, é em Artemísia, rainha de Halicarnasso, que Xerxes, senhor da Ásia, tem os olhos. A coragem daquela mulher o assombra tanto, que êle já dera, na véspera, o seu nome à costa setentrional da Eubéia. Tivesse escutado o seu conselho, de que fôra intermediário Mardônio na manhã mesma da batalha, e a frota persa continuaria incólume, aguardando a dispersão dos gregos confederados... E a voz que me vem agora é da rainha de Halicarnasso. E' tarde, porém, demais, para que eu lhe atenda à convocação sagrada.

Na *Ilíada,* irritado contra Agamenon, que lhe arrebatara Briseida, Aquiles retira-se para a sua tenda, encosta o arco e a lança, e cruza os braços, indiferente à sorte da guerra. Debalde o invectiva o rei de Argos. Debalde lhe discursa Nestor, cuja palavra é um mel de prudência e sabedoria. O herói sacode a cabeça, e recusa. Não mais a sua flecha cortará o céu, que paira sôbre Ilio, portadora da morte e do estrago.

Como Aquiles diante de Tróia, estou eu, hoje, na minha tenda. E é sentado sôbre o meu escudo, que, vencendo os séculos que

nos separam, vou contar a Artemísia, rainha de Halicarnasso, os motivos por que não retomo o arco e a lança, e não corro a figurar, combatendo, nas páginas de fogo da nova epopéia.

2

Poucos homens terão compreendido tão cedo, quanto eu, os defeitos do regime a que obedecem as sociedades contemporâneas, e terão sofrido mais fundamente as consequências dêsses defeitos. Desde a oficina de alfaiate em que trabalhei menino e órfão; e da tipografia em que fui operário adolescente; e dos seringais em que me perdí na mocidade; e dos balcões e escritórios em que misturei os cadernos de venda com os cadernos de ditado e os livros de estudo com os livros de escrituração; desde as vizinhanças do berço até às vizinhanças do túmulo não tenho encontrado, em suma, no caminho e à margem dêle, senão documentos clamorosos da constituição arbitrária do mundo.

E, no entanto, não tenho coragem de afirmar que êste seria melhor, feito de ou-

tra maneira. Não me atrevo a dizer que a felicidade humana está no nivelamento das classes e que há, entre as doutrinas correntes e em experiência, uma destinada a corresponder a essa eterna aspiração das massas proletárias. Sei, e compreendo, que se faz mister destruir o Estado burguês, arrasar a aristocracia do ouro que se levantou sôbre os escombros da aristocracia do sangue. Compreendo, e sei, que se torna preciso modificar as válvulas econômicas da sociedade, de modo a poder-se irrigar, tornando-as mais produtivas, as camadas populares, as quais produzirão incomparàvelmente mais, com o braço e com o cérebro, se chegarem até elas, em pão, ensino e confôrto, o que consomem supèrfluamente, no vício e no luxo, as camadas superiores. Como, porém, estabelecer o equilíbrio social dentro dêsses limites, com os elementos materiais e morais que se apresentam aos olhos do filósofo e do sociólogo, toda vez que êle medita sôbre a vastidão e a responsabilidade da obra? Quem teria coragem de dinamitar um cais provisório antes de levantar as muralhas de outro, definitivo, diante do mar furioso e troante?

Nenhuma das ideologias que têm nesta hora a bandeira ao vento, conseguirá realizar, penso eu, o sonho de todos nós, proletários do martelo ou da pena. Taine compreendeu, e demonstrou, que todos os males que detiveram a marcha da Civilização no sentido da felicidade humana, no século XIX, provieram da concepção abstrata dos *Direitos do Homem* e, particularmente, da extensão que se deu à liberdade individual. "Todas as vezes que se vir toda a gente tranquila em um dêsses Estados a que se dá o nome de República, — observa Montesquieu, no IX capítulo da *Grandeza dos Romanos e sua decadência,* — pode-se dizer que aí não há liberdade". A liberdade dá, sem dúvida, ensejo à inquietação, à balbúrdia, à polêmica, às divergências, que terminam por sacrificar a cousa pública. E o século XIX levou muito longe o direito à liberdade, ou, melhor, deu-lhe uma interpretação que prejudica a marcha da sociedade no sentido da felicidade coletiva.

Para conseguir-se alguma cousa contra a burguesia num Estado moderno, faz-se mister a eliminação provisória da liber-

dade. Só a ditadura, ou, mais claramente, a tirania, pode fazer hoje alguma cousa, no mundo, em favor do proletariado. Essa ditadura ou essa tirania, tem de cair, porém, como a chuva ou o sol, sôbre os burgueses e proletários. A liberdade tem que ser cassada a uns e a outros, para que o ditador, ou o tirano, faça uma nova distribuição de confôrto e de direitos, de acôrdo com as conveniências da paz e da ordem, reguladas pelo Estado, que êle encarnará. E o que se vem advogando hoje, principalmente entre nós, é a concessão de maior soma de liberdade aos que ainda a recebem com restrições, como se a ordem e o progresso humanos não fossem o efeito de fôrças coercitivas. "Eu prefiro à República, um tirano filantropo, instruído, inteligente e liberal", — confessava Renan. E eu resumo nessas palavras corajosas todo o meu pensamento.

O comunismo, que tem, como ideologia, a denominação de "ditadura do proletariado", é, de fato, em parte, e assim o consideram na Rússia, uma "ditadura para o proletariado". Um grupo de homens inteligentes e audaciosos, alguns mais audaciosos do

que inteligentes, prometeram a operários e camponeses o domínio do Estado, e, com o auxílio dêles, destruíram a aristocracia. Feito isso, assumiram o poder, organizaram uma ditadura, e passaram a deliberar em nome das classes proletárias, fazendo-lhes todo o bem que lhes é possível, embora sem assegurar o confôrto que essas classes reclamam, e, muito menos, a esperança de predomínio e de liberdade a que elas aspiravam. Os Soviets constituem, enfim, uma ditadura para o proletariado. Não são, porém, de fato, uma ditadura do proletariado. E essa é, aos meus olhos, a maior das suas vantagens sôbre os demais sistemas políticos que se disputam a nova direção do mundo.

Examinaremos, assim, como se poderia estabelecer no Brasil o legítimo comunismo russo, contentando parcialmente os espíritos conservadores e desapontando, pela contemplação da realidade, os que imaginam o comunismo uma explosão de liberdades, quando êle é obtido, na verdade, na própria Rússia, pela harmonia dos sacrifícios.

3

Em virtude das circunstâncias já expostas, a idéia de um surto comunista no Brasil deve preocupar, forçosamente, os espíritos esclarecidos e prudentes. O comunismo da concepção brasileira é o comunismo teórico, que a Rússia fabrica para exportação. Segundo êle, o proletário, senhor da fôrça, fonte viva da produção, deve ser o orientador do mundo. Moscou, cabeça imensa oscilando entre a Europa e a Ásia, levantou, em verdade, soldados, camponeses e operários, mas êles nem reinam, nem governam. No momento em que, vitoriosos, tentaram lançar a mão sôbre a cousa pública, ergueu-se, entre êles e a nação, o pelotão homérico chefiado por Lenine, que lhes deteve o gesto e o passo e que assumiu a responsabilidade do govêrno absoluto. Êsse pelotão, de que faziam parte, inicialmente, além do mestre e comandante, Trotzky, Bukharine, Kamenev, Lunatcharsky, Swerdlov, Ouritzky e Prokrowsky, não saiu, porém, das fábricas, das casernas, dos trabalhos do campo ou do porão dos navios; saiu das Universidades, dos grupos intelectuais, de

uma esfera mental que correspondia à das antigas classes dirigentes. E é sabido o preço pelo qual êsses gigantes mantiveram as rédeas da ditadura. E' sabido a que excessos foram êles forçados para que a Rússia não tombasse na anarquia completa. E' sabido, em suma, quantos milhões de persas, operários, camponeses e soldados, que sonhavam a posse da fortuna pública, foram destruídos por êsse punhado de lacedemônios, nas Termópilas do poder.

Entre nós, porém, onde estão os homens capazes de conter as massas, depois de manejá-las? Na Rússia, êles não foram improvisados. Representavam vinte anos de estudo e de experiência na Sibéria ou no exílio. Nenhum saiu na véspera do Kremlim, da intimidade dos grão-duques e dos esplendores da côrte, abraçando a Revolução simplesmente por lhe ter pressentido a vitória. E em que forja, no Brasil, estão sendo trabalhados no aço o coração e o caráter dos Stalines de amanhã?

O resultado do comunismo no Brasil, com as massas que o constituem e com os chefes que êle poderia mobilizar, seria, apenas, a repetição do que está sucedendo na

China: quatrocentos generais de opereta chefiando quatrocentos grupos de famintos, os sinceros vivendo do saque, da rapina, da pilhagem, e os mais espertos sustentados pelo ouro estrangeiro, que viria fomentar a anarquia para que nos tornássemos mais fàcilmente a presa dos povos imperialistas. E explorado por uns e outros, o povo desvairado, errante, miserável, sem liberdade, sem esperança, a assistir ao esfacelamento da Pátria!

"Diante de nós borbulham as fontes de uma fé moderna, que esperam ser captadas", — escrevia há pouco tempo o Sr. Lucien Romier. E adiantava: "A tarefa dos escritores na elaboração de um grande século parece-me primordial". A redenção do mundo cabe, efetivamente, às *élites*. Faz-se mister que um grupo de homens de pensamento, transformados em homens de ação, elabore o século inicial da nova era da humanidade. Mas, onde estão, entre nós, êsses homens providenciais? Onde os espíritos que, como na Rússia, compreendendo os sofrimentos do povo, assumam a tutoria das massas proletárias, com energia e inteligência?

Tornam-se necessários trinta, quarenta ou cincoenta titães, que nos fabriquem a pátria e a sociedade novas. A mão se me queda porém, suspensa, esperando que a memória lhe forneça, generosa, o nome do primeiro.

4

Na falta de um povo que possua o instinto político, e de homens públicos que reúnam a cultura, a fôrça de caráter e o espírito de sacrifício ("Ah! la turbe est ignoble et l'élite est indigne!", troveja o velho Hugo, com a trompa de Josué), que se deve fazer, no Brasil, para impedir a sua precipitação na anarquia chinesa? Que tarefa compete, neste momento, aos homens medianos que somos nós, para evitar uma revolução social, com a exploração da miséria das massas pelos ambiciosos que se estão movendo no meio delas? Uma cousa, apenas: melhorar-lhes as condições de vida, fornecendo-lhes mais pão do que liberdade, porque a liberdade é a mais perigosa das armas nas mãos de um povo que não tem pão.

O momento é o mais propício a essa medicina preventiva. As massas populares, no Brasil, não fazem questão do voto, de direitos políticos, de regalias constitucionais, mas de trabalho e de bem-estar. As eleições só interessam aos políticos, às classes intelectuais, aos parasitas diretores do Estado, ou aos que levam vida de imaginação. Pergunte-se a um trabalhador urbano ou rural se êle quer, como na história infantil, muitos direitos e pouco salário ou muito salário e poucos direitos, e ver-se-á como êle prefere, prontamente, a segunda proposição. A liberdade integral, entre os povos pobres e sem espírito público, é mais uma vaidade do que uma necessidade.

A missão dos que têm, nesta hora, entre os dedos, a brida e o cabeção da República, e dos que os tiverem amanhã, quando se elaborarem as leis definitivas do novo regime, deve ser, portanto, esta: melhorar as condições do proletariado, antes que êle resolva melhorá-las, êle mesmo, comprometendo a sorte do Estado e, com êste, o próprio destino. Em primeiro lugar, faz-se mister interessar o operário na prosperidade das fábricas em que trabalham, dando-lhes uma participação nos lucros, de modo que a vida opulenta do patrão não constitua, como acontece atualmente, um insulto à sua miséria. Não é irritante, realmente, ver levantar-se no centro da cidade um palácio de milhares de contos, no momento em que o proprietário reduz o salário dos trabalhadores das suas fábricas, reduzindo-lhes, portanto, o pão, e apenas um ano depois de haver pedido aos poderes públicos o aumento das tarifas alfandegárias para evitar a concorrência estrangeira aos produtos da sua indústria?

Em segundo lugar, urge rever a nossa legislação agrária, se é que alguma existe, digna dêste nome. E' preciso acabar com os latifúndios, com a manutenção de imensas extensões de terras nas unhas dos políticos dos Estados e dos coronéis dos municípios, que não as utilizam, quando em tôrno fervilha uma triste multidão miserável, que não tem onde atire um grão de milho ou um caroço de feijão para a fome da companheira e dos filhos. A terra é de quem a pode cultivar, e não de quem a recebeu do pai ou do avô, o qual a arrancou à gente humilde que a trabalhava. "A des-

graça do Brasil é o arame farpado", dizem os sertanejos, e repete um personagem do romance do Sr. Pedro Mota Lima. E é essa uma das maiores verdades que rolam pelo sertão, como as pedras dos caminhos.

Faça-se uma distribuição mais radical das rendas, de modo que possamos ter mais hospitais, mais higiene, mais escolas, mais serviços de assistência. Suprima-se o suntuário em proveito do necessário. Modifique-se a lei do sorteio militar, de modo que ela se não torne um fator de despovoamento do interior e do congestionamento das cidades, mas de melhoramento daquele por estas. Que o sargento, o tenente, e o capitão sigam para as vilas sertanejas a ministrar o ensino militar e cívico aos rapazes da roça, acabando com o luxo de mandá-los vir da roça para onde não voltarão mais, afim de se perverterem e inutilizarem nos grandes centros do litoral.

O Uruguai tem os seus portos abertos aos agentes de Moscou. Estes nada conseguem, porém, alí, preferindo atuar sôbre as massas argentinas e brasileiras, porque os homens públicos uruguaios vacinaram a nação contra o comunismo, concedendo aos

seus trabalhadores favores econômicos que neutralizam todas as promessas de hegemonia política. E' a essa obra que devemos entregar-nos, de acôrdo com as necessidades especiais da nossa gente. A essa, apenas, e não ao trabalho literário de manipular uma legislação de luxo, como a de 1.º de outubro de 1930, em que se procurou mais conquistar no operário um eleitor possível do que corresponder a uma exigência da vida nacional.

A fauna política do Brasil é pobre. Não possue gigantes. Mas pode, na sua mediania, suprir a inspiração com a reflexão, o gênio com o bom senso, a inteligência com a boa vontade. Faltam-nos materiais para empreender uma grande revolução feliz; mas podemos remediar essa deficiência de homens, e de massas populares em que êles trabalhem, com uma evolução segura, embora vagarosa, das peças que nos compõem o aparelho econômico.

Que poderei eu fazer, porém, em proveito desta idéia, se o tempo exige a ação e eu disponho apenas do pensamento? Se êste possuir, todavia, alguma utilidade, aquí está. Não serei um hoplita, de escudo e es-

pada, pronto para o ataque, como os quatrocentos de Epítadas em Sfactéria. Mas um auxiliar dos que combatem, como os gageiros genoveses da Renascença, de mão em pala sôbre os olhos, vigiando atentamente o horizonte, para anunciar aos homens do leme e das velas os perigos da navegação. E é no exercício, já, dêsse mister humilde mas útil, que levanto a voz nesta hora, e grito, dirigindo-me a quem tiver ouvidos para ouvir:

— Inimigo à prôôô-ôa!...

5

À semelhança daquele Elcias, do poema hugoano, que, durante quatro dias, diante do imperador Raterto, lançou à face da nobreza, dos soldados, do clero e do povo palavras faiscantes de verdade e, no último, entregou a cabeça ao carrasco, eu consumí, Celina Napalèse, quatro dias respondendo pùblicamente à sua carta, com os quatro capítulos que, possìvelmente, você leu. Falei aos homens, dirigindo-me a você. Contei ao mundo o meu pensamento social e político, voltado para a sombra que me falou. Encerrado o último dia de Elcias, baixo, agora, a voz, e falo ùnicamente a você.

Pergunta-me por que, conhecendo a vida dos humildes, a tragédia anônima de cada um dêles, não revelo aos homens das altas camadas da sociedade, em romances que retratem a existência do proletário brasileiro, as dôres, as revoltas, as decepções, os segredos dramáticos do microcosmo de que fui personagem. Indaga você por que, tendo descido aos Infernos, como Orfeu, ou ao Inferno, como Dante, e regressado incólume da excursão tormentosa, não transmito aos vivos, em obras de profundo fôlego literário, o que Cérbero me disse com o seu uivo e Virgílio me contou com a sua palavra. Quer você saber, em suma, por que, tendo mergulhado na cratera do vulcão, não trouxe ainda para as letras um pouco da lava que ferve nas entranhas da terra, de modo a prevenir os homens imprudentes contra a erupção que se prepara.

E é isso que eu preciso explicar a você, Celina Napalèse, autora misteriosa da "carta da meia-noite". Seu interêsse pelos humildes, pelos galés que remam, nos rios dêste mundo, as galeras em que os ricos

amam e bebem, determinou a dilatação do meu discurso, para que você melhor me conheça, fixando a fisionomia das minhas idéias. Falei muito, talvez, e não disse nada. Mas é que eu me estou exercitando para falar às massas populares, que amam, na palavra, mais a sonoridade do que a substância.

Não há, na minha vida, ambição maior, minha ilustre camarada desconhecida, que a de escrever obras que se tornem úteis aos homens de hoje e fiquem na memória dos homens de amanhã. Como poderei eu, porém, fabricar um móvel majestoso e sólido, se na minha existência de carpinteiro das letras tenho de pôr à venda, cada manhã, no mercado, a tábua que aplainei à noite? Como poderei escrever um romance forte, um trabalho de meditação ou de observação, se tenho de vender, a retalho, as idéias miúdas que me vêm, e se não há compradores na praça para as outras de maior porte? Que aspiração pode alimentar, ainda, um escritor, cujas ilusões caíram todas, e morreram, como pássaros, na gaiola da realidade, e que tem de ralhar diàriamente com o cérebro por ordem imperiosa do estômago? Idéias, tenho-as muitas, embora não sejam de primeira qualidade. Tenho, mesmo, queimado algumas, e lançado outras ao mar, afim de valorizar as restantes, adaptando, no caso, às cousas do pensamento, a nossa política do café. E o resultado é o mesmo. A concorrência estrangeira continua a matar o meu produto, isto é, a fazer com que as minhas idéias, os meus altos planos e os meus estudos de vária ordem, se deteriorem nos armazéns.

Fique, pois, você, incumbida de uma piedosa missão, que será o prêmio de minha vida, conferido depois da morte: quando eu me partir dêste planeta inhóspito, espalhe entre os proletários do seu bairro o meu nome, acrescentando, num ato de justiça:

— Era dos nossos, coitado! Apenas, não fez nada por nós nem por si mesmo, porque passou a vida a insistir no comércio mais idiota dêste mundo: vendia miolo da cabeça para comprar miolo de pão!

6

Quem leu por descuido, penitência ou desfastio, os cinco artigos anteriores, pode

não se ter convencido da solidez e da legitimidade das minhas idéias; mas reconheceu, sem dúvida, a sinceridade com que as justifiquei. E' possível que me encontre no caminho do êrro; mas, nesse caso, serei apenas uma vítima da ignorância, que é perdoável desde que não seja voluntária. Manifestam-se em tôrno de nós fenômenos assombrosos, porque a Natureza é múltipla e complexa na sua capacidade criadora. Como, porém, o cérebro humano é um aparelho de função limitada e só possuímos cinco sentidos quando se tornariam necessários talvez cincoenta ou cem para a percepção da vida cósmica, o homem só considera existentes os fenômenos atingidos pela sua compreensão. Vozes vindas de longe, vibravam no ar, eloquentes e nítidas: foi preciso, entretanto, que se descobrisse a lei que rege as vibrações da atmosfera para que escutássemos os mil rumores que tumultuavam no espaço, e a que o nosso ouvido era surdo.

Cada indivíduo é portador involuntário dos hábitos e dos prejuízos do seu século. Cada geração se supõe depositária da Verdade Eterna, condutora do facho que

iluminará definitivamente o mundo. Eu serei, talvez, uma vítima dessa ilusão coletiva. Não será preferível, porém, e mais honesto, que eu afirme um êrro, uma superstição em cuja intimidade fui criado, a bater-me insinceramente por uma Verdade em que não creio? "O defeito de Robespierre é crer no que diz", observa Mirabeau. E eu sou como Robespierre.

Respondendo em carta particular, às considerações que aduzí contra a religião política de que se tornou sacerdotisa, Celina Napalèse apela para a minha lealdade, afim de que ela obtenha, na imprensa, uma coluna em que possa demonstrar pùblicamente a inanidade dos meus argumentos. Que o público seja o nosso juiz. Que a cidade, ou o país, lendo os meus artigos e os dela, possa dizer com qual de nós se encontram a razão e a verdade. Aceitando, como o cavalheirismo me impunha, o desafio gentil, pedí, neste jornal, para a minha contraditora, um palmo de coluna durante alguns dias.

Eu tenho, todavia, a confessar que não sou tão impermeável às idéias novas como

me supõe a minha brilhante antagonista. Entre a admiração que se pode ter por uma teoria política e o entusiasmo pela prática dessa teoria, em determinado país, há diferença considerável. Eu fui, sabem disso os comunistas brasileiros, o primeiro escritor que assumiu, no Brasil, a defesa de Lenine e das suas idéias. A Revolução Russa ainda se achava em estado de nebulosa quando, em 1918, eu escreví, na imprensa, a apologia de Vladimir Ulianof, e dos seus irmãos de sonho e martírio, em artigo fixado em livro em 1923.

Atualmente, só me assistiriam motivos para incorporar-me àqueles que se batem pelo advento dos humildes, se não tivesse o pensamento neles, e não receasse sacrificá-los ainda mais, na esperança vã de vingar-me dos que me derrubaram do andaime quando trabalhava no edifício político da velha República. Nunca fui um proletário tão caracterìsticamente definido como o sou agora. Há quasi dois anos retirei meu filho e minha filha adolescentes dos colégios em que aprendiam ciências aristocráticas, e os atirei à vida prática, onde me auxiliam a ganhar o seu pão.

Vejo-os sair, todos os dias, um às sete, outra às seis horas da manhã, afrontando a chuva e o frio, ainda meninos, para a luta pela vida. Mas é por isso mesmo, por ser um proletário entre proletários, que temo se aventurem estes a uma emprêsa em que seriam sacrificados inùtilmente.

O comunismo é belo, sem dúvida, como doutrina. Mas é uma doutrina que exige, para ser executada integralmente com eficiência, material humano que não temos e que a própria Rússia só está conseguindo à custa de muito sangue. Implantado no Brasil, ou faliria, prontamente, dissolvendo-se na anarquia, transformando o país em um caos, ou reclamaria, primeiro, uma hecatombe, devorando alguns milhões de inocentes.

Comunismo é disciplina no trabalho, holocausto do indivíduo ao Estado, abdicação da personalidade em favor da coletividade. E' renúncia e sacrifício. E não é essa a convicção das massas brasileiras animadas, por enquanto, na sua maior parte, de simples espírito de represália e epicurismo. Para o nosso homem do povo, a era comunista será assinalada pelo gôzo da for-

tuna dos ricos pelos pobres. E que desilusão seria a sua quando, ao penetrar os domínios da realidade, soubesse que não lhe era mais permitido ficar em casa quando quisesse, e falhar ao serviço quando entendesse, por haver acima da sua vontade uma fôrça prestigiosa à qual se encontrava submetida a sua atividade? O comunismo, se viesse a encontrar os homens de ferro que lhe faltam, faria do Brasil uma nação organizada e do brasileiro um aparelho disciplinado e fecundo. Quantos milhões dêles teriam, porém, de ser levados ao muro, numa lição aos demais, até que perdessem a concepção de liberdade que a demagogia lhes fixou nos miolos? Quantos teriam de ser sacrificados no campo e na cidade, para que o resto se convencesse de que a felicidade humana da fórmula comunista é obtida, não pela inversão do regime social hoje vigorante, mas por uma distribuição equitativa de direitos e deveres? Quantos, preferindo a fome na liberdade ao pão com disciplina, se insurgiriam, saudosos da vida antiga, e iriam pagar com a vida o crime de rebelião?

E' isso apenas que eu receio, Celina

Napalèse, minha adversária que me fala mergulhada na sombra. E como é profunda a minha convicção, pode procurar na imprensa, de acôrdo com o seu pedido, o seu pedaço de coluna, afim de que me contradiga e eu lhe possa demonstrar, de novo, que o comunismo é um formoso sonho internacional ou universal, mas que eu temo ver em execução no Brasil, porque conheço, como partícula dêle, a índole e o coração do meu povo.

II

AS RAZÕES DO "VIRA-LATA"

"Foram arrematados, e, assim, salvos da morte, no canil da Prefeitura, em São Cristóvão, todos os cães de raça apreendidos na rua. Os cães comuns foram todos fulminados na jaula elétrica".

(Dos jornais)

ONTEM à noite recolhia-me à casa, encostando-me às paredes para evitar o chuvisco impertinente que polvilhava a cidade desde a véspera, quando, à esquina da rua Machado de Assis com a do Catete, escutei um ruído de dentes famintos que experimentassem a resistência de um osso. Aproximei-me do lugar de onde vinha o rumor, e dei com um velho cão de via pública, dêsses que vagueiam às centenas pelos subúrbios do Rio de Janeiro e se espalham, em incursões silenciosas e temerárias. Era negro, de focinho que devia ter sido branco, mas trazia o pêlo semeado de manchas claras, e que não eram senão cicatrizes, marcas de pauladas dos homens e dos den-

tes afiados dos outros cães. A espinha se lhe curvava em arco, pelo frio e pela miséria. Trazia, em suma, na figura humilde e desconfiada, todos os estigmas da fome e da vida incerta. Roía um osso de boi, que arrastara involuntàriamente para a claridade de um combustor, e, ao ver-me, fixou em mim os olhos injetados de sangue, e arreganhou os dentes, como se, pelo meu aspecto, tivesse mêdo que eu lho fosse disputar.

— Boa noite, amigo, — disse-lhe, tranquilizando-o. — Você também é República Velha?

O "vira-lata" acocorou-se calmamente sôbre o trazeiro pelado, pôs, por segurança, as duas patas em cima do osso, e rosnou, surdo:

— Boa noite, "camarada"!

— Você tambem é República Velha? — insistí. — Pelo seu estado vejo que você tem sofrido seu bocado... Tomaram-lhe o seu cartório ou perdeu a sua cadeira no Congresso?

— Não me fale nessa gente, senhor. Eu sou cachorro; o senhor não vê?

Achei melhor mudar de conversa. O desventurado era orgulhoso na sua miséria,

e convinha respeitar a sua altivez desgraçada.

— Diga-me uma cousa: você já sabe o que aconteceu anteontem à tarde no canil de São Cristóvão? Soube que mataram todos os cães de rua, e salvaram todos os cachorrinhos de luxo que haviam sido aprisionados na via pública?

O velho cão deteve-se, calado, por um instante. Afugentou um inseto imaginário que parecia lhe haver pousado no focinho sujo, e, em seguida, respondeu, pausado:

— Se eu fosse um homem, consideraria uma deshumanidade a sua pergunta. Mas, sou um cão, satisfaço a sua curiosidade humana. Todos nós, cães de rua, sabemos o que se passou. Estamos informados da desigualdade canina que ficou consagrada, anteontem, em São Cristóvão. Mas isso não nos atemoriza nem nos fará desesperar do nosso destino. Dia virá em que nos sentiremos pagos de todas essas afrontas impiedosas. Êsse dia não vem longe. Marchamos para lá...

— Projetam vocês, "vira-latas", alguma agitação coletiva?

— Nós? Não, meu "camarada". A agitação, ou antes, a represália, não está projetada; já vem sendo executada há mais de um século...

— Há mais de um século? — estranhei.

— Há mais de um século, sim. Não conhece você, por acaso, a história dos "vira-latas"? Pois, olhe; ela anda por aí, em todos os livros dos homens.

O velho cão de focinho sujo deitou-se sôbre o ventre, para conversar mais cômodamente, e começou:

— Há mais de um século, os cachorros de raça eram senhores absolutos de todos os cães, exercendo sôbre êles direitos de vida e de morte. Quando morria um cão de luxo que governava os outros, o filho lhe tomava, imediatamente, o lugar, e todos os outros cães lhe prestavam obediência. Os "vira-latas" andavam dia e noite por vales e montes, à procura de comida para êles. Viviam de fita no pescoço, rodeados de cadelinhas mimosas, perfumadas, todas de raça. E o resto dos cães trabalhando para êles. Tinham nomes numerados, para não se confundirem: Totó I, Totó II, Totó III,

Lulú IX, Lulú XII, Lulú XIV, Mastim VII, Mastim VIII, Mastim IX, Mastim X; Bulldog I, Bulldog II e por aí adiante. Para que êles vivessem felizes, morriam milhões de "vira-latas". Até que, há mais de um século, em um país da Europa, achando-se no trono um cachorro de luxo, que usava o nome de Lulú XVI, os "vira-latas" da cidade se revoltaram, mataram o Lulú, a família do Lulú, os amigos do Lulú, e viraram a louça toda dentro de casa, metendo o focinho em todas as caçarolas que encontraram. Nos outros países fizeram o mesmo. E reinou uma alegria sinistra entre todos os cachorros pobres! Sucedeu, porém, que alguns "vira-latas", abusando da situação, tomaram conta das casas dos cachorros de raça, e começaram a escravizar os antigos companheiros de miséria. E renovou-se a situação; os mais espertos passaram a considerar-se nobres, e os "vira-latas" continuaram a ser o que sempre foram, e, o que é peor, a sentir-se mais desgraçados do que nunca.

— E agora?

— Agora, estamos preparando o novo

movimento contra os cachorros que fazem a nossa desgraça.

— Na terra inteira?

— Na terra inteira, sim. E o que desejamos, é a igualdade universal dos caninos, com a "vira-latação" do mundo.

— E já conseguiram vocês alguma vitória?

— Nós? Como não? Não conhece, porventura, o caso da Ilha dos Cães? Na Ilha dos Cães, os "vira-latas" mataram todos os cachorros de luxo, e os que ficaram viram-se, para viver, obrigados a procurar osso podre no monturo. Tudo lá, agora, é "vira-lata". E é o sistema dêles que nós desejamos inaugurar por toda parte, em todos os pontos da terra. Por êsse sistema, o osso e a carne são de todos. Quando um cachorro descobre um osso, leva para o chefe dos "vira-latas" guardar. E êsse distribue, depois, por todos, aquilo que foi encontrado. A todos toca do bom e do mau. E é êsse regime que nós desejamos implantar aquí.

— E vocês alimentam alguma esperança?

— A esperança não entra em nossos cálculos. O nosso dever é trabalhar para

que o dia da vitória raie no mundo. Quando chegará, não importa. Preparamos o destino dos cães que vierem depois de nós. E é só. Quer um pedaço dêste osso?

— Não; obrigado. Eu já não tenho dentes fortes; vivo a apanhar môscas...

— Então, vá embora. Não me incomode.

— Adeus, "vira-lata"!

— Adeus, "camarada"!

III

O CÔRO DOS CHEFES BRASÍLICOS

FOI um sonho mais ou menos estranho o que tive ontem. O badalo de um grande sino de igreja, confirmando meu relógio de cabeceira, acabava de amontoar, com doze moedas de ouro, uma sôbre as outras, as doze badaladas da meia-noite, quando me deitei, e dormí. E, de pronto, me vi numa praia extensa, e limpa, e clara, e toda lavada do mar e batida do vento. Algumas árvores debruçavam-se nas ribanceiras, ensombrando a areia húmida. E dominando o mar, e a praia, os dois braços de uma Cruz de madeira tôsca, em tôrno da qual se aglomeravam centenas de homens nus, de pele curtida ao sol. Amarrado à base da Cruz, com embiras e cipós, um homem vestido, e branco, de cabelos lisos que lhe vinham até os ombros e longa barba negra que lhe descia até ao peito. Paisagem de Pôrto-Seguro, na *Primeira Missa do Brasil,* de Vitor Meireles. Animam-na, dando-lhe decoração

humana, os indígenas. Ligado à Cruz, prisioneiro, Pedro Álvares Cabral.

Mais de quatro séculos rolaram, já, sôbre a chegada da primeira nau portuguesa. Em virtude de um entendimento geral, os chefes autóctones, bronzeados heróis de raça tapuia e tupí, haviam entrado para o sertão, entregando a terra ao invasor. Durante quatrocentos e trinta e dois anos êste havia dominado incontrastàvelmente no país que o selvagem lhe deixara nas mãos. E eis que, de repente, vendo o destino que o branco dera à terra cabocla, o índio retornava ao litoral, e pedia contas ao europeu da obra por êle realizada desde o dia em que aquí desembarcara.

— Tu cativaste os meus filhos, que morreram nas tuas roças, trabalhando e sofrendo como escravos, quando haviam vivido como guerreiros livres e leais! — acusava Jarapaíba, o que tem o braço rijo como o pau-d'arco, chefe poderoso e invencível dos caités. — Prometeste ensinar-lhes a verdade que os teus abunas prègavam, e êles cresceram, viveram e morreram, zombando das cousas sagradas. Tiraste Tupã do seu coração e não puseste lá dentro outro Deus! Maldito sejas tu, destruidor!

— Condenavas o cauim que bebíamos, rebaixando o homem que se embriagava; e foste buscar nas terras alheias outras bebidas que embriagam e envenenam os meus filhos! — trovejava Jacaúna, chefe dos potiguares. — Tiraste aos meus descendentes os seus vícios que tornavam os fracos em heróis, para lhes ensinar os teus que debilitam e acovardam. Maldito sejas tu, civilizador!

— Chamavas-nos selvagens, porque nos combatíamos uns aos outros, tamóios contra tamóios. — E olha como vivem os meus filhos! Prometeste adoçar-lhes os instintos, tornando-os amigos uns dos outros. E olha, vê como êles se hostilizam e combatem! Vê como se armam, e marcham uns contra os outros, tamóios de Bertioga e tamóios de Paranapuã! Maldito sejas tu, corruptor!

E Taratana, o ardente chefe dos tremembés:

— Meus filhos guerreavam com a tangapema e a flecha. Levavam a morte nas mãos, lançando-as contra o inimigo. E tu lhes arrancastes as suas armas valentes,

dando-lhes outras vís e covardes, que matam de longe, e cujo manejo não requer a coragem! Amaldiçoado sejas tu, invasor!

E Ajuruêtê, chefe dos guaianazes:

— Disseste, ao chegar, que ias fazer da nossa terra o Paraíso de que falavam teus padres. E olha a devastação em tôrno de nós! Onde estão as florestas ricas que te confiámos? Tornaste-as em carvão e cinza! E onde a paz, a ordem e a lei, se os meus filhos por toda parte contendem, lutam e se queixam? Maldito sejas tu, devastador!

E Batuirêtê, o ancião da grande nação tabajara:

— Mandaste às tabas do meu povo a perfídia da tua gente. Seduziste Iracema com os olhos do Guerreiro Branco, e eu entreguei a minha tribu aos cuidados da tua sabedoria. Prometeste que não faltariam, nunca mais, a caça e a mandioca nas tabas de Maranguabe. E meus filhos morrem à fome! E a minha tribu se extingue! E os homens do sangue de Iracema erram pelos desertos que fizeste! Maldito sejas tu, descobridor!

E todos, em côro:

— Homem Branco! Homem Branco! Devolve-nos a nossa terra! Restitue-nos nossas florestas! Dá-nos as nossas flechas! Volta com as tuas tôrres, com as tuas armas, com as tuas roupas e com a tua perfídia, para o outro lado do mar!

E agitando os punhos fechados:

— Maldito sejas, Homem Branco!

Acordei. O relógio marcava meia-noite e um minuto. Um minuto de sonho corresponde a quatro séculos de realidade.

IV

AS PEÇAS DO DR. DESTINO

O Destino, que torna Édipo incestuoso e parricida, e leva Teseu ao trono em Atenas, compraz-se, também, às vezes, no arranjo de comédias, para cujo desempenho escolhe, indiferentemente, alguns homens. Debalde o artista preferido por êle apresenta desculpas, temendo a platéia. O autor é inflexível. Empurra a vítima para o palco, e fica por trás dos bastidores a divertir-se com a situação do desgraçado, e a ver como se vai êle sair da complicação. Em vão o mísero pede silêncio ao público para explicar-se, para dizer que não está diante dêle pela sua vontade, e denunciar a maldade do sujeito que o atirou para alí, e que se acha escondido atrás da cortina. A assistência não admite, porém, esclarecimentos. E a vaia troveja, e as batatas cruzam-se no ar, castigando o inocente, que foge, afinal, do tablado, depois de ser punido por um crime de que não tivera culpa.

Imaginoso e infatigável, o Destino oferece, sôbre os outros escritores de teatro, a vantagem de não cobrar direitos autorais, e de representar as suas peças em qualquer palco do mundo. Cada um de nós não está livre de ser, a qualquer momento, intérprete das suas criações cômicas ou dramáticas. Se êle quiser, eu sairei daquí agora mesmo para matar uma senhora em Londres, ou para dansar de palhaço em um circo de Cascadura. Deus, empresário da Companhia Humana, pôs todo o pessoal à disposição dêsse autor. E êste, caprichoso e boêmio, tanto me pode distribuir, de repente, o papel de vagabundo, como me atirar ao ombro, de súbito, o manto de Imperador.

A pilhéria que êle acaba de fazer com êsse desventurado Inácio Hummel, em Berlim e em outras cidades européias, é daquelas que, uma vez conhecidas, dão vontade de vaiar o autor. Alfaiate humilde em uma das ruas daquela metrópole, onde punha dois óculos para poder enfiar uma agulha, Inácio Hummel, partidário de Hitler, fôra conhecer a Itália na esperança de pregar um botão na cueca preta de Mussolini. A linha da vida não é, porém, como a de

carretel, que uma pessoa parte nos dentes, quando quer. Chegado a Roma, Hummel não viu o Duce. Acabou-se o dinheiro da cerveja e da salchicha, e êle, desiludido, resolveu tomar o caminho de Nápoles. Alfaiate especialista em paletó e colête, viu, também, alí, a impossibilidade de matar a fome e a sêde com a profissão. A camisa preta abolira aquelas duas peças de vestuário. E Inácio, diante do Vesúvio, teve mêdo da morte.

Ocorreu-lhe, então, uma idéia. Alinhavou um plano, e foi procurar o cônsul do seu país.

— Senhor — disse — eu sou alemão, preciso voltar à pátria. Sou um antigo soldado, prisioneiro da França, durante a guerra. Só agora os nossos inimigos me puseram em liberdade.

— Seu nome? — indagou o cônsul.

— Oscar Daubmann.

Sucede, entretanto, que, por uma dessas casualidades que só Hummel e Freud poderiam explicar, Oscar Daubmann é justamente o nome de um antigo soldado desaparecido durante a guerra. Impressionado com o caso, o cônsul telegrafa confiden-

cialmente para Berlim. O fato é divulgado, e a imprensa abre fogo contra a França, que conserva nos seus cárceres os prisioneiros de guerra durante quatorze anos. O patriotismo prussiano vem para a rua, com as bandeiras desfraldadas, num protesto contra a barbaria gaulesa. Repórteres partem, de avião, para Nápoles, a entrevistar o pobre alfaiate, que já se acha, pelos jornais italianos, ao corrente da sua celebridade em Berlim, e das particularidades da vida de Daubmann, que êle supunha um nome da sua invenção, e era, contudo, o de um indivíduo que existira e andara na guerra. Desejando chegar a Berlim, Hummel deliberara manter a besteira, e continuar sendo Daubmann, até entrar em casa. Contente de encontrar um pretêsto para reencetar velhas polêmicas, a imprensa italiana entra na discussão, defendendo o "mártir" e atacando a "ferocidade francesa", ao mesmo tempo que toda a Alemanha se comove, e prepara-se para receber triunfalmente o herói nacional. Comissões de patriotas são organizadas para saudá-lo na fronteira. E o alfaiate Inácio Hummel, que desejara apenas uma passagem de última classe para re-

entrar no seu país, chega a Berlim em trem especial, acompanhado de bandas de música e de delegações políticas, escutando discursos inflamados, glorificando o seu martírio, em todas as estações do caminho.

Surpreendida com essas manifestações que envolviam o bom nome do seu país, a polícia francesa resolveu sindicar o que havia de verdadeiro na história dêsse homem misterioso, cujas narrativas podiam ser causa de novas perturbações internacionais. E, em breve, pôsto ao corrente dos fatos, o govêrno alemão submetia Inácio a interrogatório, obtendo, dêle próprio, a terrível e jocosa confissão.

— Senhor, — disse o desgraçado, anteontem, ao magistrado que o inqueria, — eu sou um pobre alfaiate sem recursos, que pretendia tornar à pátria. Para isso, lancei mão de uma pequena mentira, que eu supunha inofensiva. E quando dei acôrdo de mim, estava metido neste embrulho todo, sem saber como sair. Eu não me chamo Oscar, e jamais estive na França. Tudo isso é obra do acaso e da imaginação dos homens. Deixai-me, pois, regressar a uma oficina, onde faça colêtes e pregue botões. Eu

não entrei nessa complicação pela minha vontade. Fui herói à fôrça.

O peor, porém, agora, é que os patriotas de Berlim não querem acreditar no Inácio. O seu nome é Oscar — Oscar Daubmann. E, se diz, agora, que se chama Inácio Hummel, é porque, à última hora, se vendeu aos franceses.

E aí está uma das comédias amargas postas em cena pelo Dr. Destino, fecundo e infatigável escritor teatral. E' boa? E' má? Não sei. O que me preocupa é o pobre artista, assim explorado tão deshumanamente pelo autor. E de tal forma que, se eu estivesse mais perto do palco, meteria dois dedos na bôca, soltaria um assobio, e gritaria, com toda a fôrça do meu peito:

— Fiau!... Fora o autor!... Fora!... Fora!...

V

SEM "NOVIDADES" NO "FRONT"

A cidade perdeu ontem uma das suas figuras mais conhecidas, e das que mais alto falavam, exprimindo pùblicamente o seu pensamento. Em uma época em que tanta gente se queixa do cerceamento da palavra, e em que os mais atrevidos vivem a cochichar covardemente pelas esquinas, êle erguia a sua voz com desassombro nos lugares mais públicos da capital, num exemplo excepcional de civismo e de coragem. Que os pusilânimes se calassem, intimidados. Que os medrosos procurassem os lugares escusos para emitir uma opinião. Que os poltrões olhassem para um lado e para o outro ao transmitir ao ouvido de alguém uma notícia verdadeira ou um boato de conveniência. Êle se encaminhava para a Avenida Central, e, desafiando os poderosos de todos os tempos, proclamava, bem alto, aquilo que trazia para dizer. Faleceu, em suma, ontem, em um leito de hospital mantido pe-

la caridade humana, o "Novidades", o "camelot" mais popular do Rio de Janeiro!

Morreu, e a sua morte, como a sua vida, foi rica de ensinamentos preciosos. Aerólito sonoro aparecido de súbito e de súbito desaparecido, o "Novidades" constitue, realmente, com a história do seu destino, uma grande e formosa lição de sabedoria e de modéstia. Quem fez, no Rio de Janeiro, mais barulho do que êle? Quem, mais do que êle, chamou a atenção dos que passavam, e despertou mais simpàticamente a curiosidade da multidão? Quando, à tarde, surgia na Avenida Central, o público se detinha para escutar as palavras que êle ia proferir, sorrindo, com encanto preventivo, mesmo daquilo que não tinha graça nenhuma. E se êle se punha em marcha, logo se formava um séquito, uma esteira de admiradores e curiosos, que se orgulhavam da sua intimidade. Êle era, em suma, na Avenida Central, o único homem que se movia seguido de um cortejo.

Um dia, porém, o "Novidades" desapareceu. A tarde desceu das montanhas sôbre a cidade, e êle não atravessou a Avenida. Os pardais do largo da Carioca e da

rua da Assembléia, agasalharam-se com o seu alegre ruído de guisos aéreos, e o "camelot" não levantou sua voz estentórica, ante as filas dos automóveis parados. E ninguém deu pela sua falta. Ninguém se apercebeu da sua ausência. A cidade continuou repleta de povo, mas ninguém, nesse povo, sentiu o vácuo deixado por um homem. Operava-se, no ambiente, o fenômeno físico que se verifica ao retirar da água um corpo sólido nela mergulhado: a massa líquida restabelece a sua unidade, sem deixar vestígio do corpo estranho que retivera. No dia seguinte ao do último triunfo do "Novidades", já não restava, no "front" da Avenida, a mais leve memória dêle!

Semanas depois outro "camelot", que já lhe vinha fazendo concorrência nas ruas próximas tomou-lhe definitivamente o lugar. Era o "Polar", cuja glória nascente constituía, para o seu orgulho de veterano, a mais viva das preocupações de profissional. O "Polar", para o "Novidades", era o que fôra Racine para Corneille, e, militarmente, dentro da história nacional, o que fôra Osório, jovem, para Caxias, encanecido na guerra. E a multidão que o seguira

semanas antes, passou a acompanhar o seu sucessor, sem lembrar-se mais do campeão derrotado sem luta, e sepultado na sua mortalha de silêncio! "Tudo passa sôbre a terra"! — geme Alencar, encerrando *Iracema*. E os que muito gritam, e fazem ruído, ainda passam mais depressa do que os que passam calados...

Uma particularidade há, entretanto, que torna singular e comovente êste caso dos "camelots" cariocas. Ao saber que o seu antigo competidor e mestre se achava à morte, correu o "Polar" à enfermaria em que êle agonizava, levando-lhe com a sua presença um pouco de confôrto e de consolação humana. O "Novidades" ainda viu. Estendeu-lhe a mão que esfriava, numa expressão de agradecimento, e morreu. "Polar" ajoelhou-se ao lado da cama da caridade e rezou pelo adversário morto. Fez mais: sabendo que o "Novidades" iria ser sepultado como indigente, resolveu fazer, à sua custa, os funerais do velho "camelot", levando-o, em seguida, até à sepultura em que dormirá em silêncio, na morte, quem passou a vida inteira gritando...

Onde foi que se viu, já, no Brasil, gesto de tal beleza, fora da classe dos "camelots"? Qual o político, o homem de letras, o homem de ciência, o homem de negócios, que, após a derrota de um competidor, correu a estender-lhe a mão no infortúnio? Em que outra profissão se viu, já, tão alta manifestação de solidariedade?

O "Novidades" mostrar-se-á, porém, no outro mundo, convenientemente reconhecido. No dia em que chegar no Céu a notícia da morte do "Polar", êle lhe mostrará que sabe ser grato; sairá pelas alamedas do Paraíso vestido com uma sobrecasaca de morim branco, a sua cartolinha à cabeça, anunciando gratuitamente o acontecimento:

— Chega, gente! Está na hora! Vai chegar o "Polar"! Amigalhão de primeira! Santos e santas! Anjos e profetas! Apóstolos e virgens! Venham todos ver um camaradão que vem aí despachado para o Céu! Venham ver o "Polar"!... Olha o "Polar"!... Olha o "Polar"!... Olha o "Polar"!...

VI

OS DOIS PALHAÇOS

ANTEONTEM, pela manhã, no Hospício Nacional, eu fui pôsto frente a frente com o Dr. Valdomiro Pires, diretor da casa e campeão sul-americano na arte de tirar a mais límpida água da espinha dorsal de um homem, mesmo que se trate de paraibano ou de um cearense. Subjugado docemente pelos Drs. Xavier de Oliveira, Jacinto Campos e Damasceno de Carvalho, que faziam olhar para o chão um pobre escritor que se habituara a andar de cabeça alta e que já devia estar com o espinhaço pouco flexível, o Dr. Valdomiro investiu, como quem se acha acostumado a vencer em primeiro "round", contra o meu honrado cangote brasileiro. A grande agulha mergulhou, certeira, na minha espinha dorsal. Nervos estalaram lá dentro, e eu sentí que uma unha de platina procurava, inùtilmente, a junção de duas vértebras que nunca foram perturbadas na sua união óssea e fraterna.

— Aquí não penetra, — diz o Dr. Valdomiro — Êle tem um pescoço de Dempsey.

— E possue, também, uma caixa craniana muito sólida e espêssa, — acrescenta o Dr. Jacinto Campos. Eu vi pela chapa que tirei. O que está dentro está bem guardado.

— Vamos fazer a punção mais em baixo, — propõe o Dr. Valdomiro.

Ao fim de alguns minutos, tombava eu, meio "grog", em segundo "round", sôbre a tábua da mesa da cirurgia, enquanto o Dr. Valdomiro, sorrindo vitorioso, levantava o braço, empunhando em triunfo um pequeno tubo de vidro, em que cintilava o meu líquido raquidiano, produto misterioso do meu cérebro, água divina purificada no filtro das minhas meninges ou dos meus miolos, licor com que a Natureza sustenta, generosa, os últimos dias ou as últimas horas da minha vida.

Deitado de bruços na mesa, achatando o nariz na tábua coberta por um lençol, vejo que os médicos se retiram, deixando apenas, para montar guarda ao vencido, que alí tem de passar duas horas, o Dr. Damasceno de Carvalho. Dói-me o nariz, e eu aventuro uma consulta ao vigilante.

— Doutor, — indago, — o Dempsey já tirou líquido raquidiano?

— Por que?

— Eu pergunto, porque queria saber se êle ficou assim com o nariz chato de tanto espremê-lo em cima da mesa...

O Dr. Damasceno vai buscar um travesseiro mais alto, põe-mo sob a testa, para levantar a cabeça, senta-se junto de mim, e, sem que eu mude de posição, passamos a conversar. Conto-lhe os meus sofrimentos físicos, os meus dias curtos, os gemidos surdos e a resignação doce com que faço acompanhar cada letra de um artigo alegre, e, ao terminar a minha confidência, repouso, a voz pastosa, o peito fatigado.

E o Dr. Damasceno, para que a palestra não morra, começa a falar.

— Vai para alguns anos, — principia, — nós tivemos aquí na enfermaria um doente, do qual o Miguel Couto fala em uma das suas lições publicadas em livro. Era um palhaço do circo Spineli. Êsse homem foi trazido para cá apresentando dois aneurismas, um dentro do coração, outro fora.

Sofria horrìvelmente. As suas crises eram angustiantes, mesmo para quem olhava com olhos de médico. Pois bem. Êsse homem, até às vésperas da sua entrada para a nossa enfermaria, ainda trabalhava no circo. Todas as noites, ansiando, aparecia êle ao público. Obrigava-o a isso um contrato que não rescindia para não morrer de fome. Ao surgir no picadeiro, recebia-o sempre uma salva de palmas, e uma gritaria ensurdecedora. Era êle o palhaço querido dos frequentadores do circo. Às vezes, ao aparecer, já vinha pálido, semi-morto, sob a máscara de alvaiade branco. Segurava-se à entrada do picadeiro, para não cair. Sentia necessidade de recuar, de voltar para dentro, até que lhe cessasse a agonia. Olhava, porém, as criancinhas que batiam palmas, a alegria dos pirralhos que alí haviam ido para ver-lhe os pulos e as quedas, e ouvir-lhe as pilhérias ingênuas e sabidas. E atirava-se no meio da arena, num salto mortal, cabriolando como um louco, entre os aplausos e a gritaria atordoante de todos os espectadores, especialmente da meninada alegre, que vivava em algazarra o seu nome.

Atrás da porta de pano que dava entrada aos artistas, havia, já, uma cadeira à sua espera, e, junto, duas pessoas amigas, uma com um copo dágua e outra com um leque. Ao desaparecer dos olhos do público, o palhaço atirava-se à cadeira, ansiando, aflito, com falta de ar, os braços caídos, enquanto duas mãos piedosas lhe abanavam o rosto angustiado sob o alvaiade, e lhe davam a beber pequenos goles dágua, que êle engulia com dificuldade. Lá fora, o público, satisfeito com as suas piruetas, pedia "bis", reclamava a sua volta à arena. O diretor do circo vinha à sua procura. Encontrava-o naquele estado. E ordenava, tomando-o pelo braço:

— Anda, rapaz! Vamos, avia-te!

E o palhaço reaparecia ao público, sorrindo com a sua enorme bôca de vermelhão, a contar anedotas com a voz fatigada, e a multidão, supondo que aquele cansaço era artificial, aplaudia aos gritos, pedindo mais.

Eu escutava, em silêncio, a história que o Dr. Damasceno de Carvalho me contava. Quando êle terminou, eu lhe perguntei apenas:

— Doutor, o Spineli não devia algum dinheiro ao palhaço, e alguma vez telefonou perguntando por êle?

O Dr. Damasceno respondeu.

Mas eu não ouví mais.

VII

JOSÉ GUILHERME

JOSÉ Guilherme não escreveu anteontem. Não escreverá hoje. Não escreverá mais. Levaram-no a enterrar ontem à tarde, para o plantão eterno, no cemitério São João Batista. Morreu em silêncio, como viveu. Não incomodou os jornais, nem os colegas! E estou certo que, se lhe fosse permitido fazer a estes últimos algum pedido, seria que não atrasassem o trabalho do dia para acompanhar-lhe o caixão. Não queria alterar na morte os costumes contraídos na vida.

Nesta cidade de cabotinos, em que as redações fervilham de visitantes e de jornalistas honorários que vão levar às fôlhas da manhã e da tarde o elogio feito a si mesmos, muita gente perguntará, talvez, quem foi êsse José Guilherme, portador de dois nomes próprios e que não pretendia fixar pròpriamente nenhum. Os membros da família intelectual, a que êle pertencia, e que é a dos condenados à pena da pena, poderão dizer, porém, sem risco de uma inimizade ou de

um ressentimento, quem era o morto de ontem.

José Guilherme foi, na verdade, um dos jornalistas mais completos e brilhantes que o Rio de Janeiro possuiu, nestes últimos dez anos. Escrevendo o tópico percuciente e o artigo vigoroso, não perdeu jamais, no tumulto do trabalho anônimo, o gôsto pelas altas e belas cousas do espírito. Estava perfeitamente em dia, sempre, com o movimento literário do país e com a marcha das idéias no estrangeiro, — esfôrço êsse que lhe dava relêvo ao talento espontâneo e às boas humanidades que trouxera da cidade natal. Escrevia com elegância e lia com inteligência. Mas sem ambições de glória, sem o propósito de formar um nome, sem a idéia de ser admirado pelo público ou louvado nos círculos literários. Era como certas cataléias da Amazônia, que dão em plena selva as mais belas flores do mundo, e que florescem porque é seu destino florescer e não para atraírem o olhar de um homem ou um simples zumbido de abelha. Envergonhava-se, parece, de ter talento e cultura em uma imprensa em que tanta gente faz alarde da própria ignorância.

As suas letras eram, todavia, o reflexo da sua pessoa. Dotado de leituras e de imaginação, que lançava em artigos admiráveis, não havia, contudo, quem amasse mais a sombra e o silêncio. Pouco expansivo, ninguém o via na rua acompanhado. Notívago por exigência de profissão, e, ùltimamente, por hábito, era visto na Avenida frequentemente à noite, e ninguém sabia quem era. Não se achegava a um grupo, não parava para saudar um amigo. Aproveitando a folga do jantar, detinha-se, calado, soturno, atrás das colunas da Galeria Cruzeiro, óculos pretos, chapéu de massa descido sôbre os olhos, como se fosse um conspirador. Procurava sempre esconder-se à aproximação de um colega ou de um conhecido. E se êste o descobria e o saudava, rugia uma resposta surda, e ensaiava um movimento para tocar o chapéu, como se aquele encontro pudesse comprometer o seu plano político para assassinar o Papa ou derrubar o govêrno. Mostrava-se constrangido, parece, por se encontrar neste mundo, para o qual viera sem convite, e era para corrigir essa deselegância imaginária

que procurava esconder a sua figura e atirar fora o ouro do seu talento.

Quem o visse taciturno assim, e assim aparentemente insociável, imaginá-lo-ia, talvez, um cântaro em que fermentasse o vinho da inveja, do despeito e da revolta. E, no entanto, não havia melhor alma, nem coração mais limpo. Tinha a volúpia do louvor, escrevia elogios modelares a escritores a quem não conhecia, e, quando algum dêstes aparecia na redação para agradecer-lhe a gentileza, escapava-se da sala ou afundava o rosto nas tiras em que fixava o pensamento ágil, como se o elogiado lhe estivesse pedindo satisfação por um insulto ou um desafôro.

Assim viveu José Guilherme, e assim morreu, para esconder-se, ontem, numa sepultura. Amanhã, ninguém mais se lembrará dêle. E seu coração, tornado em alma, estará contente.

Era isso mesmo o que êle queria.

VIII

OS QUE VOLTAM NO REINO DA MORTE

EXQUISITO caso, mas não inédito, êsse ocorrido em Trent, pequena cidade da Transilvânia, e de que trazia a notícia, ontem, um telegrama de Budapest. Desiludidos, como os daquí, de conseguir alguma cousa roubando os vivos, resolveram alguns ladrões daquela região operar nos cemitérios, saqueando os mortos. Além de não usarem revólver e de não darem queixa à polícia, os defuntos apresentavam a vantagem de possuir, pelo menos, roupa nova, e sapatos. Fiavam-se, é verdade, em sapatos de defunto. Mas, por que não apelariam para os caixões-fracos aqueles que não haviam encontrado nada nas caixas-fortes? E, constituídos em quadrilha, os ladrões penetraram, esgueirando-se na sombra, deslizando entre os túmulos, a casa dos mortos, em Trent.

Violado o primeiro mausoléu, procuraram, entre os esqueletos, botões de ouro ou

dentes obturados com êsse metal. A lanterna furta-fogo, passeando sôbre as ossadas, confundia-se com o fogo-fátuo das sepulturas recentes. Mochos piavam sinistramente nas cruzes, gargarejando vingança contra o sacrilégio dos homens.

Em determinado momento, um dos ladrões que montam guarda ao trabalho dos outros descobre, à claridade triste das estrêlas, uma sepultura ainda coberta de terra fresca. Dá um sinal, chamando os companheiros. E começam, todos, a cavar o solo fôfo, até que as mãos tocam, surdamente, a tábua de um caixão. Trata-se, com certeza, de morte de véspera, pois que não sobe daqueles despojos o cheiro característico da carne em decomposição, mas, apenas, o perfume das flores que alí morreram esmagadas, num tributo de dôr e saudade. Pelo pêso e pela cobertura do caixão, adivinham o que vem nele.

— E' mulher... — observa um, antes de abrir o esquife.

— Melhor... Deve ter jóias... — sussurra outro.

Põem o caixão fora da sepultura, e, assim que o abrem, quedam imóveis, como se

acabassem de ser fulminados. É que vêem, ao clarão das lanternas furtivas, que o defunto, ou, antes, a defunta, ergue a cabeça, ergue meio corpo, e senta-se calmamente no caixão, como se não compreendesse nada do que sucedia. Voltando a si do espanto, os ladrões, abandonando lanternas e pás, atiram-se na carreira em todas as direções, saltando sôbre lousas, quebrando cruzes de sepulturas razas, caindo aquí para levantar-se adiante, até desaparecerem, espavoridos, para além do muro que limita aquele Reino da Morte. Um, entretanto, não fugiu. Fôra tamanho o pavor de que se vira tomado, que tombou alí mesmo imóvel, assaltado de paralisia repentina.

A morta ergueu-se do caixão, passeou em tôrno, e foi olhar, no rosto, o paralítico. Dirigiu-lhe a palavra, mas êle não lhe respondeu. A manhã vinha, porém, rompendo. Ouviram-se vozes de trabalhadores, de coveiros que se aproximavam, para a faina do dia. E, em breve, tudo se esclarecia. A senhora que os ladrões tinham ido despojar, havia sido atacada, cinco dias antes, de catalepsia. Dormia, ainda, no fundo da terra, quando, com as pancadas sôbre o caixão,

despertou. Daí a surpresa, o pasmo, o estupor dos violadores de túmulos. Daí o espanto dela mesma ao despertar num cemitério, à beira de uma sepultura aberta.

Os casos de ressurreição em consequência de catalepsia, são famosos, e não são raros. Binete Sanglet coloca, entre êles, o de Lázaro, na Betânia. Não devia ser de outra ordem o daquele Raimundo Diocrés, doutor da Sorbone, cuja volta ao mundo para dar um recado aos vivos tamanha influência exerceu no destino sacerdotal de São Bruno. E a ciência põe entre êles o de Francisco Civille, gentil-homem normando considerado morto pelos médicos após um combate no cêrco de Ruão em 1562, e que tornou à vida pela solicitude do seu criado.

Será, porém, verdadeiro, êsse episódio que vem de Budapest? Se não entra nisso a fantasia, êle não é mais do que a reprodução de outro, narrado nas *Histórias,* por Tallemant de Réaux, o qual atribue destino idêntico, e ainda mais rico em incidentes, à mãe do Barão de Panat. Achava-se esta senhora grávida de nove meses, quando, à mesa, se sentiu sùbitamente engasgada pelos alimentos, que lhe tomaram o conduto respiratório. Considerada morta, foi sepultada, levando o filho nas entranhas. Como, porém, a tivessem enterrado com algumas jóias de grande preço, um criado e uma criada do castelo resolveram desenterrá-la durante a noite; êle, arrastado pela cobiça, e ela, pela idéia da vingança, para desagravar-se de ofensas que havia recebido da morta. Alta noite, vão ao cemitério, desenterram o caixão, e, enquanto o criado arranca as jóias, ocupa-se a criada em aplicar na defunta uma surra, como a que esta lhe dera quando era viva. A flagelação faz, porém, despertar a senhora, que solta um grito, fazendo fugir os seus exumadores. Volvendo os olhos em roda vê, a ressuscitada, o lugar em que se encontra. E é tal o seu terror, que, alí mesmo, dá ao mundo o filho, que traz nas entranhas. E é assim que nasce, num cemitério, depois de estar sepultado, aquele que seria, mais tarde, o Barão de Panat.

E' para evitar a multiplicação de fatos dêsse gênero, isto é, para impedir que os catalépticos sejam enterrados, que as leis proíbem, hoje, em quasi todos os países, a inumação de corpos antes do início

da putrefação. Chopin viveu anos seguidos obcecado pela idéia de despertar, vivo, no fundo da terra. Foi isso, aliás, que determinou o seu pedido insistente, à hora da morte, para que lhe abrissem o corpo e lhe tirassem o coração. Com o coração separado do corpo desaparecia a possibilidade dêsse despertar horrível entre as tábuas de um esquife.

E têm razão os que alimentam essa idéia. Por isso, é bom, sempre, levar no caixão uma pulseira ou um relógio. E' o único meio de voltar à superfície, quando já se está debaixo da terra...

IX

GRANDES DE ESPANHA

SEGUNDO a crônica das Côrtes européias, nada era maior na terra do que um Grande de Espanha. Para desfrutar as honras dêsse título, fazia-se mister que o fidalgo procedesse da mais alta linhagem, e que o seu nome viesse ilustrado por feitos de guerra desde o tempo em que Aragão e Castela cristãs se batiam contra o jugo do mouro, ou da época em que o reino se dilatava, por Ásia, Europa, África, América e Oceania, levando por toda parte a fé e a espada. Filho de reis ou neto de cavaleiros famosos, um Grande de Espanha era o único, entre os nobres, que podia conservar o chapéu à cabeça diante do seu monarca. Arrogante e altivo, o peito coberto de medalhas, êle era, entre soberanos, quasi um soberano. Era, em suma, um rei sem reino, mas com as honras de quem se achasse num trono.

Há, todavia, um Império, no qual são iguais, em consequência de uma lei inflexí-

vel, Ulisses e Eumeu, Alexandre e Diógenes, Salomão e Ezequiel, Tibério, coberto de púrpura, e Bento de Labre, coberto de andrajos. E' aquele em que a Natureza faz cumprir a sua vontade poderosa, anulando com ela os mais rigorosos decretos dos homens. E nesse Império, um Grande de Espanha vale menos, às vezes, que Sancho Pança. Quem foi, entre os membros dessa aristocracia, senhor mais famoso do que o duque d'Alba, Fernando Álvarez de Toledo, que entrou na história do teu tempo com uma vasta auréola de poeira e de sangue? General de Carlos V e de Filipe II, Fernando Álvarez de Toledo, duque d'Alba, era mais um lôbo que um homem. Sob o pêso da sua mão calçada de ferro, desapareciam cidades e províncias. Dezoito mil e oitocentos soldados da liberdade tombaram nos Países-Baixos, executados por ordem sua. "Se eu tomar Akmar, — escrevia êle, da Flandres, a Filipe II, — não deixarei vivo um só dos seus habitantes: cada garganta conhecerá o gume de uma faca". Por onde passavam os seus exércitos, ficavam, apenas, o sangue e a cinza... Após a ocupação de Portugal em 1580, começa,

porém, a decadência dêsse corpo de bronze, animado por uma alma de aço. Entre os grandes da Côrte, êle era o maior. Nenhum nome se acha coberto de tanta glória; e nenhum peito se pode levantar com tanto orgulho. Êle é o ditador do reino, o salvador da fé, o braço de ferro que serviu à ambição vulpina do Santo Ofício. Mas a Natureza iniciou, já, a represália. Do grande soldado, resta, apenas, o espectro. Senil e ridículo, para ir à Côrte, à presença do rei, é preciso que um pagem o carregue nos braços. E quem o vai visitar, encontra-o, mirrado, o rosto longo e magro, os olhos sem brilho, deitado no colo de uma ama de leite que, de quando em quando, põe à mostra o grande seio rotundo, aplicando-lhe o bico do peito à bôca desdentada e faminta. E' aquilo, aquele trapo humano, aquele feixe de carnes flácidas e de nervos mortos, o mais sanguinário guerreiro do século!...

Trezentos e cincoenta anos são passados, e repete-se a lição de Deus, ao orgulho dos Grandes de Espanha. Há dezenove dias, aproveitando um descuido da guarnição militar, ou com a cumplicidade dêsse elemento, evadiram-se do presídio de Vila Cisne-

ros, na costa da África, cêrca de trinta políticos espanhóis, que alí se encontravam cumprindo a pena que lhes impusera a República vitoriosa. Eram, na sua quasi totalidade, antigos Grandes de Espanha, cabeças que se não descobriam diante do Rei mas diante das quais a nação toda se descobria. Eram êles que tornavam Madrí a Côrte mais aristocrática do mundo e cujo orgulho fazia sorrir as inteligências liberais. Quando algum dêles aparecia em uma solenidade, era como se o próprio Rei se achasse presente. Rugia nas suas veias o sangue dos conquistadores católicos, que se haviam coberto de glória e de ouro nas expedições atrevidas, ou o dos aliados da Inquisição, que esta cumulara de riquezas e indulgências.

Lançados ao mar, em uma pequena embarcação de cem toneladas, ei-los, dia e noite, no oceano largo, fazendo, às avessas, a viagem dos seus antepassados. Para capturá-los partiram torpedeiros e aviões, por ordem da República. Era, porém, tão insignificante a embarcação em que fugiam, que, nem os aviões, nem os torpedeiros, nem os

cruzadores que seguiram mais tarde, dela se aperceberam. Mesmo republicano, um espírito espanhol não podia admitir que fugisse em barco tão humilde um simples camareiro de um antigo fidalgo da Côrte...

E agora, aportaram êles a Lisboa. Aportaram, mas tão rôtos e em tão acentuada miséria, que ninguém, em Madrí, os reconheceria. Sofreram a sêde e a fome. Tiveram a carne cortada pelos ventos do oceano e racharam as mãos, ainda ontem enluvadas, fazendo içar ou arrear as velas, na faina marítima da travessia. E não houve um marinheiro do Tejo, um simples grumete ou um simples pescador, que se descobrisse à passagem daqueles Grandes de Espanha!...

Louvado sejas tu, meu Deus, que tens sempre uma lição para os soberbos e um consôlo para os humildes, e que, abaixando a cabeça aos Grandes de Espanha, exaltas, às vezes, os Pequenos do Mundo inteiro. E louvado sejas, ainda mais, porque, fazendo de

mim uma planta rasteira e escondida, me dás a ventura de viver sem sustos, e de ver passar no céu, sem o temor que têm os cedros da montanha, a foice do raio e a cólera da tempestade!...

X

A CADEIRA E A TRIBUNA

Sala das sessões públicas da Academia Brasileira de Letras. No centro, sôbre o estrado coberto de veludo azul, a mesa do presidente, tendo em frente as largas poltronas azul e ouro dos acadêmicos. Cercada por estas, a tribuna. Em baixo, ladeando êsse grupo de móveis aristocráticos, e estendendo-se até às extremidades da sala, a multidão das cadeiras escuras e plebéias, destinadas ao público. Aproveitando a penumbra, e o silêncio do recinto deserto, a tribuna e uma das cadeiras humildes, entabolam palestra.

A TRIBUNA — Ainda estás aí?

A CADEIRA — E para sempre, se me fizerem o gôsto. Se achas que a vida, (se isso é vida) te é incômoda, eu não tenho motivos de queixa. Tanto me faz permanecer aqui, neste salão de conferências, como num salão de baile, para mim é o mesmo. Não me queixo da sorte.

A TRIBUNA — Quem pouco merece acha sempre que o pouco que lhe dão é muito.

A CADEIRA — E quem tudo deseja acha sempre que o muito que lhe dão é pouco.

A TRIBUNA — Pretendes, acaso, comparar o teu destino ao meu?

A CADEIRA — Eu? Não, minha filha. Destino é como marido em sociedade honesta: cada um tem o seu. Tu, que vives sempre em contacto com os homens de letras, conheces com certeza aqueles versos em que se diz que "até nas flores se encontra a diferença da sorte, umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte", dos quais há uma paródia em que o poeta afirma, também, que "entre as árvores se vê estranha contradição: umas são p'ra fazer santo, outras p'ra fazer carvão".

A TRIBUNA — Estás ficando literata... Estás aí, estás passando aquí para cima...

A CADEIRA — Não pretendo. Conheço meu lugar e estou contente com êle.

A TRIBUNA — E que pretendesses! Isto aquí não é para quem quer; é para quem pode. Daí para cá, há uma altura de cem mil réis por semana!

A CADEIRA — Queres dizer, talvez, que és mais feliz do que eu...

A TRIBUNA — Que dúvida! Basta que examines de onde eu vim, e onde estou.

Pau de que se faz tribuna não se faz cadeira.

A CADEIRA — Presunção e água-benta... De onde és tu, então? E's capaz de supor, ùnicamente porque os literatos falam de cima de ti, que és feita de algum carvalho da floresta de Dodona, como o mastro da nau de Jasão. És o "pau falante" da mitologia...

A TRIBUNA — E tu és a falante "pau".

A CADEIRA — Não te zangues, filha. Deves saber, pelos oradores que têm subido a tua escadinha, que os tribunos, e, conseguintemente, as tribunas, não devem perder a calma nas discussões.

A TRIBUNA — Eu estou serena. Apenas, quero que saibas, de uma vez e para sempre, que a tribuna é uma só e as cadeiras são muitas e que, portanto, há entre nós uma grande diferença de posição.

A CADEIRA — E de nascimento...

A TRIBUNA — E de nascimento, sim, senhora. Eu sou de pinho de Riga, do verdadeiro. O pinheiro de que fui feita nasceu numa eminência, à margem do rio Divina, e ao meu tronco foi amarrado, durante a guerra, o cavalo do general Bruzillof.

A fronde que eu sustentei cobriu-se da neve de quarenta invernos. E quando cortaram a árvore nobre de que sou com muita honra um dos remanescentes, descí como despôjo soberbo a corrente do rio de mistura com blocos de gêlo, que iam dissolver-se no Báltico.

A CADEIRA — Eu já havia desconfiado...

A TRIBUNA — Desconfiado de que?

A CADEIRA — De tanto gêlo. Tudo que desce de ti vem gelado...

A TRIBUNA — A pilhéria não tem graça nenhuma.

A CADEIRA — Continua.

A TRIBUNA — Em Riga, o tronco de que eu fazia parte foi dividido em três blocos, cada um dos quais teve destino mais honroso. Do primeiro foi feito o caixão em que enterraram, em 1921, o grande poeta Nikolai Stephanovicth Gumilov. Do segundo foi fabricada a caixa em que foram queimados os livros contrários à revolução russa encontrados nas bibliotecas de Riga. Do último fui eu fabricada, depois de exportado, em tábuas, para o Brasil.

A CADEIRA — Triste destino o dêsse pinheiro!

A TRIBUNA — Triste, por que?

A CADEIRA — Achas, então, que é pouco só ter servido para enterrar a literatura?

A TRIBUNA — Peste! Conhecesses a tua origem, e verias se o teu passado é tão ilustre.

A CADEIRA — E por que não? Olha, eu sou madeira nacional.

A TRIBUNA — Pau-Brasil, talvez...

A CADEIRA — Não, senhora. Não vou tão longe. Eu nascí no Paraná, nas faldas da Serra Azul. E a árvore de que fui parte, uma frondosa perobeira alinhada, não se cobriu de neve nem amarrou cavalo de general nenhum. Em compensação, a sua fronde hospitaleira aninhou muito pássaro caboclo e agasalhou muita rôla namoradeira, que lhe ia arrulhar lìricamente entre as fôlhas. Depois de abatida, a alegre perobeira do pé da serra foi despida dos seus galhos, das suas ramagens que dansavam o catereté com a brisa, e conduzida à serraria. E da divisão de que foi vítima não sucedeu baixar ao seio da terra, fùnebremen-

te, nenhum dos seus pedaços: de um dêles foi feita uma cama de noivado...

A TRIBUNA — Que vergonha para uma árvore!

A CADEIRA — De outro, saímos nós, doze cadeiras que aquí vês e a mesa de cabeceira de uma senhora elegantíssima que mora em Curitiba. Não temos literatos na família, e... graças a Deus!

A TRIBUNA — Graças a Deus, por que? Se desprezas a literatura não devias ter vindo para a Academia.

A CADEIRA — Eu não vim para a Academia: vim para um salão mundano onde vêm mulheres bonitas. Não vim pela glória, que não vale nada; vim pela beleza, que vale tudo. Aquí, onde me vês, tenho sentido o contacto dos corpos mais belos e o perfume da carne mais jovem. O meu espaldar tem acariciado espáduas que jamais imaginaste. Os meus braços têm sentido a pressão meiga de mãos que parecem pluma e de unhas que parecem coral. Os meu pés têm friccionado outros, pequeninos, quasi tão miúdos quanto êles. E eu toda tenho estremecido de volúpia ao sentir que sustento com a fôrça da minha fragilidade um vulto de mulher, isto é, a cousa mais perfeita e preciosa da Criação. Só por isso valeria ter descido da serra natal e abandonado os pintassilgos e as rôlas, e deixar-me decepar, serrar, sacrificar, mumificar neste móvel em que me tornei. A beleza é a suprema razão da vida. Eu ouví dizer, uma vez, por uma senhora que se acolheu entre os meus braços, que um sábio antigo havia dado a sua alma ao Diabo em troca de uns dias de mocidade e de beleza varonil. E tinha razão, o velho. Que prazer sentes tu, aí, onde estás? Para que sejas infeliz basta que guardes isto no pensamento: nunca sentirás o contacto de um busto de mulher, o calor de um seio debruçado sôbre ti! Estás destinada, pelos estatutos da instituição a que serves com êsse orgulho todo, a agasalhar ùnicamente homens, e a não escutar nunca — nunca, ouviste? — a voluptuosa carícia de uma voz feminina! Haverá no mundo desgraça maior?

A TRIBUNA — Mas...

A CADEIRA — A conjunção é inútil nesta emergência. O teu destino é doloroso e

agrava-se com a circunstância de não seres, jamais, o confidente de um pensamento íntimo. As palavras que ouves, dos homens que de ti se aproximam, são ditas para toda gente e, como tudo que se diz em voz alta, falsas e mentirosas. Não serás, nunca, depositária de um segrêdo, nem terás a ventura de escutar uma confidência, uma dessas expressões sem literatura e sem gramática, mas que são toda a alma humana, e que se dizem de uma simples cadeira para outra cadeira que lhe fica ao lado. O que escutas e escutarás eternamente, é o fictício, é o estudado, é o convencional. E eu, daquí, te juro, sem despeito ou maldade: antes quisera ser o pinho do caixão que apodreceu na Rússia com o corpo do poeta Gumilov!

A TRIBUNA — Tens, talvez, razão. A beleza e a mocidade valem mais que a riqueza e a glória. E eu estou cansada de ouvir discursos, e, o que é peor, todos êles em voz masculina, e em que os homens dizem o que não pensam sôbre os outros. Acresce que, por uma fatalidade do meu destino, quando um dêsses corrupiões de peito amarelo se aproxima de mim, é sempre para falar de um defunto. A árvore de que fui feita nasceu para serviço da Morte...

A CADEIRA — *(compadecida)* — Desce daí; dá-me a tua mão...

A TRIBUNA — *(triste)* — Eu não tenho braços, como tu...

A CADEIRA — Foge, então, sòzinha...

A TRIBUNA — Não posso! Não tenho pés...

(Escuta-se um chôro, na penumbra).

XI

NA CASA DE S. LUIZ

1

NA enseada do Cajú, dominando um pequeno mundo de trapiches meio mergulhados na lama; de montanhas de carvão destinado à fome das locomotivas, dos navios e das fábricas; e de embarcações escuras, cobertas de encerado negro, que boiam pesadamente na água turva como enormes cisnes preguiçosos, — ergue-se, afogado entre árvores verdes, um conjunto de vastas construções brancas e alegres, que parecem levantar-se nas pontas dos pés para fugir à tristeza circunjacente. Êsse corpo de edifícios é o Asilo de São Luiz, para a Velhice Desamparada, estabelecimento que vive há quarenta e dois anos de donativos particulares, da piedade cristã de alguns homens abnegados, e em cujos páteos e áleas repousam das violentas batalhas do mundo, recebendo o pão, o vestuário, o remédio e o mais comovido confôrto moral, nada menos de

trezentos e três velhos e velhas, veteranos do sofrimento e da Vida.

Situado naquela elevação do terreno que a Natureza vestiu de vegetação abundante, tendo aos pés a parte da cidade em que os homens se exhaurem no trabalho mais árduo, escutando o rugido agoniado e trágico dos hidro-aviões que ancoram perto, — o Asilo é bem, na sua arquitetura singela a mansa, um símbolo das vidas que acolhe lá dentro. Assim como aqueles edifícios se destacam do tumulto do casario negro e das águas escuras, os velhinhos que êles agasalham se levantam, agora, sôbre as inquietações e cuidados do mundo. Em baixo, na enseada e nas praias, estalam motores, rangem correntes, trepidam guindastes, sobe o fumo das chaminés, toldando a claridade do céu. Lá em cima, frondejam as árvores, brinca a viração limpa e fresca nas ramagens, cochicham pardais como guizos que tivessem asas, e descansam em cadeiras de vime ou bancos de madeira, à sombra de frondes enormes, centenas de velhinhos que não tinham ninguém no mundo, e que a caridade recolheu e carinhosamente protege.

Ontem, pela manhã, fui passar algumas horas com êles. Vendo em mim, parece, um coração sensível às grandes desventuras da terra, quiseram os drs. Ferreira de Almeida e Galeno Gomes que eu fosse conhecer aquela casa da renúncia e da saudade. E lá me fui, com êles, viver um pouco no passado, escutando em lábios murchos segredos de existências que se extinguem, a ler em olhos que se apagam a tragédia dos sonhos mortos. E quanto romance encontrei alí! Quanto poema de angústia em cada história e quanta lição da vida em cada vida!

Os homens felizes, ou simplesmente cheios de mocidade ou de esperança, deviam ir, pelo menos uma vez em dez anos, visitar aquela casa, precioso seminário de exemplos, buscando na biografia daqueles velhinhos curvados e daquelas velhinhas encolhidas, o corretivo para o seu orgulho, para a sua vaidade, para a sua ambição, para as paixões incontáveis que lhes queimam o peito robusto. Não se faz mister abrir uma cova para, espiando a morte, conhecer o engano da vida. Basta contemplar aquela centena de velhinhos e aquelas duas cen-

tenas de anciãs que se aquecem ao sol ou marcham voltados para o solo, arrimados nos seus bordões batucantes, para que o coração se nos encha de piedade, não pelos que se encontram lá dentro, que já se acham amparados, mas pelos ricos, pelos opulentos, pelos soberbos que trovejam arrogância aquí fora e não sabem, ainda, as letras do livro do seu Destino!

O Asilo de São Luiz, modêlo de administração e de ordem, exemplo de caridade humana e cristã, é, na verdade, neste momento, um estuário em que se lançam as águas de trezentos e três rios. Cada uma daquelas criaturas órfãs da Felicidade que a Bondade adotou, é a foz de um regato estreito e extenso, ou de uma torrente tempestuosa, que vem correndo pelos acidentados territórios do Tempo, cortando-o pela extensão de quasi um século. Examinei algumas dessas vidas. Nem todas continuadamente rolaram anônimas, obscuras, apagadas. Nem todas conservaram, do princípio ao fim, o mesmo nível: a maior parte veio, mesmo, de pedra em pedra, de queda em queda, impelida pela fatalidade que rege cada destino, refugiar-se alí, nos braços

de Deus, que toma, às vezes, para abraçar os homens, o pseudônimo de Caridade.

Em capítulos que se sucederão a êste, ou em palestra, oportunamente, pelo rádio, contarei o romance doce, ou trágico, de algumas daquelas vidas que alí aguardam seu têrmo, cercadas de confôrto e carinho. Por enquanto, eu quero chamar, apenas, a atenção da cidade do Rio de Janeiro para o milagre que alguns homens estão realizando em seu nome, recolhendo, vestindo, alimentando, oferecendo, em suma, o pão do corpo e o pão da alma à sua velhice desamparada. Eu quero tomar entre as minhas mãos o rosto da metrópole feliz, e voltá-lo para aquele bairro triste, refúgio do Trabalho e da Morte, para mostrar-lhe como se pode transformar um canteiro de saudades num canteiro de rosas, no espetáculo dessa velhice agradecida, que alí se abrigou, ancorando, no fim da viagem, no mais bonançoso dos portos. Eu quero, finalmente, pedir aos ricos de hoje, que mandem deixar lá o resto do pão do seu jantar, guardando, assim, no armário de São Luiz, o pão para o seu filho ou para o seu neto!

Lá existem alguns que jantam no pra-

to da caridade e almoçaram em baixela de ouro, ao lado de príncipes. E erguem, hoje, agradecidos, para o céu, as mãos trêmulas, — mãos que, de outro modo, teriam de estender à chuva e ao vento num canto de rua ou numa porta de igreja, tomados de vergonha e cobertos de humilhação.

2

De passagem pela Baía em novembro de 1928, o brilhante poeta, e meu querido amigo, Dr. Deraldo Dias, diretor do Asilo de Mendicidade de São Salvador, meteu-me em um automóvel e levou-me em visita aos seus pobres, no Bonfim. Era um casarão colonial, em centro de terreno, e cercado de grandes árvores contemporâneas dos governadores-gerais. Na enfermaria da sala esquerda, destinada a homens, Deraldo Dias me deteve à porta.

— Eu chamo a sua atenção — disse-me, — para o asilado que está aquí próximo à entrada, à direita, separado dos outros indigentes por uma cortina improvisada com um lençol. Depois eu conto a você a história curiosa dêsse homem.

Penetrei no salão comprido e estreito com os olhos voltados para o lado que o diretor me indicara. Na pequena cela de parede flexível, em que se viam o leito de ferro e uma pequenina mesa com alguns livros sem capa, um ancião, de barba curta e quasi toda branca, vestindo o grosso uniforme de riscado, distintivo da casa, lia atentamente um volume, sentado na cama. À nossa chegada ergueu-se um pouco, saudou o diretor com um movimento de cabeça, sentou-se de novo e continuou a leitura. Nós prosseguimos em nossa visita, examinando outros tipos invulgares, interessantíssimos exemplares da fauna humana, e, ao sairmos da enfermaria, Deraldo me tomou pelo braço, e contou-me a seguinte história:

— O homem que você acaba de ver, é personagem de um drama da vida real, de que Balzac teria arrancado um grande romance. Tem grande cultura, é poliglota, e viajadíssimo. Quando veio bater à porta do Asilo ou, melhor, quando o trouxeram da rua, onde tombara semi-morto de inanição, fez questão de ficar aquí mesmo na enfermaria, com os outros mendigos. Posterior-

mente, porém, como um seu vizinho de cama, um preto velho, o importunasse muito, interrompendo as suas leituras, pediu-me esta separação precária que você viu. Considera-se indigente e não aceita distinções: quer, apenas, um pouco de tranquilidade para ler e reler aqueles velhos livros, em inglês e alemão.

Saímos para o páteo interior do estabelecimento, e, à sombra de uma grande árvore, o diretor do Asilo pôs em marcha, no palco da minha imaginação, o seu personagem.

— Êsse homem, — continuou — é o que você poderia chamar uma vítima da abnegação humana, se não preferisse ver, nele, um misantropo, um espírito superior tomado de repugnância do mundo. Pertence a uma família ilustre, de que existem muitos representantes na aristocracia carioca. Nos últimos anos da monarquia, solteiro, moço e rico, foi nomeado para um pôsto consular no México, na Colômbia ou na Venezuela, — não me lembro bem, mas posso ministrar a você, se as quiser, informações mais precisas, pois que tenho as notas na secretaria. Preso pela gratidão, e pelas tradições da

família, à Casa Imperial, não se conformou com a proclamação da República e, obrigado a manifestar-se, como funcionário do novo regime, preferiu demitir-se, abandonou o cargo que ocupava, e embarcou para os Estados-Unidos, de onde passou à Europa. Dispondo de grande fortuna, em imóveis, no Rio, correspondeu-se durante algum tempo com a irmã, e com o seu procurador, que lhe remetia recursos. Depois, não deu mais notícias, e continuou a sua vida errante, ganhando êle próprio o seu pão. Anos mais tarde, velho e doente, foi ter, incógnito, ao Rio de Janeiro, afim de assumir a direção dos seus bens. A irmã havia falecido. Os filhos desta, tornados homens de representação, tinham conseguido uma certidão de óbito, provando a morte dêle, seu tio, não sei em que país sul-americano, repartindo, dessa maneira, os seus haveres. Informado de tudo, encheu-se de dó ou de horror, e, para não envergonhar os parentes, e em homenagem à memória da irmã, abandonou o Rio sem se ter dado a conhecer, e veio ter à Baía, onde contava ganhar a vida como professor de línguas. Durante algum tempo viveu assim, taciturno e misterioso, le-

cionando um ou outro rapaz do comércio. Alimentando-se mal, adoeceu. Errava pela cidade, como mendigo, aceitando esmolas mas não as pedindo nunca. Até que, um dia, foi encontrado sem sentidos na via pública e trazido para cá, onde espera tranquilamente a morte, lendo e relendo os livros que lhe recordam as suas longas peregrinações pelo mundo.

Foi para êsse herói anônimo que me voou o pensamento, quando, ao entrar no parque dos velhos no Asilo de São Luiz, o Dr. Ferreira de Almeida me indicou uma figura humana, que se movia entre outras figuras paradas. Entre filas de velhinhos, dos quais o mais moço tinha setenta anos de existência e um século de sofrimentos, e que palestravam, quietos, ou cochilavam, adormecendo dentro de si mesmos, era êle o único em movimento. De côr branca, estatura mediana, barba híspida e embranquecida, trazia sôbre a roupa comum um sobretudo preto, longamente usado. Magro, rosto chupado, óculos negros, cabeça descoberta. Passeava calado, soturno, as mãos para trás.

— Bom dia, sr. Mesquita! — saudou o presidente da obra benemérita.

O asilado parou, fazendo vagamente uma saudação respeitosa. E como percebesse, com o seu sentido suplementar, que já se não ocupavam dêle, pôs-se a passear de novo, as mãos para as costas.

Mesquita é um homem de educação fina, e que, quando alguém a êle se dirige, pois que se não dirige a ninguém, revela, nas palavras e maneiras, uma condição social invulgar. Sabe-se que foi guarda-livros. Sabe-se que deve ter mais de setenta anos. Sabe-se que é cego. Triste e sem olhos. Triste e solitário. Cego e fechado para a vida circundante. Deus lhe arrancou os olhos para que êle não visse o mundo. Êle, em represália, trancou a sua alma para o mundo, para que êste não visse o que êle tem lá dentro. Todos os anos, o capelão do Asilo o procura, pela Páscoa. Fala-lhe dos sofrimentos surdos do seu coração, do isolamento em que vive, e da necessidade, que deve ter, de um confôrto que só a religião pode dar. O mendigo sem olhos escuta-o calado, soturno, tranquilo, trágico e grande como um deus desgraçado.

— Senhor Mesquita, — diz-lhe, afinal, o capelão, — aproxime-se da religião. Comunge nesta Páscoa, e sofrerá menos, tendo Deus na sua alma...

O velho, que parara para escutar o convite, o apêlo cristão do sacerdote responde, apenas, da noite dos seus olhos e da noite da sua desgraça:

— Eu não creio em Deus...

E continua a andar, silencioso, as mãos para trás, no seu passeio de todas as horas, a alma fechada para o mundo, como um cofre de segrêdo cuja senha se tivesse perdido.

E' na escuridão, nas trevas da noite, que aparecem os duendes. Deus, Senhor Deus, realidade ou fantasma, por que te não manifestas, num milagre da caridade divina em proveito da miséria humana, na vazia noite dêste velho, para que ela se povôe ao menos de uma sombra?

3

Resumindo, numa crônica, o episódio de Filemon e Baucis, que Ovídio nos ministra no VIII livro das *Metamorfoses,* assim

no-lo descreve Olavo Bilac, elegante e conciso: "Baucis e Filemon, uma velhinha e um velhinho da Frígia, paupérrimos, tendo como única fortuna o amor que os unia, deram uma noite hospedagem a Júpiter, que andava pela terra, disfarçado, a experimentar o coração dos homens. Não sabiam que hospedavam o maior dos deuses; mas ofereceram-lhe um pedaço do seu pão minguado, e um pouco da sua água; Júpiter, agradecido, revelou-se-lhes em pleno esplendor da sua glória olímpica, e perguntou-lhes o que queriam como recompensa.

— Queremos morrer juntos, na mesma hora, e ficar unidos na morte, como unidos estivemos na vida!

E morreram juntos, como desejavam, e foram transformados num carvalho e numa tília, cujos galhos perpètuamente se enlaçavam, à feição de braços amorosos..."

E' essa encantadora lenda, delicada criação do gênio grego, que acode ao espírito, quando se penetra nos terrenos do Asilo de São Luiz para a Velhice Desamparada, e se vê, entre os dois corpos de edifícios destinados a homens e mulheres, num pequeno jardim arejado pela brisa do mar, o

monumento de mármore, de quatro metros de altura, erguido à memória do velho Martins e da velhinha Angélica da Lapa Melo, que alí viveram, e morreram, unidos pela mais doce amizade, e que nem a morte separou, pois que um seguiu o outro, quando êste deixou de viver. Numa compreensão piedosa e inteligente da vida e da sua finalidade, a direção do Asilo mandou levantar aquele monumento, em que se vêem, cortados no mármore branco, a velhinha Angélica, de sorriso de avó, o cabelo partido ao meio coroando a fisionomia mansa e doce, e, a seu lado, o velho Martins, de suíças cuidadas, sentado com arrogante bonhomia, de mãos pousadas no seu sólido bengalão português.

Septuagenário um, octogenário outro, entraram para aquela casa no crepúsculo vespertino da vida. Pobres e doentes, tornaram-se amigos, e essa amizade pura e santa deu-lhes fôrça para viver. Passeavam constantemente juntos, pelo parque, à sombra das árvores largas, enfeitadas de pardais. Sentavam-se no mesmo banco, apanhando o mesmo sol. E conversavam sempre, e confortavam-se, e distraíam-se um ao

outro, e viviam felizes, porque sabiam que não estavam sós. Encontravam alí, na casa de São Luiz, rei de França, aquilo que talvez tivessem procurado inùtilmente através da vida, na mocidade: uma afeição. Eram exemplo da cordura, da mansidão e da bondade. Quando um morreu, o outro caiu em tristeza profunda, calou-se, baixou o rosto, esperou a morte, que não tardou. E foram viver, os dois, naquele mármore, expressivo e comovente, imagem sentimental de duas vidas que o infortúnio cobriu de felicidade, e que alí reproduz, esperando um Ovídio que a celebre, a tília e o carvalho de Júpiter!

Com os seus setenta e muitos anos, era a velhinha Angélica uma das alegrias da casa. Gostava de versos, e declamava. Quando ia ao Asilo um viajante ilustre, era ela que concorria, para festejá-lo, com a parte artística. Sabia de cor algumas dezenas de poesias de Castro Alves, de Casimiro de Abreu, de Gonçalves Dias, de Fagundes Varela, de Soares de Passos, de João de Deus, que recitava também, às vezes, para distrair o velho Martins. Amara, aliás, sempre, os poetas. Quando moça e bonita,

um dêles lhe fez uns versos, de que repetia, com indisfarçada vaidade, esta quadra:

Branca flor, que cheiras tanto,
Linda rainha do prado:
E's a flor do meu encanto,
E's a flor do meu agrado!

— Sabe que flor é? — perguntava, sorrindo com garridice, e quasi corando, a quem a escutava.

E informava, feliz:

— E' a flor do meu nome: Angélica!

Ao mesmo tempo que reunia, assim, duas almas que se haviam iniciado no mundo na ignorância uma da outra, bordava o Destino, sôbre o mesmo pano, naquela mesma casa da paz e da caridade, com o fio leve de duas vidas, um drama diferente. Eram duas velhinhas, ambas de côr branca, ambas encolhidas, de quasi oitenta anos. Não tinham chegado juntas, mas com uma diferença de um lustro. Quando a mais idosa chegou, já encontrou a outra. No meio de duzentas asiladas, as duas se sentiam atraídas recìprocamente. Cochilavam juntas, sentadas no mesmo banco do parque. Palestravam lentamente, como duas criaturas cansadas da vida, nessas palestras de velho em que são mais os suspiros do que as palavras. Durante vários anos viveram assim. Eram ambas portuguesas, mas, como estavam há muitos anos no Brasil, pouco falavam nisso. Chamava-se, uma, Clotilde. Outra, Natividade.

Uma noite, Natividade morreu. Levaram-lhe o corpo franzino, quasi infantil, para o necrotério do Asilo, ao lado do qual vicejam uma estufa e um roseiral, para que se confundam, na harmonia da criação, a idéia da morte e a idéia da vida. Saído o entêrro, a Superiora do estabelecimento, obedecendo à praxe, foi examinar os papéis da morta, afim de legalizar a sua identidade. E veio para o páteo, comunicar às sobreviventes quem era a companheira desaparecida. À leitura dos primeiros documentos, a velhinha Clotilde adiantou-se, as mãos trêmulas, as lágrimas rolando pelos canais da face engelhada.

— Então, era por isso que eu lhe queria tanto bem!... — dizia, a voz ensopada de pranto. — E ela morreu sem saber!...

E tomando as mãos da Superiora:

— Ela era... minha irmã, madre! Era minha irmã!... Ela saiu de Portugal para o Brasil, e nunca mais nos deu notícias! Eu vim muito depois, e ela pensava, talvez, que eu tinha morrido por lá!

E foi abraçar o baùzinho da morta, e as pobres lembranças que êle guardava, — miúdas lembranças, tristes lembranças de mendiga, — para matar as saudades...

4

À entrada do Asilo de São Luiz para a Velhice Desamparada, erguem-se, uma ao lado da outra, a imagem de São Luiz, Rei de França, padroeiro da casa, e a de São Bento de Labre, padroeiro dos indigentes.

Igualados na gratidão católica e na graça de Deus, o príncipe, com a sua púrpura, e o mendigo, com os seus andrajos. E essas duas imagens se completam, num grande símbolo. O coração de um e de outro tem o mesmo pêso, nas balanças do céu.

E no interior da casa, há lições ainda mais profundas, e mais úteis, do que aquelas que se vêem à sua porta. São as lições da vida. São as lições do Destino. Ponha-se

um filósofo, uma tarde, de pé, a uma das esquinas da Avenida Central, e detenha a mais rica das senhoras ou o mais opulento dos transeúntes masculinos e diga-lhe, ao ouvido:

— Serás pobre, na tua velhice, e irás bater à porta do Asilo de São Luiz, pedindo uma cama para o teu frio e um pedaço de pão para a tua fome.

Ou, então:

— Teu filho viverá na miséria e morrerá num hospital.

E nenhum dêles acreditará. Uma e outro sorrirão do louco, do vidente, do profeta sinistro. Por que temer a fome e a miséria, para si ou para os filhos, se possuem fortuna, e não são perdulários? Por que hão de ser os dias vindouros cobertos de sombras, se o céu está claro, no presente, e nada farão, para toldá-lo? Tome, porém, o homem opulento, ou a senhora rica, o seu automóvel, e corra à Casa de São Luiz. Sindique o mistério daquelas vidas. Peça aos conhecedores da história da instituição o relato de alguns dramas que alí tiveram o seu epílogo; e verá se lhe é possível dizer

qual dos caminhos vai tomar, na encruzilhada que se apresenta, cada dia, à sua frente.

O edifício principal em que se acha o Asilo, foi adquirido em 1890. Era, anteriormente, uma grande chácara, pertencente a uma família inglesa, possuidora de considerável fortuna. Um dia, já neste século, vai ter ao estabelecimento, pedindo guarida para a sua velhice triste, um pobre homem enfêrmo, trazendo na figura o estigma da miséria. E conta a sua história. Era neto dos primitivos donos daquelas terras em que se acha localizado o Asilo! Era descendente direto da família abastada que construíra a parte principal daquela casa! Naqueles lugares em que vinha tombar, decrépito e com a roupa em farrapos, brincara feliz, quando menino. Aquelas enormes árvores eram suas conhecidas. Correra à sua sombra, borboleteara nos seus galhos, marinhara em busca de frutos e ninhos. Dalí partira, alegre e jovem, para as incruentas batalhas da vida. E sentia-se feliz por vir acabar os seus dias, e encontrar o seu anônimo esquife de indigente, entre as mesmas paredes que haviam visto o seu berço, no qual adormecera, infante, coberto de beijos, enfeitado de fitas... Dera volta ao mundo e regressava ao ponto de partida trazendo na alma e nos andrajos todas as desilusões e todo o estêrco da terra!...

Toda a gente que conhece a biografia de Mauá, sabe o papel que representou no destino do maior industrial sul-americano o capitalista inglês Ricardo Carruthers. "Sem êsse inglês, — escreve textualmente Alberto de Faria, — sem êsse inglês, o homem bom que se animou a entregar a gerência da casa a um rapaz de 23 anos e retirar-se para Londres, talvez Irineu Evangelista de Souza não tivesse aparecido na cena superior do Brasil". Pois bem: alguns dos descendentes de Carruthers tornaram ao Rio de Janeiro para refazer a fortuna do seu ilustre antepassado. E um dêles, um dos sobrinhos do patrão de Mauá, acabou num leito modesto, mas limpo, da piedosa Casa de São Luiz!

Mais eloquente do que todas essas, é, todavia, a história comovente e singela que ficou na memória de todos os asilados, transmitida de geração a geração, isto é, dos mais antigos aos mais novos na casa e que mereceu, ao tempo, uma das páginas magistrais

de Coelho Neto. Empobrecido pelos efeitos da lei de 13 de maio de 1888, um velho fazendeiro fluminense veio ter, um dia, ao Asilo de S. Luiz. Vinha esconder do mundo a sua miséria. Vinha refugiar-se, anônimo, entre anônimos, para encerrar a série dos seus dias ignorado de quantos o haviam conhecido na prosperidade e na abastança. Uma tarde, porém, desce para o jardim, senta num banco, e mergulha a cabeça nas mãos. Recorda o passado feliz. Revê, num milagre da memória, a fazenda próspera, o canavial ondulado, o engenho trabalhando dia e noite, o cafezal sangrando em frutos maduros, e centenas de escravos indo e vindo, na faina da lavoura e da indústria. E acha-se tão longe, arrebatado pelo pensamento lisonjeiro, que olvida, inteiramente, o lugar em que se encontra. De súbito, alguém lhe toca o ombro.

E escuta uma voz conhecida:

— Bença, sinhô!

E logo:

— Sinhô num se lembra da sua véia preta Juliana?

Era uma velha preta da sua fazenda, negra da sua senzala, que a liberdade havia levado à indigência. Reuniam-se alí, comendo o pão de São Luiz, o velho senhor e a velha escrava!...

O Asilo de São Luiz para a Velhice Desamparada tem, quasi, meio século de existência. Luta, há quasi cincoenta anos, com dificuldades inomináveis, heròicamente vencidas, mas agravadas agora com a redução, ou melhor, com a eliminação do pequeno auxílio que a União e o Município lhe davam. À sombra das suas telhas e do seu parque têm abrigo, atualmente, 95 anciãos, alguns dêles centenários, e 207 velhinhas, que alí vivem cercadas de confôrto civilizado e de bondade cristã. Para sustentá-lo, para mantê-lo, os seus diretores recorrem às reservas da própria fortuna, e a amigos generosos, que compreendem a boa caridade. Lembrai-vos, portanto, ó ricos e felizes de hoje! Lembrai-vos do Asilo de São Luiz, ou melhor, lembrai-vos de vós mesmos!

Costumais pôr o vosso dinheiro no Banco, ou nas caixas-fortes, ou transformá-lo em prédios e apólices. Mas, tudo isso passa. Jó teve mais do que vós, e terminaria num monturo, em Us, se não tivesse pôsto um

pouco do seu ouro, que era o exercício da caridade, na mão do Senhor! Colocai, pois, a juros, uma pequena moeda da vossa fortuna na Casa de São Luiz.

Alí é o Banco de Deus.

XII

O DIA DAS MÃES

O dia de hoje, segundo domingo de maio, é consagrado às mães. Por uma convenção delicada e poética, os que têm ainda na terra a criatura que lhes deu a sua vida humanizada em sangue, e o seu sangue santificado em leite, devem exibir uma flor côr de rosa, símbolo da ternura e da alegria. E aqueles que não a têm mais, e que a lembram e choram no silêncio do coração, uma flor branca, expressão de carinho e saudade. Santo e piedoso dia, pois, o de hoje. Santo e alegre. Santo e triste. Alegre ou triste de acôrdo com a côr do cravo ou da rosa de cada peito.

Êste é, por isso, o meu dia de glória. Durante o ano todo, os outros homens me causam inveja. Êles têm o seu palácio, o seu lar, o seu dinheiro, os seus automóveis, as suas roupas, as suas mulheres, a sua robustez, o seu prestígio mundano ou político, a luz do seu espírito ou a luz dos seus olhos.

Mas eu tenho tanto como êles, e mais do que muitos dêles, porque ainda tenho na terra, pensando em mim, velando por mim, rezando por mim, a minha mãe!

E' com a posse ou com a privação dêsse tesouro que Deus estabeleceu a distinção entre os homens, no mundo. Quantos herdeiros opulentos haverá, que dariam a fortuna toda, e a vida toda, para poderem arvorar, no dia de hoje, o seu cravo róseo, sinal de que possuímos em casa, ainda, um anjo de cabelos brancos? Quantos pobres se consideram milionários, por sentirem, nas suas horas de aflição, a mão trêmula de uma velhinha acariciar-lhes a cabeça febril, em que tumultuam os cuidados? O ouro da terra pode comprar um título, um trono, um império, uma situação na política, ou um nome notável na História; não dá, porém, jamais, a mãe a quem a perdeu.

Por isso mesmo, aplaudindo a instituição dêste dia, que é tão formoso no seu simbolismo quanto o de Natal e devia entrar nos costumes de todos os povos, eu não considero humano, nem cristão, o uso de um distintivo. Não será, realmente, uma impiedade colocar ao peito, hoje, um cravo róseo,

para dizer ao mundo que se é feliz, tornando mais funda a tristeza dos que só podem usar um cravo branco? Que se diria do homem que, sabendo que a fome lavra na casa do vizinho, fosse passar por diante da sua porta, humilhando-o com o espetáculo da própria fartura? Haveria mãe que fosse beijar alegremente seu filhinho vivo diante de outra que chorasse o filhinho morto? Por que, pois, tornar os infelizes ainda mais infelizes com a contemplação da nossa felicidade, principalmente quando não sabemos se, para o ano, as lágrimas da orfandade já terão transformado, também, o nosso cravo róseo em cravo branco? Respeitemos a dôr alheia e regozijemo-nos na intimidade do coração pela graça que Deus nos concede, de apertarmos nos braços os braços que nos acalentaram menino. Beijemos mais carinhosamente do que nunca a mão enrugada e leve que nos chegou ao seu seio nas primeiras horas da vida, e que ainda hoje nos protege, como uma asa, com o voo da sua bênção. Veneremos o tesouro que ainda é nosso; mas não insultemos com a pública exibição da nossa felicidade o infortúnio irreparável daqueles que já perderam o seu.

Não sairei, hoje, com um cravo róseo, para que, vendo que eu ainda tenho mãe, os órfãos não chorem, lembrando a que perderam. Mas é teu, hoje, minha mãe, todo o meu coração. Esta casa de pecado santifica-se, neste dia, com a tua presença. A capela fúnebre da minha alma se enfeita de rosas para o teu culto. Ajoelhado diante de ti, dos teus setenta anos de sofrimentos, — dos teus setenta anos de orfandade, de pobreza, de viuvez, — eu me confesso o peor dos filhos da mais santa das mães! Único filho vivo, eu te envio, também, no meu beijo, e mando ao teu coração alanceado, a gratidão da tua filha morta.

Deus te abençôe, portanto, e te proteja, minha mãe, como me tens abençoado e protegido a mim. E que êle te conceda, nos dias de velhice que te restam, a paz que não tiveste na mocidade, fazendo desaparecer do teu coração as inquietações de que êle está cheio, e que se agravam quando te lembras que tens na terra um filho enfêrmo, um filho triste, um filho poeta, um filho pobre...

XIII

O PRÍNCIPE CONTRADITÓRIO

ÊSSE príncipe de Bourbon que acaba de ser assassinado em París, merece, positivamente, uma crônica e merecerá, sem dúvida, mais tarde, uma opereta. Entrelaçam-se, formando o seu destino, urtigas e rosas. A sua vida é uma encantadora e vergonhosa obra de arte e de infâmia, em que se misturam o mármore e a lama. Fidalgo e bandido, cavalheiresco e cínico, incomparável na palestra e habilíssimo na escamoteação, roubando com a mesma agilidade um coração e um anel, era como um saco de lixo que se acabasse de encher com violetas e cravos. Casavam-se, na sua alma, o príncipe e o lacaio. Misto de D'Artagnan e Gavroche, batia-se por um Rei ou por uma Dama, e, recolhida a espada à bainha, metia dois dedos na bôca e soltava um assobio de moleque.

A abjeção da sua vida tem intermitências luminosas. Fruto de sangue austríaco

e de sangue espanhol, oscilava entre os galopes do mouro e os embalos das valsas de Viena. Era quixotesco e lírico. "Nunca entrou em casa sem bater de leve à janela, nem se despediu sem atirar-me da rua um beijo nas pontas dos dedos" — confessa a mulher a quem explorava, e que o matou. "Não tornava à casa sem um ramo de flores para a companheira" — informam os vizinhos. "Bateu-se como um leão pela liberdade dos povos fracos", acentuam as crônicas. "Encantou a Côrte austríaca, nos seus dias de esplendor, com a elegância da sua figura, as cintilações do seu espírito e a graça das suas maneiras", — depõem os contemporâneos. Mas, terminada a guerra, chegando à rua, encerrada a estação elegante, êsse príncipe, êsse "gentleman", êsse cavalheiro, êsse espadachim, saído de uma página de Lesage ou de Cervantes, voltava à companhia da canalha, a beber ao lado dos "apaches", a extorquir dinheiro às mulheres, a tomar a mulher aos soldados!

Dono de belo espírito, de belos gestos e de bela imaginação, comprazia-se em conspurcar na sargeta dos vícios adquiridos os nobres atributos que Deus lhe dera. Sabia

ser, alternadamente, sórdido e magnífico. Lavava nos charcos ramalhetes de estrêlas. Primo de reis, neto de reis, sentia estranha volúpia em cobrir de vergonha e opróbrio o orgulho de duas dinastias. Devasso de corpo, arrastando-se não raro no lôdo de todas as depravações, levantava de repente a alma, banhando-a de sol. À semelhança daquele Agnelo Brunelleschi do XXV canto do Inferno, havia, nele, de mistura, um homem e um monstro, um ventre de serpente coberto de lama, varrendo a terra, e um rosto humano, lavado de claridade, voltado para o céu.

Nos "cafés", em que se embebedava com os cocheiros, renascia a sua alma épica e fantástica de espanhol. Após dois cálices de genebra, sentia-se, de repente, transfigurado. Imaginava-se vestido de veludo, na Côrte de Carlos V, com uma espada ao lado e uma pluma leve, de cavalheiro, palpitando no chapéu. Pendia-lhe do ombro a capa de espadachim de Sevilha. Sonhava-se nas ruas mouriscas de Granada ou de Córdova, batendo-se, à luz da lua, por uma flor ou por um beijo. E sentia-se, de novo, nas horas magníficas de sua vida de anjo rebelado.

Descrevia, aos companheiros bêbados e embrutecidos, as maravilhas das Côrtes por onde havia passado antes da queda. E falava sem baixar a cabeça; falava de rosto erguido para não ver nas roupas tristes e banais, nos sapatos grosseiros e velhos, a realidade da sua condição.

O destino podia tê-lo conduzido a um canto de rua, e fazê-lo morrer aí, de fome e de frio, entre as rezas da neve e do vento. Podia lhe ter dado a morte de D. João, de Junqueiro. Mas o destino é artista, e sabe fornecer o epílogo aos seus dramas. Uma existência teatral como a dêsse Bourbon reclamava, como fêcho, um escândalo e um crime. E o príncipe contraditório tombou, há dois dias, derrubado pela mão honesta, mas inflexível, que êle há quinze anos cobria de beijos!

Descrevendo o homem, cuja existência dramática destruíra, a criminosa não lhe nega as virtudes de amante e cavalheiro. Reconhece-lhe o encanto do trato e a ignomínia dos costumes. Proclama os impulsos da sua fidalguia e a baixeza e a hediondez dos seus vícios. Confessa, em suma, que êsse homem tinha duas almas. Tendo, porém,

duas almas, tão diversas uma da outra, que destino terão elas na morte? Irá uma para o Céu, ou para o Purgatório, e outra para o Inferno? Nesse caso, qual das duas deverá ser considerada a alma do príncipe de Bourbon?

Eu, de mim, não sei. Parece-me, todavia, que Deus preferirá a do cocheiro. As botas luzidias de um príncipe, olhadas do céu, levantam mais lama, na terra, que as rodas pesadas de um carro.

XIV

A BONECA DA MARIA

EU acabava de ler, ontem à noite, as fôlhas vespertinas, em uma das quais se dava a notícia de uma festa de bonecas a realizar-se brevemente em Petrópolis, quando escutei, de súbito, partido de um velho armário esquecido, um chamado medroso e amigo:

— Psiu!... Psiu... Ó moço... Moço?

Como eu não ouvia, há muito tempo, chamar-me de modo tão gentil, e tão em desacôrdo com os numerosos cabelos brancos que se me empastam nas têmporas, voltei-me, pronto, buscando na solidão do aposento a criatura invisível que solicitava a minha atenção. Olhei em tôrno e, não vendo ninguém, ia afastar-me, quando surgiu no interstício do velho armário entreaberto uma cabecita de boneca de pano, mas tão suja e desgrenhada que me fez sorrir de surpresa e de pena.

— Ah! és tu? — exclamei, sentando-me, de novo, em uma cadeira próxima.

Acabava, realmente, de reconhecer a bonequinha tôsca e humilde, em cujo rosto sem saliências havia fortes vestígios de poeira e carvão. Tinha-a eu visto, por mais de uma vez, nas mãos miúdas, cortadas em ônix, da Maria, pretinha de seis anos, filha de uma antiga e prestimosa cozinheira da nossa casa. A cozinheira mudara de patrão, e fôra-se, com a filha. Mas a filha esquecera a boneca naquele armário, de onde agora emergia, como se tivesse despertado de um grande sono encantado, como a Bela adormecida no Bosque.

— O senhor falou em festa de bonecas; não falou? — tornou a cabecinha suja, com uma graça infantil e um brilho risonho nos olhos marcados a linha preta.

— Falei, sim... Vai ser uma festa de bonecas, em Petrópolis... E diz o jornal que êsse festival é em benefício dos desvalidos.

— Dos desvalidos? Que é desvalido?

— Desvalido, quer dizer, desamparado, abandonado, sòzinho no mundo...

— Ah! Então a festa é minha! não é? Eu não sou desvalida?

— Lá isso é; mas...

— Eu sou, sim, senhor! Então a Maria não me abandonou? Ela não se foi embora e não me deixou aquí sòzinha, no meio das baratas? Logo eu sou desvalida e posso ir na festa de Petrópolis.

E com a carinha suja iluminada pela alegria, ao mesmo tempo que esfregava as mãozitas gordas, em que os dedos eram marcados apenas por divisões em linha escura:

— O senhor me arranja um convite? Arranja?

Sorrí com tristeza. Que fazer naquela emergência? Devia conservar aquela ilusão doce de uma boneca pobre, ou dizer-lhe a verdade, revelando-lhe o segrêdo da sua condição e a realidade das mentiras do mundo? Matar a ilusão numa alma de boneca é maior maldade do que tomar um brinquedo a uma criança. Mas há ilusões e brinquedos perigosos, que não devemos deixar nas mãos sem experiência das crianças ou na cabeça sem miolo das bonecas. Decidí-me, assim, pela verdade crua, mas necessária.

— A festa das bonecas não é tua, minha filha; nem tua, nem para teu prazer.

— Mas eu não sou boneca?

— És.

— E a festa não é das bonecas?

— É.

— Então?

As bonecas são como as mulheres, que as fabricam à sua imagem. A sua lógica é feminina, cerrada e aguda como uma coroa de pregos. E aquela neta de cozinheira não era diferente das outras bonecas e das outras mulheres.

— Olha, é doloroso o que eu te vou dizer, — continuei — mas é preciso que to diga. No mundo, os nomes nem sempre correspondem às cousas. A festa de Petrópolis é das bonecas; mas não basta ser boneca para ter direito a uma entrada nessa festa.

— Então...

— Escuta; não me interrompas... Tu sabes o que é uma República; não sabes?

— Sei, sim, senhor.

— Que é?

— República é a casa daqueles estudantes onde a mãe da Maria lavava roupa, no tempo em que era lavadeira.

— Não; não é isso. República é uma forma de govêrno em que o povo é quem manda.

— E' como a festa da Penha... Não é?

— Mais ou menos. Mas, apenas no nome, porque, hoje, no mundo inteiro, as Repúblicas são dirigidas sem o menor conhecimento do povo... E' melhor, talvez, que assim seja. O fato, porém, é que a República não passa, hoje, em todo o mundo, de uma mentira. E mentira desnecessária, o que é peor... Eu sou um homem: não sou?

— Parece que é.

— Pois bem; a Política é o baile dos homens; mas eu não posso mais ser um político, apesar de ser um homem... O Sebastião, copeiro, é mais importante do que eu. Êle pode ser eleitor, e eu não...

— Então, é porque o senhor não presta...

— E' possível... Mas voltemos ao teu caso. Vai haver uma festa de bonecas, mas ùnicamente para bonecas finas, bonecas de luxo, bonecas vestidas de sêda. E tu és uma simples boneca de pano, suja, esfarrapada, e velha. Não te admitiriam lá.

— Mas, se eu sou assim, a culpa não é minha. Eu não tenho culpa de ter caído nas mãos da Maria.

— Nem os pobres têm culpa de ser pobres, e, no entanto, vivem separados dos ricos. Rico para um lado, pobre para outro; bonecas de luxo nos salões, boneca suja no armário do rato... E' o mundo, minha filha; é a vida!

A bonequinha da Maria pensou um instante, com melancolia. E, de súbito, numa espécie de revolta:

— Quem fez o mundo? O senhor não sabe?

— Dizem que foi Deus.

— Êle também é boneco?

E como eu não lhe respondesse:

— Se êle é boneco, a praga que lhe rogo é que êle caia nas mãos da Maria!

E reentrando no armário, fechou-se por dentro, com raiva.

XV

UM BARQUEIRO DO VOLGA

EU descera há poucos momentos do bonde que me conduzia à cidade, quando vi, na tabuleta d'*O Globo,* um cartaz em grandes caracteres. Aproximei-me, com minha curiosidade de míope, e li: "Faleceu, às 15 horas, em sua residência, o grande jornalista Euricles de Matos, diretor desta fôlha". Permanecí imóvel por um instante, diante da tabuleta, que me pareceu alí uma lousa negra, assinalando um túmulo. Em seguida continuei o meu caminho, como um homem que vem da guerra, onde acaba de deixar um companheiro morto.

Não sei se era rigorosamente justo, sob o ponto de vista literário, o adjetivo com que os companheiros, na sua primeira hora de saudade, enfeitaram a notícia daquela morte, naquele pedaço de lousa pública. O jornalista é, no exército dos homens de letras, o soldado mais difícil de promover ou premiar. O seu trabalho é anônimo e irreconhecível. Só os íntimos, os companheiros

de redação, os barqueiros do Volga que puxam a mesma corda e arrastam o mesmo barco sem destino no tempo, lhe conhecem a fôrça ou a debilidade dos músculos. E eu nunca trabalhei em jornal com Euricles de Matos. As embarcações que arrastávamos rio acima pertenciam sempre a donos diferentes. Isso não impediu, entretanto, jamais, que estes dois forçados da pena se saudassem cordialmente de longe, e manifestassem, nessas homenagens recíprocas e fugitivas, uma funda simpatia de irmãos.

Não soube nunca, em tantos anos de profissão, a parte que lhe cabia nas páginas diárias do seu jornal. A imprensa é um país em que circulam moedas de ouro, de prata e de barro; mas nenhuma destas traz o cunho de quem a emitiu. O que sei, porém, é que, nas três ou quatro vezes que, em sete anos, subí à redação d'*O Globo,* para entregar-lhe um livro ou pedir-lhe a retificação de uma intriga provinciana, jamais descí sem profunda tristeza, após um encontro de alguns minutos.

— O Euricles está?

— Está na oficina... Vá entrando... — dizia-me um conhecido.

Entrava para o salão contíguo, perturbado por todos os ruídos da mecânica. Estalos de linotipos, metralhadoras do pensamento. Cheiro pronunciado de sais e de chumbo quente. Operários indo e vindo, apressados, como homens que têm de fixar em três horas as 24 da intensa vida universal. E no meio dêles, as mangas da camisa arregaçadas, aquele homenzinho moreno, magrinho, do tamanho de uma criança de doze anos, carregando os "paquets", medindo a composição, e paginando, êle mesmo, com as suas mãos miúdas e infatigáveis, toda a matéria do seu jornal! Êle era o cérebro e o braço; era o jornalista e o operário; era o trabalhador que vivia tanto na redação como na oficina, e que só se sentia contente, e pago do seu esfôrço, quando a última fôlha saía da máquina!...

Há cinco ou seis anos, conversando sôbre a sua vida, contou-me êle os seus inícios literários, como professor na Baía. E dessa palestra aproveitei eu um episódio, de que resultou uma breve página de bom-humor. "Espírito jovial, — escreví, então, juntando um pouco de imaginação à verdade, — Euricles de Matos dirigia uma escola pa-

ra as bandas do Rio Vermelho, quando, um dia, foi o estabelecimento visitado pelo secretário do Interior. A meninada estava toda no recreio e como a visita fosse de improviso o alto funcionário lançou mão do primeiro pirralho que encontrou no jardim, e, conduzindo-o à sala de estudo, começou a inquirí-lo:

— Quem descobriu o Brasil?

— Pedro Álvares Cabral, no ano de 1500.

— Que é que se chama adjetivo?

— "On appele adjectif un mot que l'on ajoute au nom, soit pour le qualifier, soit pour le déterminer".

— Good morning, how are you?

— "I'm quite well, thank you".

Onde, porém, o menino se mostrava verdadeiramente forte, era em cousas de arte.

— Em que ano morreu Gioto?

— Em 1336.

— Quais os característicos da sua arte?

— Gioto inspirou-se em João de Pisa, e, principalmente, na Natureza.

Espantado com o que ouvia, o alto funcionário declarou ao menino:

— Estou encantadíssimo! Vá chamar o seu professor, que eu quero dar-lhe os parabéns.

— Mas...

— ?...

E Euricles, atrapalhado:

— O professor... sou eu!...

Ao descer as escadas ou o elevador d'*O Globo,* eu vinha sempre pensativo. E acudiam-me à lembrança, não sei por que, aqueles formigueiros que se vêem à margem da Central, quando se viaja entre o Rio e São Paulo. O monte de terra aparece à flor do solo, e sobe contìnuamente, da noite para o dia. Avoluma-se, impõe-se à vista. O inseto pequenino faz tudo aquilo e ninguém o vê. Trabalha na sombra e no mistério.

*
* *

Pobre Euricles de Matos! Possuías asas, com certeza, para voar alto, à loura claridade do sol. E consumiste a vida toda como térmita, vendo subir do fundo da terra, isto é, do fundo da tua redação e da tua oficina, a tôrre do teu formigueiro!...

XVI

ADUBOS PARA OS MELÕES

PELO sr. Lebrun, presidente da República Francesa, foi inaugurado, anteontem, em Verdun, um ossuário, em memória dos 400.000 soldados nacionais que pereceram na defesa daquela praça forte. "Nunca, em época nenhuma, em nenhum país, — disse êle no seu discurso, — a terra bebeu tanto sangue". E acentuou, num grito impetuoso do coração: "Êste monumento é um testemunho de uma grande loucura dos homens!".

O sangue assim derramado, não é, talvez, inútil. "Seiscentos mil sêres de dois pés se exterminam na Ciméria; que poder infernal pode impelir essas criaturas racionais?" — pergunta Fagus. E êle próprio dá a única resposta que lhe acode ao espírito investigador: "Apenas a harmonia universal: essa terra deve estar com falta de fosfatos!". E não será isso verdade? A idéia da guerra não será, na realidade, a consequência de um fenômeno químico, no qual os homens, com todo o seu orgulho, figuram automàticamente como um punhado

de matéria prima, utilizado por Deus, pseudônimo sintético da Natureza? Refere Maurício Barrès, nos seus *Cahiers,* que, de regresso da América do Sul, Fournier lhe contava que, nos países novos, os alimentos não têm, ao paladar humano, o mesmo gôsto dos congêneres europeus; nem os ovos, nem o leite, nem as frutas. E Barrès observa, em nota íntima: "Não será que o gôsto das cousas vem da poeira dos cadáveres, da decomposição dos nossos mortos?"

Na hora atual, em que ressoam pelo planeta, ao mesmo tempo, as palavras de paz proferidas em Genebra e as reflexões sôbre a necessidade das guerras, lançadas em Roma por Mussolini, a sabedoria deve estar, desgraçadamente, com êste último. "A guerra é qualquer cousa de irresistível, e que parece obedecer a não sei que diabólico determinismo", — gemia, há oito ou dez anos, Thomas Hardy, contemplando o panorama do mundo, saído de uma guerra devastadora e preparando-se para outra.

E insistia: "Quando os homens estão em guerra, não intervêm nesse fato a sua razão nem a sua inteligência". E isso quer dizer, simplesmente, que a guerra, qualquer

que ela seja, restabelece o domínio dos instintos sôbre a inteligência e a razão, isto é, constitue uma volta repentina e inevitável à tirania da Natureza, da qual se havia o homem libertado nos tempos de reflexão e de paz. A guerra, corresponde, em suma, a um eclipse da razão. Debalde se procurará em boa conciência, um responsável pela sua deflagração ou pela sua duração. Quando a terra precisa de fosfatos, para dar melhor seiva às suas plantas ou mais apurado gôsto aos seus frutos, impele o adubo, e êste, formando batalhões, vai cair onde ela quer.

E' preciso, pois, olhar com filosofia o ritmo a que obedecem as sociedades humanas. O homem nada dirige na terra. O seu domínio na Natureza é mera presunção. A palha, que o vento leva, não tem, certamente, a veleidade de imprimir direção ao vento que a carrega. O homem, palha na ventania, alimenta essa ilusão: é êle que dá o rumo à tempestade que o arrebata. Que é a guerra? Destruição; negação da vida. Ao homem ficaria bem reconhecer, e proclamar, que a guerra não depende dêle, que há uma fôrça sobrenatural que o arrasta para essa

catástrofe. Êle é, porém, orgulhoso demais, para confessar-se um autômato. E prefere considerar-se mau, perverso, criminoso, a confessar a sua fraqueza, a sua impotência, a inutilidade do seu esfôrço diante dos acontecimentos.

Admitido, assim, o determinismo da guerra, a impossibilidade de proscrevê-la dos destinos humanos, restaria, talvez, o consôlo de não se fazer dela um instrumento da vida. Que os homens se matassem, se destruíssem, mas, terminada a crise, não falassem mais dela. O estado de guerra devia ser considerado, mesmo, um ataque epilético da Humanidade, ou, menos patològicamente, uma função normal, embora vergonhosa, dos povos. Cada indivíduo realiza, infalìvelmente, todos os dias, atos fisiológicos irrecusáveis, mas dos quais não fala a ninguém. Assim deviam fazer as nações, em relação às guerras. Os homens continuariam a matar-se, por ser isso uma fatalidade; mas não deviam fazer da guerra uma arte, nem um enfeite do seu destino social. Nada de generais; nada de heróis; nada de exércitos; nada de indústrias militares; nada de institutos permanentes de morte e devastação. Cessada a guerra, saciada a terra de sangue, lançar-se-ia sôbre esta uma camada de cal, e sôbre os sucessos que constituíam a crise sangrenta um véu de silêncio e de esquecimento. Maldito seria aquele que, depois de acordado, se recordasse do sonho mau!

Razão tem, pois, Mussolini. A guerra é, para a terra, uma necessidade e para o homem, consequentemente, uma fatalidade. O que se poderia fazer, para consôlo dos que se batem, seria, talvez, premiar, diretamente, cada vítima, de acôrdo com o risco individual por ela afrontado. Conta Kropotkine nas suas memórias de infância, que seu pai carregava ao peito, com acentuado orgulho, a cruz de Santo André, que lhe fôra concedida por ato de bravura. Os filhos pediam-lhe, às vezes, que lhes narrasse o feito, do qual lhe resultara aquela distinção militar. E êle contava, sem constrangimento. Achava-se o seu regimento aquartelado em uma aldeia turca, ocupada pacìficamente pelos russos, quando rebentou um incêndio. As chamas subiam, como línguas doidas de um dragão enorme, envolvendo as casas do quarteirão. Na rua, uma pobre

mãe em desespêro gritava, arrancando os cabelos, que salvassem o seu filho pequenito, esquecido em uma das casas alcançadas pelo fogo. Frol, sua ordenança, olvidando o perigo, lançou-se contra a cortina de chamas, atravessou-a, e, momentos depois, voltava com a criança nos braços.

— Foi, então, Frol que salvou a criança? — indagava o pequeno Kropotkine.

— Foi Frol, sim.

— E como é que foi o senhor quem ganhou a cruz de Santo André?

E o antigo oficial:

— Por que não? Frol, então, não era minha ordenança?

E' essa a psicologia da guerra. Quatrocentos mil soldados franceses dormem na terra de Verdun, empapada de sangue. Comendas brilharam nos peitos dos generais. Estátuas foram e serão ainda levantadas aos marechais que comandavam. Ao soldado que investia, ficou, apenas, êste consôlo: as cerejas da região serão mais vermelhas, as uvas mais doces, as pêras mais tenras e os melões, enramando-se na terra coberta de cruzes, mais suculentos, maiores e mais saborosos...

XVII

OS CEGOS

AO tomar posse, a 8 de maio de 1920, da cadeira que ocupo na Academia Brasileira de Letras, eu pronuncei estas palavras com o pensamento em Salvador de Mendonça, que morreu cego, e que fôra, aí, meu antecessor: "Nada me patenteia tanto a fragilidade humana como a presença dolorosa de um cego. A contemplação de Homero ou de Milton, enche-me de pavor. Diante dêles, apontando-os, eu vejo a Natureza, que me diz: "Homem fútil, verme triste da terra, vê, agora, o que és tu! O planeta, dizes, é teu. E' teu o que te rodeia. Inventas aparelhos atrevidos para sondar o mistério dos mundos. Sobes às nuvens. Cortas os montes. Desces ao fundo do mar. Entretanto, vê: basta que eu te sopre aos olhos um grão de areia para que te sintas solitário no universo!"

"Se o homem nasceu, realmente, para a contemplação e a posse da Natureza, por que ela não o fez como as pedras preciosas,

que refletem o sol por todas as faces? Por que ela, tão pródiga, só concedeu à alma, para espiá-la e namorá-la, as delicadas janelas dos olhos?".

A Natureza dirá, talvez: "Homem, se vendo-me tão pouco, tanto me desejas e afliges, que seria de mim se teus olhos tivessem, na terra, o tamanho do teu coração?".

Narrando a Horácio o seu amor à vida, dizia-lhe Mecenas que preferia a existência mais atormentada à morte mais bela, mesmo que o atacasse a demência, e tivesse de arrastar-se pela terra côxo, maneta, purulento, cuspido e ferido, enfim, pelas bôcas mais podres do Destino. Uma exceção estabeleceu, entretanto, com o seu silêncio: não daria as duas moedas dos seus olhos pelos maiores prazeres que lhe pudesse oferecer o mundo.

O sentido da vista, era, assim, na sua opinião, enunciada por omissão inteligente, mais precioso que a própria vida. Que valia, na realidade, a glória de Homero, se êle não podia acompanhar, na fisionomia dos homens que o escutavam, a emoção que lhes causava o seu canto? Quantos anos de popularidade daria Milton, mais tarde, para ver a rosa de carne que lhe oferecia, com a amarga volúpia do seu perfume, o doce martírio dos seus espinhos? E quantos, da própria vida, teria dado em holocausto, Augustin Thierry, paralítico desde os trinta anos, cego desde os trinta e três, e que, mesmo assim, renovou a ciência dos estudos históricos, elaborando na sombra, dentro da noite dos seus olhos, uma das obras mais úteis nesse ramo do conhecimento, de que se orgulha o século XIX?

Os poetas brasileiros, secundando o opulento amigo de Horácio, atribuíram, sempre, à vista, à função inteligente dos olhos, o valor de maior fortuna da terra. Vicente de Carvalho, em uma das suas poesias da última fase, escrevia, com êste vigor inconfundível, que é emprestado à obra de arte pela sinceridade:

> "Ver é o supremo bem... E eu insisto em cismar
> se a alma será, talvez, uma função do olhar.
> Cegos, nunca saibais verdade tão dorida
> para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida!"

Há em Shakespeare um episódio e uma frase que encerram toda a imensidade dessa desgraça: é quando, no Rei Lear (ato IV, cena VI), Edgar se refere à cegueira do pai,

que se apresentara "com os anéis sanguinolentos dos seus olhos, que acabavam de perder as suas pedras preciosas". As pupilas, embora fossem para o velho rei "dois regadores que Deus entregara ao homem para abater a poeira do outono", eram para êle os diamantes mais valiosos do pequeno tesouro da vida... E não será aquí o lugar de citar o velho Tirésias, que Juno cegou e a quem nem o próprio Júpiter pôde restituir os olhos? E o de lembrar Édipo, que arrancou os seus, horrorizado de si mesmo, com os ganchos do seu manto?

Vai para alguns anos, viram os transeúntes, no bairro da Boa Vista, no Recife, um homem silencioso que, batucando o seu bastão de mendigo, se dirigia, de cabeça erguida, tateando no vácuo, para os lados da ponte. Os seus olhos não choravam, porque êle não os tinha. A sua fisionomia, que se fixara em máscara dolorosa, possuía alguma cousa daquele orgulho homérico, eternizado no mármore pelo gênio dos gregos. Ao marchar para o púlpito pela última vez, Montalverne não seria, com os seus olhos apagados, melhor modêlo de estatuária. Chegado à ponte, procurou, vacilante,

o balaústre e aguçou o ouvido. Lá em baixo, convidando-o, marulhavam as águas do rio, fugindo, rápidas, para o mar. O cego, sem trair o tumulto do seu coração, irmão daquelas águas rolantes, desafivelou a bôlsa miserável, onde não havia caído, até àquela hora, uma simples moeda de cobre, benzeu-se cristãmente e, num gesto súbito, foi confundir a última queixa da vida com o chôro das inconsoladas águas do rio... Momentos depois aglomeravam-se em tôrno do cadáver retirado da correnteza algumas dezenas de transeúntes. E um dêles, com o charuto à bôca e os dedos faiscantes de anéis, identificou tranquilamente o morto.

— Eu o conheço, — disse. — E' um cego. Ainda há pouco êle me pediu uma esmola e eu não dei...

"Cegos, nunca saibais verdade tão dorida
para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida!"

XVIII

O DEFUNTO VAIADO

UM vespertino da cidade publicou ontem, acompanhado de gravuras em que a imagem confirmava a palavra, uma reportagem para o povo, mas cujo objeto reclama, também, a atenção do filósofo. E' a descrição de um dêsses episódios que a Vida arquiteta com a colaboração da Morte e que não acudiu, jamais, a Ésquilo ou a Shakespeare. Trata-se, em suma, do último ato da luta sensacional, em Nova-York, entre os pugilistas Schaaf e Primo Carnera.

Primo Carnera, conforme é universalmente sabido, é mais um monstro do que um homem. Pertence, ainda, pela compleição poderosa, pela fôrça muscular verdadeiramente bovina, à fauna humana contemporânea do mamute e dos grandes uros primitivos. Sôlto entre os gregos defronte de Ílio sitiada, não faria má figura entre os guerreiros de Homero. Teria pernas para disputar na carreira com Antíloco e braço

para lançar a flecha como Teucro, o dardo como Meriônio e o disco alto e distante, como Epeio ou Políbotes. Com o seu queixo Sansão teria abatido mais filisteus do que com a queixada do seu jumento. Irmão daquele Cleômedes de quem fala Plutarco, teria, como êle, quebrado os pilares e feito ruir edifícios. O outro, de sólida estrutura entre os boxeadores normais, era, entretanto, diante do Titã, o que era Daví na presença de Golias. O primeiro, era a fôrça bruta. O segundo, a técnica civilizada. Fiava-se um no pêso da sua manopla. Fiava-se outro na agilidade dos seus movimentos. Ia reproduzir-se, em suma, o duelo de há oito ou dez anos, quando Carpentier atravessou o oceano para medir-se com Dempsey.

Em tôrno aos dois contendores, faminta de sensações violentas como os romanos do tempo de Nero e Domiciano, a multidão dos bárbaros modernos, trajando "smocking". A luz dos faróis enormes faiscava, coagulava-se em manchas de ouro, no peitilho das camisas espelhantes, ou fulgia, rápida e fugitiva, nos vidros chatos repentinamente arrancados do bolso trazeiro da calça. Charutos arrogantes fumegavam entre dedos carregados de anéis. Uma ansiedade funda, filha do álcool e do interêsse nas apostas, fazia estremecer surdamente o imenso anfiteatro em que se iam defrontar o leopardo americano e o touro sólido das mais gordas pastagens italianas.

E a luta começa. Pesado como um rochedo, Primo Carnera aguarda o ataque da formiga que pretende lançá-lo por terra. Schaaf, aos pulos, ágil como um gato, avança contra o monstro. Os seus golpes, ligeiros e seguros, atingem, todos, o peito, o rosto e os braços do adversário. Bate, mas inùtilmente. E' como se uma criança esmurrasse o rosto a Polifemo ou se o Capitão Gulliver investisse contra o rei de Brobdingnag. E' como se batesse em uma estátua de pedra, ou num pedaço de muro, ou numa tôrre que se movesse por si mesma, insensível aos seus murros na argila.

Aos sôcos de Schaaf, Primo Carnera tem apenas a sensação de que uma imprudente môsca o persegue. A multidão aplaude a môsca e o gigante que ela irrita. Uivos, gritos, assobios, aplausos de entusiasmo ou de incitamento fazem ressoar o anfiteatro colossal. Treze vezes a sineta reti-

ne, marcando um "round" concluído. E à medida que o tempo se escoa, a assistência se exaspera. Aqueles milionários que pagaram trinta dólares por uma cadeira, querem ver sangue, e o sangue não vem! Se um cruzador americano chegasse a uma ilha do Pacífico e encontrasse uma festa daquelas promovida pelos negros, varrê-la-ia a metralha em nome do protestantismo civilizador e humanitário. Alí, porém, a Polícia protege a sangueira. Entre civilizados, a selvajaria deixa de ser selvajaria desde que pague um tributo ao Estado.

De súbito, a mão de Primo Carnera ergue-se no ar, e desce, como um pedaço de rocha que um vulcão tivesse arrojado aos céus e que voltasse à terra violentamente atraído por ela. À altura do rosto de Schaaf opera um movimento, e vai-lhe de encontro ao ouvido. O americano, atingido em cheio, desaba de lado, no tablado coberto de areia. Uma salva de palmas colossal faz estremecer a vasta casa de espetáculos atléticos, dando a impressão de um fim de mundo. Os partidários de Primo Carnera assobiam, gritam, batem com os pés, prevendo a vitória. Os de Schaaf esperam, ansiosos, que

êle se levante. O juiz faz soar, lentamente, a sineta, os olhos em Schaaf, estendido no chão. E como, à última badalada, êste se não erga, e o italiano seja proclamado vencedor, os partidários de Schaaf, êles próprios, de pé, iniciam uma vaia ao vencido, a qual se generaliza, e estronda, reboa, troveja, retumba, e se espraia, numa sonora mistura de gritos, zurros, assobios, bater de pés, matraquear de bengalas e de cadeiras como se os homens e as cousas tivessem endoidecido ao mesmo tempo!

Vendo que Schaaf se não move, o juiz curva-se sôbre êle. Apalpa-lhe o coração. Pede a dois auxiliares que o ajudem a levar dalí o vencido. E o cadáver de Schaaf, abatido por um murro de Primo Carnera, é retirado da arena sob a maior vaia que já estrondou sob o civilizado céu americano...

XIX

FOME

APÓS a nossa separação, em 1909, no pôrto da cidade de Breves, no Pará, onde eu ia assumir o cargo de escrivão da Coletoria, nunca mais me chegara aos olhos, ou aos ouvidos, a figura, ou o nome, do coronel Raimundo Pantaleão de Castro, proprietário de seringais no rio Paranaí, afluente quasi desconhecido do Tapajós.

Êle regressava, nessa ocasião, de uma visita ao Rio Grande do Norte, onde possuía uma filha casada, e tornava às suas propriedades na floresta bárbara, onde vivia ainda em luta com algumas tribus selvagens. E eis que, ontem, à tarde, no Rio de Janeiro, alguém que se sentara atrás de mim no ônibus do Andaraí, me bate brandamente no ombro, arrancando-me à leitura do jornal que eu trazia aberto diante do nariz.

— Diga-me uma cousa, — soprou-me o importuno; — o senhor não é o Rocha Cardoso, que foi escrivão da Coletoria de Breves, no Pará?

— Sim, senhor, — respondí, desconfiado.

— Pois, então venha de lá êsse abraço! — exclamou o desconhecido, levantando-se do seu banco e vindo espalhafatosamente tomar lugar no meu, obrigando-me a chegar para o canto.

E rindo, com uns grandes dentes que o fumo tornara amarelos, ao mesmo tempo que me passava o braço por trás, apoiando-o no encôsto do banco:

— Aposto que não me conhece mais! Está conhecendo?

— Mais ou menos...

— Raimundo Pantaleão de Castro... O Mundico Pantaleão, do Paranaí, no Tapajós! Seu companheiro de viagem até Breves... Não se lembra?

Não era preciso tanto. À primeira indicação eu tinha identificado o homem.

— Oh, coronel... — exclamei, descongestionando o espírito, e abraçando-o alí mesmo, como quem encontra no estrangeiro um amigo ou um parente, que supunha morto na pátria. — Há quanto tempo, hein?...

Os primeiros minutos foram ocupados por perguntas indiscretas e respostas matreiras, em que cada qual queria saber mais da vida do outro. Não há, porém, curiosidade que sempre dure nem paciência que nunca se acabe. Ao fim de algum tempo estávamos sem assunto, e eu pude retomar o meu jornal, e êle acender um novo cigarro, para substituir o que lançara fora quando me viu. Ao abrir, no entanto, a fôlha, dou com um telegrama do Amazonas. Leio-o; releio-o; e como a notícia vem de uma região em que nos havíamos encontrado e conhecido, repito a leitura, em voz alta, para o meu companheiro e amigo, depois de lhe chamar a atenção:

— Escute isto: "Manaus, 20 — Notícias provenientes do município de Itacoatiara, contam que uma mulher alí residente e que apresentava sintomas de alienação mental, matou o próprio filho de tenra idade. Morto o pequeno, a mãe o assou em um braseiro, cortando-o depois em pedaços, que se pôs a comer. No momento em que foi encontrada, já havia comido grande parte da criança, lançando fora o resto ao ser surpreendida".

— E' horrível; não? — indaguei, terminada a leitura e afastando o jornal.

Como o meu companheiro de banco não respondesse logo, levantei os olhos para êle. Era o mesmo homem de há vinte e três anos; magro, mas musculoso, a pele engelhada e encardida pelo tempo, cabelo ralo e agora inteiramente branco, e um bigode curto, aparado, e amarelecido por sessenta anos de sarro. Vendo-se examinado tão detidamente, o antigo seringueiro apressou-se em responder.

— Homem, — disse, — horrível é; mas é preciso também atender às circunstâncias em que essa mulher comeu o filho. Cada um sabe de si. Deus sabe de alguns e o Diabo sabe de todos.

— O coronel não se espanta, então, ao ler uma notícia destas? Uma mulher comer uma criança?...

— E por que não? — respondeu-me êle, de repente, com vivacidade. — Eu fui testemunha de um caso dêstes...

— O senhor?

— Eu mesmo. E vou contar a você como foi.

Acomodou-se melhor no banco, espremendo-me no canto, e principiou:

— Em 1911, eu subí o Paranaí até às cabeceiras, para situar uns "brabos" que me haviam chegado do Ceará. Reuní a êsses uns seringueiros velhos, com as respectivas mulheres, e desembarcamos no lago em que nasce o Paranaí. E tínhamos já iniciado a abertura das estradas, quando, uma tarde, fomos atacados pelos índios Marrecas, cuja ferocidade era um dos terrores da minha gente. Os Marrecas têm êsse nome porque vivem tanto fora como dentro dágua, e porque nadam e mergulham mais do que paturí... Surpreendidos por êles, ganhamos o mato, como doidos, pois que os atacantes tinham vindo da banda do lago, impedindo-nos assim de correr para as nossas canoas... Pela manhã, reuní, no mato, a gente que pude, homens e mulheres, uma das quais tinha um filho de peito que não largou. Tínhamos perdido, por extravio ou por morte, onze pessoas. E restavam quatorze, sendo nove homens e cinco mulheres, sem contar a criança de peito. O peor de tudo, era, porém, que não sabíamos onde estávamos, para tomar a direção. Passamos

o dia todo rompendo mato, procurando o rumo do rio ou do lago. Não tínhamos nada para comer, e a floresta, como você sabe, em matéria de comida para gente, é mais faminta do que dispensa de cearense quando não chove no Ceará... No segundo dia ainda matamos um calangro a pau, foi o que comemos. No terceiro dia não comemos nada. Nesse dia a criança de peito morreu. Quiseram enterrar, mas a mãe não deixou. Podia ser que ainda chegássemos a alguma barraca, e ela queria sepultar o pequeno em lugar que soubesse onde era... No quinto dia a fome apertava que não era brincadeira. Se um de nós caísse morto, os outros o comeriam... Já para a tarde, conseguimos matar um macaco. Era um bicho feio e velho. Fedia como preto que tem catinga de bode. Esfolámos o desgraçado, assámos, e chamámos as mulheres para comer... A criança ainda não tinha sido sepultada... A mãe do pequeno foi uma das primeiras a vir provar o macaco... Provou, cuspiu, e afastou-se, engulhando... De repente, soltou um grito. Uma das mulheres, aproveitando a sua ausência, estava assando o "anjo"! A mãe correu atrás mas as outras

a seguraram, para não interromper o serviço... E comeram a criança! Comeram, que eu vi!

— E a mãe do pequeno? — indaguei, curioso.

— Comeu, também. Chorou, chorou, mas, afinal, provou um pedacinho da perna...

Sentí um arrepio de terror.

— E o senhor permitiu isso, coronel? — intervim, de novo, sem dissimular o meu espanto.

— Se eu consentí? Homem, que eu havia de fazer? E não só consentí, como...

— Comeu, também? — exclamei, horrorizado. — O senhor comeu, também?

O velho sorriu. Pôs-se de pé, bateu a campainha, mandando parar o carro. Feito isso, curvou-se para o meu ouvido, e limitou-se a dizer-me:

— Eu não lhe dou a resposta porque você não sabe o que é fome... Mas, dou-lhe um conselho: nunca prove carne de gente... principalmente de criança...

E já fora do carro, pela portinhola:

— Deixa uma saudade doida na bôca... E' uma tentação...

XX

MÃE

O Tribunal do Juri absolveu ontem, por unanimidade, em São Paulo, uma senhora que matou, com um tiro de revólver, o próprio filho. Aglomerado à porta do templo da Justiça humana, o povo prestou uma grande e ruidosa homenagem à criminosa, conduzindo-a pelas ruas da cidade, entre aclamações entusiásticas. O assassinado era menor, e havia furtado um chapéu num clube de regatas. A mãe, temendo que seu filho se tornasse, pela vida adiante, um ladrão, correu a uma casa de armas, comprou uma "Smith and Wesson", e meteu-lhe uma bala na cabeça. Presa e julgada, foi absolvida. Absolvida, foi ovacionada, carregada em charola, glorificada pela multidão.

Eu não sei se, entre as pessoas que percorreram as ruas paulistas justificando pùblicamente essa criminosa, havia mulheres, e se, entre as mulheres que batiam palmas, havia alguma que fosse mãe. As no-

ções da honra e da probidade devem ser profundas, na alma da mulher. Mais profundo deve ser, porém, no seu coração, o amor a seu filho. A mãe de Pausânias, correndo a auxiliar os éforos que muravam as portas do templo de Minerva, em Esparta, no qual se refugiara o famoso capitão acusado de traição à pátria, pode parecer admirável aos olhos dos historiadores e dos poetas antigos. Mais sublime é, porém, Níobe, tornada em rochedo, petrificada de dôr, chorando surdamente os pedaços do coração que os deuses lhe tinham levado.

— Lembrai-vos de Abraão, senhora, — dizia um sacerdote a uma piedosa dama genovesa que tinha nos braços o seu filho morto. — Deus ordenou que êle matasse a Isaac pequenino, e a sua mão não tremeu ao erguer o punhal sôbre o coração do inocente.

— Sim — respondeu a dama, inconsolável. — Mas Deus deu essa ordem a Abraão, que era pai; não deu a Sara, que era mãe, porque sabia que não seria obedecido.

A senhora paulista que matou o filho, ùnicamente por temer que êle, furtando agora um chapéu, viesse a assaltar, mais tarde, uma chapelaria, foi, positivamente,

precipitada no seu gesto e deshumana na sua justiça. Nem sempre a criança, e, mesmo, o adolescente, leva para a idade adulta os hábitos maus de que se ressente. As virtudes definitivas nascem com as noções da responsabilidade. Um mau menino pode vir a ser um varão virtuoso. Uma criança exemplar degenera, muitas vezes, num indivíduo nocivo à sociedade. Assim como se não pode dizer, olhando um ovo, a côr do pinto que êle envolve, é temerário prever, pelas falhas morais de um adolescente, reminiscência de características vulgares da criança, o cidadão que êle será. Entre os quatorze e os vinte e dois anos operam-se revoluções profundas na alma humana. O rio misterioso, que veio das nascentes correndo entre pedras, só então se precipita do alto da montanha nativa buscando o seu leito definitivo. Matasse toda mãe, ou todo pai, o filho jovem acusado de faltas que são crimes na maturidade, e a população do globo estaria reduzida, hoje, à quarta parte. Eu próprio não estaria aquí, escrevendo estas cousas justas, em linguagem serena, mas partidas de uma alma indignada. Considero-me um homem honesto e nutro

pela propriedade alheia um respeito religioso. Fui, entretanto, quando menino, a vergonha da minha mãe. Furtei brinquedos, furtei latas de leite condensado, e cheguei a furtar, pouco a pouco, mais de setenta mil réis, que me tomaram depois. E eu abençôo, hoje, todas essas tristes lições da vida e do destino, porque aprendí, na prática do crime, que era ainda apenas pecado, a ter por êle uma instintiva repulsão. E' pelo conhecimento do êrro que se consegue, muitas vezes, distinguir e venerar concientemente a virtude.

Recolham-se, pois, as mãos que se ergueram, limpas ou suadas, para aplaudir aquela que derramou o sangue do seu sangue. Um dia, em Viena, alguns forçados varriam as ruas, quando um rapaz de boa aparência desceu de um carro e correu a beijar a mão de um dêles.

— Que é isso? Beijas, assim, em público, a mão a um criminoso? — diz-lhe o comandante da escolta.

— E por que não, se êsse criminoso é meu pai? — respondeu-lhe o moço.

A senhora paulista agora absolvida parece grande aos olhos dos homens. Eu creio,

porém, que ela se tornaria maior, gigantesca mesmo, aos olhos das outras mulheres, se, realizado o pensamento que a tornou criminosa, fosse procurar todos os dias no cárcere o condenado, e dissesse a quem estranhasse vendo-a visitar um ladrão:

— E por que não, se êsse ladrão é meu filho?

XXI

GLORIA IN EXCELSIS DEO

(A Cristo, no Corcovado)

"8 — Iterum assumpsit eum diabolus in montem excelsum valde; et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum.

9 — Et dixit ei: Haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.

10 — Tunc dixit ei Jesus: Vade, Satana: scriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, et illi servies.

11 — Tunc reliquit eum diabolus, et ecce angeli accesserunt, ea ministrabant ei."

MATEUS, 4, 8-11

CONTA o evangelista Mateus que, achando-se Jesús no Deserto, aonde o levara o Espírito-Santo, imediatamente após o batismo nas águas vadias do Jordão, alí lhe apareceu o Diabo, que ia tentá-lo. Depois de o ter intimado, num desafio, a transformar as pedras em pão, e de o ter transportado até o templo, em Jerusalém, conduziu-o o Demônio ao píncaro de um alto monte, do qual se viam todos

os reinos do mundo, com todo o seu lustre e toda a sua glória.

— Tudo isto que vês, — disse-lhe o Maldito, — será teu, se, prostrando-te por terra, me adorares!

Jesús, estendendo os olhos doces pela vastidão do planeta, viu, lá embaixo, as cidades fervilhantes de homens e os desertos fervilhantes de feras. Viu as metrópoles irmãs de Babilônia, viu Roma pagã, viu Alexandria mergulhada na baba do pecado, e viu os desertos de areia loura, para os lados da Arábia. Recolheu, porém, o olhar à alma, como quem guarda um punhal na sua bainha, e ordenou ao Diabo:

— Retira-te, Satanaz; que escrito está: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a êle servirás.

E Satanaz, derrotado, rugiu, e desapareceu.

Estava anunciado para ontem o aparecimento de Jesús, de braços abertos, no alto do Corcovado. Símbolo humano, ou divino, de bondade e beleza, devia êle aparecer lá em cima, banhado de sol ou das lâmpadas acêsas por Marconi na Itália católica e longínqua, protegendo a cidade. Mas

a chuva, dia e noite, caiu do céu. Os fios dágua, estreitos e longos, desfiando-se do casulo imenso das nuvens, teceram um véu espêsso e frio, isolando o Senhor nas alturas. Milhares de peregrinos vindos de longe na esperança do espetáculo soberbo, orgulho novo da sua fé, tiveram de permanecer nos quartos dos hotéis, assistindo ao dilúvio. Alguns dêles, de alma simples e doce, perguntaram, com certeza, no silêncio do seu coração:

— Senhor, que te fizemos nós? Esta festa brasileira e cristã não será, porventura, do teu agrado? Se tens nas tuas mãos, que seguram as rédeas do Universo, o sol e a chuva, por que nos mandaste a chuva, quando te pedíamos o sol para te glorificar? Um dia, no monte Carmelo, diante do rei Acab, Elias invocou a Jeová, teu Pai, pedindo-lhe que fizesse arder a lenha molhada sôbre o altar do sacrifício, afim de confundir os sacerdotes de Baal. E êle desceu o fogo do céu; e a lenha ardeu; e o povo de Israel, que já não cria, prostrou-se com o rosto na terra, gritando, tomado de terror e de fé: "Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!". Por que, pois, nos aban-

donaste, quando precisávamos de ti para convencer os que não crêem, e fortalecer os que duvidam, provando-lhes que estavas conosco na tua festa, e que Jesús, a quem glorificámos, é, na verdade, filho de Deus?

A chuva, porém, há de passar. Hoje à noite, ou amanhã, Cristo resplenderá nas alturas, abençoando a sua cidade. E eu, miserável pecador, que raramente o vejo, vê-lo-ei, aquí de baixo, com as últimas brasas dos meus olhos que se vão apagando, vê-lo-ei, como o viram os dois discípulos no caminho de Emaús. Vê-lo-ei com o viram os apóstolos, que repartiram, com êle, o seu pão. Vê-lo-ei como o viu Pedro da Galiléia. Vê-lo-ei, sobretudo, como o viu Tomé em Jerusalém. E vê-lo-ei de modo ainda mais prodigioso, porque, se Tomé creu porque viu, eu — ai de mim! — eu, o céptico sem remédio, eu, o manso rebelado sem cura, eu, o último filho de um século que bebeu veneno no berço, — eu não creio, nem mesmo vendo!

Não pertencendo ao número seleto dos teus apóstolos ou dos teus discípulos, eu não sou, todavia, Senhor, da casta dos fariseus. Não estive contigo na ceia mas não

te insultei no caminho do Gólgota. Quando prègavas no Templo, eu me encantava com a tua palavra sem me inundar da tua fé. Ao passar sob o pêso da cruz, por diante da casa do sapateiro Simão, viste, talvez, um filósofo, coberto de andrajos, que detinha, com brandura, o braço às crianças que lançavam pedras. Sem acreditar que fosses um Deus, porque era grego e não acreditava nos deuses alheios, êsse filósofo acompanhou a turba com os pés feridos, sorrindo da sua própria dôr, mas compadecido da tua. Quando Pedro, diante da casa de Caifaz, te negou três vezes, foi êle que soltou aqueles três assobios de zombaria. Êle não acreditava em ti, mas não perdoava aos que, a um mesmo tempo, te seguiam e te negavam.

Não te lembras dêsse filósofo que sorria da sua própria miséria, andrajoso, pelas ruas de Jerusalém? Pois aquí está êle. Sou eu!

Agora és dono desta grande cidade. Pairas sôbre ela como a estrêla dos Magos pairou sôbre Belém de Judá. Não sabes, talvez, o que vai aquí por baixo, de tristeza, de fome, de agonia, de cansaço, de de-

sencanto do mundo, Senhor, e é porque conheço o silencioso sofrimento dos homens, que desta vez, erguendo os meus braços fatigados para a montanha em que te elevas, e de onde governas um mundo que o Diabo te prometeu, e que conquistastes à revelia dêle, solto, hoje, um suspiro fundo, repetindo a frase ingênua e expressiva do povo:

— Ai, Cristo... Olhai para isto!...

XXII

"RATINHO"

TINHA onze anos e parecia não ter mais de sete, de tão miúdo que era. A cabecinha esperta espetada no pescocinho esticado e fino; os olhos negros e vivos espiando no rosto amarelo e sardento; cabelo arruivado, e áspero como o pêlo das cabras, a cair, duro, pela testa, pela nuca e pelas orelhas; bracinhos nús e enodoados pulando da velha e esburacada camisinha de meia de listas negras e vermelhas, que lhe deixava à mostra o peito mirrado e encardido; a calcinha remendada mal cobrindo as perninhas de flagelado do nordeste; os pés descalços, que não conheciam outra água que não a das sargetas nos dias ou nas noites de chuva, — tudo isso dava ao pequeno vendedor de jornais o aspecto grotesco de um bonequinho de pobre encontrado no lixo.

Quando nasceu, deram-lhe o nome de Antônio. E foi Antônio até os oito anos, quando falecido o pai, esmagado sob um ca-

minhão, teve êle de vir para a cidade, a serviço de um jornaleiro. Uma semana depois da estréia no trabalho voltou para a casa com a alcunha de "Ratinho". E tão bem lhe ficava esta que a mãe, a própria mãe, nunca mais lhe deu senão êsse tratamento. E êle ficou sendo "Ratinho" em casa; "Ratinho" na rua; "Ratinho" por toda parte.

Às duas horas da tarde, estava êle, já, em frente ao prédio em cujo interior estrondavam as máquinas preparando as fôlhas vespertinas, à espera da distribuição. Pequeno e fraco, os companheiros maiores não se compadeciam da sua fragilidade. Uns o empurravam; outros lhe aplicavam cascudos; outros lhe passavam rasteiras, rindo-se todos com algazarra quando "Ratinho" caía, batia com a cabeça na pedra, e fugia, rápido, coçando o crânio para evitar as dôres produzidas pelo choque. Assim, porém, que conseguia receber o seu pacote de jornais, punha-os debaixo do braço e partia na carreira, até apanhar o primeiro bonde, saltando-lhe no estribo com o veículo em marcha. Corria, e gritava, com a sua voz esganiçada de criança faminta:

— Nôôôi...te! Olha a Nôôôite!...

Globo segunda!... Diááá...rio... Nôôôi.. te!

Alguns passageiros lhe davam preferência, comprando-lhe as fôlhas. "Ratinho" puxava o jornal de baixo do braço, estendia a mãozinha fria, infantil e suja para receber o dinheiro, dava ràpidamente o trôco, e pulava do estribo, partindo a correr em busca de outro bonde:

— Glôôô...bo! Nôôôi...te! Diário Nôôôite!...

Após a venda da última edição dos vespertinos, quasi às dez horas da noite, tomava o bonde para casa, no Morro de S. Carlos. Chegava assobiando contente, fazendo tilintar os níqueis, produto do seu trabalho, no bôlso da calça. A mãe esperava-o à porta da pequena casa de taipa.

— Bença, mãe! — pedia, a mãozinha estendida.

— Te abençôe — respondia-lhe esta, sêcamente.

E, fechando a porta:

— Deixa ver o dinheiro.

"Ratinho" despejava da algibeira da calça, em cima de um velho banco de madeira, a sua comissão na venda de jornais

a tarde inteira. A mãe desgrenhada, magra, suja, aproximava o candeeiro de querozene, contava as moedas pobres com as mãos sôfregas, e indagava:

— Só isto, hoje?

— Choveu muito na cidade... — desculpava-se o pequeno.

A mãe empurrava-o para o interior da casa:

— Vai... Vai comer...

Na cozinha, sôbre uma das pedras da trempe, no fogão sem fogo, mas com as cinzas ainda mornas, "Ratinho" encontrava em um prato de fôlha um pouco de feijão, um punhado de farinha e um pedaço de carne. Comia com uma colher de estanho, auxiliando-a de instante a instante com as mãozinhas imundas. Bebia um pouco dágua numa velha tigela, e tornava para a sala por onde entrara, e onde já o aguardava um velho gato amarelo e pulguento, com o qual se punha a rolar pelo chão. Às vezes, dormia alí mesmo, abraçado ao único amigo que possuía no mundo. Pouco depois, porém, a mãe o acordava, obrigando-o a descer o morro, afim de concluir o sono no batente de uma porta da cidade, ou numa oficina, embrulhado em jornais abertos, para apanhar a distribuição das fôlhas da manhã muito antes do sol nascer.

Uma noite, após um dia de calor asfixiante, "Ratinho" se sentia tão fatigado que não tinha nem coragem para correr a tomar um bonde, para vir, na oficina, prestar contas ao distribuidor. A venda fôra má e desanimadora. As fôlhas da tarde estavam quasi todas alí, debaixo do seu braço, afligindo-o com o seu pêso. As pernas vergavam a cada passo que dava. Um sono doido lhe apertava os olhos, pedindo-lhe que dormisse. "Ratinho" teve que obedecer. Sentou-se no batente de uma porta. Descansou ao lado o monte de jornais. E dormiu.

Dormiu o sono mais gostoso da sua vida. Dormiu e sonhou. Sonhou que havia ido vender jornais no Céu, e que os oferecia a todos os santos, mas nenhum queria comprar. Ninguém tinha interêsse pelas notícias dêste mundo. E já estava resolvido a descer, quando o Arcanjo Gabriel se aproximou, todo resplandecente, na armadura de anjo e de soldado, e disse-lhe:

— "Ratinho", dá-me êsses jornais que eu vendo tudo!

Êle entregou as fôlhas ao Arcanjo, e êste partiu pelo Céu a atirar as fôlhas para todos os lados. E cada vez que atirava uma fôlha para o ar, apanhava uma estrêla para pagamento. Ao fim de alguns momentos voltou, e entregou-lhe as estrêlas todas. "Ratinho" contou-as, e sentiu um contentamento indizível. Havia apurado dezoito mil e quatrocentos em estrêlas de tostão!

De repente sentiu que todo o Céu se iluminava. Remexeu-se no batente em que havia dormido. Levou as mãos aos olhos, esfregando-os. Estremunhou-se. Abriu as pálpebras. O dia vinha nascendo.

— Ah!... — exclamou, espantado.

Procurou o pacote de jornais, que havia pôsto ao lado, antes de adormecer. Não havia um só. Olhou em tôrno.

Ao longe, numa esquina, havia um monte de papéis molhados e sujos, arrastados para alí pelos varredores noturnos. Eram os jornais que "Ratinho" não vendera na véspera e que haviam sido arrebatados, rua em fora, pela ventania da noite...

XXIII

A CONDENAÇÃO DE OTELO

1

OS jornais de ontem divulgaram mais um caso triste em que a mão de um homem, respondendo ao apêlo súbito do coração desesperado, abateu a espôsa, que o enganava. No seu depoimento prestado na Polícia, fez êle, chorando, o histórico da sua desgraça. A traição vinha de longe, no espaço e no tempo. Surpreendida, certo dia, pelo marido, no momento em que tomava o automóvel para ir a um encontro marcado, a perjura declarou que ia atirar-se debaixo de um bonde. E êle, em vez de comprar o bonde e pô-la debaixo, reconduziu-a para casa, onde continuou a ser honradamente enganado. Até que, anteontem, tendo perdido a cabeça, e não podendo ser mais, portanto, cabeça do casal, como recomenda o artigo 23 do Código Civil, deu o dedo no gatilho, e derrubou a infiel. Esta-

va, na opinião dêle, desagravada a honra conjugal.

Trata-se, evidentemente, de um homem que chegou aos tempos atuais com vinte anos de atraso no espírito e no coração. Para êle, ainda não houve a guerra de 1914 com todas as suas consequências econômicas e sociais. E daí a ilusão de que fez mal à mulher, quando só o fez a si mesmo sacrificando o próprio destino com a própria liberdade.

A terra em que vivem as sociedades humanas partiu-se, moralmente, há dezessete anos, como aquela montanha no Alto Amazonas que Conan Doyle ideou no *Mundo Perdido*. Há uma fauna primitiva que ficou no planalto, e outra que, em baixo, na planície, se modifica e desenvolve. Uma não compreende a outra. Daí a impossibilidade de viverem em comunhão pacífica, e sem que o dinosáurio ante-diluviano devore a inquieta cabra selvagem. No caso de ontem, o marido era o dinosáurio. A mulher, moderna e fútil, era a alegre cabra do bosque.

A mentalidade antiga, em relação à honra conjugal, constituía, apenas, e lògicamente, uma consequência dos costumes.

Quando a moça brasileira casava, o marido ficava sendo o seu guia, o seu orientador absoluto e incontrastável. A palavra dêste era acatada, e o seu conselho uma ordem. Êle era o senhor e o dono. As sogras eram mansas, e os sogros camaradas. E' famoso o caso daquele árabe que, tendo casado a filha com um francês, viu, dias depois, a rapariga lhe entrar pela porta, vermelha de indignação, os olhos como duas cachoeiras de lágrimas.

— Meu pai, uma infâmia! meu marido me deu uma bofetada! — exclamou.

— Teu marido deu-te uma bofetada?!... — rugiu, pondo-se de pé, o ancião. — Pois bem: eu vou vingar-me!

E aplicando na moça outra bofetada:

— Vai! Êle deu uma bofetada na minha filha, eu dei outra na mulher dêle! Estamos pagos!

E empurrou-a para a porta, devolvendo-a ao marido.

O antigo poder do marido sôbre a mulher investia-o de uma grave responsabilidade, pois que, se a mulher um dia errava, era porque o marido não tinha sabido conduzí-la. A mulher era uma pedra preciosa

confiada a um homem. A pedra não caía sem que o depositário abrisse a mão.

E' o documento literário dessa compreensão da sociedade matrimonial, ou de uma das variantes da sua interpretação, o romance que Lúcio de Mendonça escreveu, ou pretendia escrever, e a que Pedro Lessa se refere, se me não engano, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Pela teoria que Lúcio sustentava nesse livro curioso, o marido, verificada a infidelidade da espôsa, não devia matá-la: devia matar-se. A sociedade, então, condenaria a motivadora daquele gesto, repelindo-a da comunhão humana. E não só a ela, como aos pais, que a não tinham orientado no caminho da virtude, em que as flores têm, de mistura, espinhos e perfume.

E' teoria, como se vê, para o século passado. Hoje, quando o marido se suicida porque a espôsa procede mal, a sociedade toda quer ver como é a cara da viúva.

Os tempos atuais deram rumos novos à educação doméstica, estabelecendo um novo regime de relações entre a mulher e o marido; mas os homens que aceitam êsse novo regime, não conseguiram, ainda, pôr a

legislação e a moral na conformidade dos costumes. O estigma que acompanhava os maridos enganados, justificável outrora, é hoje perfeitamente absurdo. Antigamente o homem era responsável pelos atos da mulher porque era o seu guia, o seu guarda, o seu mentor. Hoje, na sociedade burguesa, a mulher se considera livre, faz o que entende, vai onde quer. A responsabilidade do marido é, pois, nenhuma. Se êle a detiver em casa pela fôrça, a polícia virá em auxílio da vítima, e a imprensa dará os epítetos de bárbaro, de selvagem, de tirano, ao sujeito que pretendeu impedir que a mulher andasse pela cidade sòzinha. Logo, o estigma não tem mais razão de ser, porque ninguém o possue com o próprio consentimento, que só a violência, condenada pelas leis, poderia evitar.

A moral que a nova ordem de cousas preceitua é, pois, a de Esganarelo:

"Peste soit qui premier trouva l'invention
De s'affliger l'esprit de cette vision.
Et d'attacher l'honneur de l'homme le plus sage
Aux choses que peut faire une femme volage:
Puisqu'on tient à bon droit tout crime personnel,
Que fait là notre honneur pour être criminel?

Des actions d'autrui l'on nous donne le blâme,
Si nos femmes sans nous ont un commerce infâme,
Il faut que tout le mal tombe sur notre dos:
Elles font la sottise, et nous sommes les sots!"

A êsses versos, que os costumes vão atualizando, deu o nosso Artur Azevedo esta tradução, que é, como se vê, muito mais fiel do que a mulher de Esganarelo:

"Oh! maldita a vez primeira
Em que, por extravagância
Ligaram tanta importância
A semelhante frioleira!
A honra do homem mais liso,
Como me prezo de ser,
Depende do proceder
De uma mulher sem juízo!
Se todo o crime é pessoal
Como o Direito apregoa,
O crime de outra pessoa
Não me pode fazer mal.
Tenho das ações alheias
A responsabilidade;
Se a minha cara metade
Faz por aí cousas feias,
Contra o meu nome, que é meu,
O mundo todo arremete;
Ela as asneiras comete,
E o asno devo ser eu!"

Urge, pois, localizar essa responsabilidade, não lançando mais sôbre os maridos a pecha do ridículo, ùnicamente porque as mulheres lhes enxovalham o lar. No dia em que isso acontecer, isto é, em que as ironias da sociedade caiam sôbre as mulheres que traírem, e não sôbre os homens traídos, êles deixarão, talvez, de matá-las.

2

Esta semana foi assinalada, no calendário policial, por três tentativas de uxoricídio. Três mulheres se encontram, a esta hora, nos hospitais da cidade, crivadas de balas ou retalhadas a navalha. E os autores dêsses crimes, acham-se, todos três, na Detenção. E os filhos dêsses casais choram, em casa, sem pai e sem mãe.

O homem precisa, evidentemente, perder essa noção da vingança, imaginando que a mulher que o engana fica suficientemente castigada com a morte. A morte é a mais idiota de todas as formas de punição. E tanto é assim que o próprio Deus, exercendo a sua oniciência, tanto mata as mulheres impuras como as honestas. Há um

epigrama grego do século IV, atribuído a Páladas, no qual se conta que um assassino, cometido o seu crime, se deitou ao pé de um muro e dormiu. Dormiu, e sonhou. E no seu sonho viu que o deus Serapis lhe aparecia, e ordenava-lhe:

— Desgraçado que dormes à sombra dêste muro, levanta-te e vai deitar-te em outra parte!

O criminoso desperta, ergue-se, distancia-se. E não havia dado muitos passos quando o muro se esboroa no lugar de que se tinha êle levantado. Comovido com a graça divina de que havia sido objeto, corre o celerado ao templo do deus e, imaginando que os seus crimes haviam sido perdoados, rende-lhe sacrifícios, exclamando:

— Serapis, pai dos homens, graças te sejam dadas porque me salvaste a vida, o que é sinal, ó deus, de que esqueceste as minhas culpas!

À noite, porém, dorme. Dorme e sonha. Sonha e Serapis, no seu sonho, lhe aparece outra vez, e diz-lhe:

— Não suponhas, criminoso, que eu velo pelos maus. Eu não te impedí de morrer com pena de ti. Se eu te despertei para que

não morresses sob aquele muro, foi para que não tivesses morte suave. Porque te está reservado na vida, ó celerado, um castigo peor!

Matar a mulher que esquece a honra doméstica, a espôsa que come o pão conquistado por um homem e vai consumí-lo em beijos nos braços de outro, é positivamente, consoante a sabedoria de Serapis, poupá-la ao castigo que a espera. A punição para as debilidades do coração ou dos nervos femininos não está dentro da morte, mas dentro da vida. Por isso mesmo, o marido que se considera ultrajado pela mulher, não a deve matar: deve, por vingança, deixá-la viver.

Qual é, na verdade, o prêmio da mulher que envelhece? A posse de um lar, o afeto dos filhos, a amizade de um companheiro. O peor dos maridos é, sempre, na velhice, um amigo. E quando à mulher falta êsse amigo, sobra-lhe, no anoitecer da vida, a alegria interior de haver beijado sempre os filhos com lábios puros. O amante é, ordinàriamente, a larva dourada da borboleta negra de uma desilusão. Ao divisar a primeira ruga na face da mulher que to-

mou ao seu dono legítimo, êle pensa logo em outra. O cabelo branco é o fiapo de neve dessa andorinha. Moço ou velho, o amante quer, na mulher, a mocidade. Velha por velha, o marido bilontra prefere sempre a que tem em casa.

E haverá, na verdade, maior tormento para a mulher, entidade que geralmente só vive no coração e na alma, do que entrar na velhice sòzinha, sem o marido, que perdeu, sem o amante, que lhe fugiu e, sobretudo, sem o respeito alheio ou de si mesma? Acresce que o amante é, sempre, um móvel provisório. Mulher nenhuma ficou no primeiro. Êles são formados, substancialmente, da matéria de que são feitos os maridos, de modo que as mulheres jamais lucram na troca. E tanto isso é verdade que elas vão passando dos braços de um para os de outro, e chegam assim ao fundo do abismo em busca de uma felicidade que não há...

A mulher que escorrega uma vez, escreví eu não sei onde, fica sempre com um pedaço de sabão no salto do sapato. E êsse pedaço de sabão é que vai vingar o marido.

Os maridos shakespeareanos precisam considerar, ademais, que a sociedade brasileira, a camada de baixo como a de cima, atravessa um dos períodos mais críticos da sua evolução. As mulheres estão reclamando uma soma de liberdade para o uso da qual nem todas se acham convenientemente educadas. Elas supõem que a liberdade a que se referem os sociólogos e as feministas ilustradas consiste em ir para a rua todos os dias sem dar satisfação ao espôso, em comparecer ao futebol com o primo Juvêncio, em ir dansar no golfinho, em transformar, enfim, a vida numa pândega sem o controle de um homem, seja êle pai, irmão ou marido. Essas pobres criaturas encontrarão, porém, o castigo de sua leviandade, escorregando no sabão e não se levantando mais. E com isso, e com o desprêzo que lhe vote, o homem estará vingado.

Nada, pois, de sangueira, de rugidos de Otelo, com estampidos de revólver e cintilações de navalhas. A mulher vulgar é a mais desgraçada das criaturas. O homem tem uma infinidade de paixões superiores que lhe podem encher a vida. A mulher, que não é senão mulher, só tem o amor. E a sua desventura é tamanha que, para vingar-se de um homem a que dá a denomina-

ção de marido, só tem um recurso: ir entregar-se a outro homem a que dá a denominação de amante, e que é peor que o primeiro porque não tem, sequer, obrigações a cumprir para com ela, tomando-a simplesmente para instrumento do seu prazer.

Não mateis, pois, as vossas mulheres, cavalheiros a quem elas atraiçoam. Abandonai-as, fulminai-as com o desprêzo; expulsai-as da porta do vosso coração e do vosso bôlso. Entregai-as, enfim, a Deus. E podeis ficar certos de que, na hora oportuna, Deus as entregará ao Diabo.

3

Há uma fase, na vida de um homem de letras, em que êle se sente pago de todos os esforços e penas com as referências lisonjeiras ao seu nome e com o aparecimento do seu retrato nos jornais. Para obter êsse prêmio, percorre êle as redações insinuando a notícia amável, estabelece o regime do elogio mútuo, e solta um suspiro de alívio, de ambição satisfeita, no dia em que se vê pùblicamente louvado. A essa idade sucede, porém, outra, que é uma compensação da primeira. E' aquela em que o escritor, ao enunciar a sua opinião, não pensa nem no retrato, nem no elogio dos companheiros, nem na opinião da crítica literária, mas ùnicamente na simpatia anônima dos que sofrem, na gratidão surda dos que o compreendem perdidos na multidão, e a que êle levou uma palavra de consôlo, de afeto e de esperança. Em determinado ponto do caminho, o soldado, que partiu pensando na glória, troca a sua farda vistosa pelo hábito franciscano, e passa a consagrar ao seu próximo o tempo e o cuidado que consagrava a si mesmo. O cão de luxo, custoso e sem préstimo, transforma-se, de repente, em cão de São Bernardo, que arrisca a própria vida para salvar a dos peregrinos perdidos na montanha.

Eu cheguei a essa segunda condição sem me haver demorado, senão em pensamento, na primeira. A crítica não me conhece. Os homens de letras não me lêem. As classes ilustradas ignoram a minha passagem pela terra. Os jornais não têm o meu retrato nos seus arquivos. Mas, como eu me sinto pago de todos os tormentos da vida quando recebo essas cartas que diària-

mente me chegam, assinadas com os nomes mais obscuros e vagos, mas que me dão a certeza de que eu penetrei em uma casa pobre, na intimidade de um coração dolorido, e alegrei um triste, e confortei um desesperado, e fui, como um sacerdote cego que visita os seus paroquianos sem os conhecer, o amigo manso e caridoso daquele que não tem amigo!

A minha coleção de cartas alheias, que eu guardo como os escritores novos guardam os artigos que lhes citam o nome, constitue o índice da minha possível utilidade entre os simples. Gemem, ou gritam, nelas, surdamente, todas as angústias humanas, todos os órfãos da vida a que levei a extrema-unção de uma esperança. As palavras de gratidão dêsses mártires são as moedas do meu cofre. E eu guardo êsse tesouro de lágrimas como o usurário Grandet guardava o seu ouro.

Ocasiões há, porém, em que se faz mister utilizar essa documentação íntima, recorrendo ao depoimento de uma alma que sofre para consolar outra, vítima do mesmo destino. E é êsse o caso de hoje.

Nos primeiros dias de outubro dêste

ano, eu escreví um artigo sôbre os maridos que vingam a honra, matando a mulher que os havia ultrajado. Eram palavras sinceras, de homem que supõe conhecer alguns refolhos da alma humana, de observador que vive curvado sôbre os corações que tem ao seu alcance como Lineu se debruçava sôbre uma planta e Fabre sôbre um inseto. Sôbre êsse artigo, recebí quatro cartas, das quais uma, apenas, não desperta interêsse. Uma destas, é de um espôso que matou a companheira, e sofre, hoje, em uma cadeia do interior mineiro, os tormentos da sentença humana e do arrependimento divino. E as outras, de maridos que não mataram, e que abençoam o céu que lhes deu serenidade para afrontar uma situação desesperada, sem a agravarem com um crime. Antes de embarcar para Montevidéu, no desempenho da missão literária com que me distinguiu o govêrno da República, era pensamento meu publicar a primeira dessas cartas, como uma satisfação a quem a escreveu. Partí, porém, no dia seguinte ao do seu recebimento. E não quero, agora, que o ano termine sem que o seu signatário, no cárcere em que cumpre a pena que

lhe foi imposta pela justiça humana, saiba que o seu gemido não morreu sem eco no meu coração. Para dar-lhe êste consôlo, mostrando-lhe que alguém, nestes dias de festa, pensou na sua desdita, interrompo as crônicas de viagem que vinha escrevendo, afim de divulgar o grito de alma que, por meu intermédio, mandou ao mundo.

É esta a carta, que me veio de uma prisão mineira, em quatro fôlhas visadas pelo diretor do estabelecimento penitenciário, sr. A. R. Pereira:

> "Cadeia de Guaxupé, 6 de outubro de 1931. — Ilmo. sr. Humberto de Campos. — Senhor. — Não sei por que vias, chegou às minhas mãos *O Jornal,* de 3 dêste, no qual li as *Notas de um Diarista,* assinadas pelo seu ilustríssimo nome. Não tenho instrução suficiente para conhecer todos os assuntos que interessam à coletividade, e isto o senhor vê logo pelo estilo desta, daí compreender-se que o meu campo de ação se reduz ao pequeno círculo dos meus interêsses pessoais, embora tenha vontade de ser útil ao mundo. E essas

notas me interessam, porque tocaram em cheio a minha ferida, como o senhor verá.

"Sou um dos inúmeros que escorregaram no sabão até o abismo. E o meu pedaço de sabão é, justamente, o uxoricídio, que o senhor condena com razão, e com tão justos argumentos, aos quais eu quero acrescentar os meus, adquiridos com a mais dura experiência.

"O senhor disse: "A morte é a mais idiota de todas as formas de punir", e isso é uma grande verdade. Não só por não castigar quem a sofre, como pelas consequências que acarreta ao que foi instrumento dela. Eu penso lhe dar uma pequena demonstração dessas consequências, pois que há quasi dois anos estou preso, sofrendo as maiores privações materiais e morais.

"Imagine: lançado em uma masmorra, envolvido por tão ínfimo ambiente onde até o arrependimento (tão justo em quem erra) é considerado uma vergonha; sabendo que meus filhos cho-

ram sem pai e sem mãe, sob o pedaço do manto negro da miséria com que meus pobres pais cobrem a sua numerosa família; tendo sempre no pensamento, traçado com tinta indelével, o quadro rubro da tragédia; torturado pelo arrependimento e sempre cheio de outras tantas amarguras; é assim, então, que se castiga, sendo castigado mil vezes mais? Antes nunca se tivesse inventado essa palavra convencional que se chama honra, e que tantos desastres tem causado ao mundo!

"Quem foi o castigado com isso? Ela nada mais viu... Eu aquí fiquei, para suportar, sem poder mexer-me (pois que estou preso) o pêso de toda esta infelicidade. Fiquei para sentir a falta dela mesma, e de todo o carinho de pais, de filhos e de amigos. Fiquei, para ser injuriado, maltratado, espezinhado, desprezado e julgado por todos como um homem sem coração e sem alma, e a nada disto podendo responder. Eu, que tinha o direito de desprezar, renunciei, para que? Para ser desprezado! De que me valeu defender tal

honra, se ela acabou se perdendo, pisada justamente comigo?...

"E' incontestável verdade o que o senhor diz que Páladas dissera: que não é com a morte que se castiga, e sim deixando viver... Mas, que me adianta compreender esta verdade agora? Não estarei eu já sem remédio, mesmo que me ponham em liberdade? Poderá alguém pensar que tudo isto não me será cruelmente doloroso para todo o resto da minha existência?

"Se não fosse pelos que ainda dependem de mim, eu daria de bom grado a vida, para que não se repetissem no mundo casos como êste. Mas, que adiantará isto? Julgo que o único remédio para os que ainda estão em tempo, é procurar fazer com que desapareçam das idéias êsses preconceitos de honra, etc., que os nossos antepassados nos imbutiram no cérebro.

"Acrescento: as pessoas que não puderem se conformar com a deshonra, e que também não sintam fôrças para desprezar a quem amam (êste era o meu caso), antes devem se suicidar,

como se fazia no tempo dos césares da velha Roma, do que delinquir, que é muito mais funesto. Antes morrer que matar.

"Termino, pedindo desculpas de ter roubado seu valioso tempo. Se o fiz, foi pensando ser útil ao psicólogo. E se não prolongo estas linhas é para não aborrecê-lo mais do que já, naturalmente, aborrecí, com isto só.

Infeliz criado às ordens.

Moisés Karan."

O comentário que esta carta reclama não pode ser escrito com uma gota de tinta, mas com uma lágrima. E essa ela terá de quantos a lerem com o coração. Esta carta é, na verdade, o grito de um enterrado-vivo, que a manda aos homens aquí fora, da húmida e lúgubre escuridão do seu túmulo.

4

Antigamente, eu trazia o rosto voltado para o céu como os drúidas e os astrólogos egípcios, e, como êles, buscava compreender o mundo pelo canto dos pássaros, pela mú-

sica do vento, e pela misteriosa direção das estrêlas. Pouco a pouco, porém, fui voltando os olhos para a terra. E hoje sigo o exemplo do indígena, que, para decifrar os segredos da floresta, aplica o ouvido ao solo, aparentemente surdo e cego mas povoado, dia e noite, de rumores profundos e desconhecidos. Um trovador medieval, Walter Vogelweide, refletindo sôbre as tristezas e misérias do coração humano, exclamava, num espanto:

— Esta vida, eu a viví ou a sonhei?

E é isso que eu me pergunto a cada hora, ao estender o olhar em tôrno, perscrutando a sombra incendiada, e ao auscultar corações estranhos e aflitos, almas desamparadas ou em desespêro, que de longe me pedem uma palavra de consôlo e de coragem como o mau rico da parábola pedia, entre os tormentos do Inferno, a gota dágua de Lázaro.

São dois gritos de socorro que os felizes vão, hoje, escutar. São, ainda, duas vozes que sobem do abismo, uma das quais é multiplicada por todos os ecos das grandes e soturnas profundidades.

Aquí está o primeiro. E' a carta de um homem que, como aquele Moisés Karan, cuja confissão se encontra no capítulo anterior, matou, também, a mulher a quem amava. Suas palavras são, mesmo, inspiradas por aquelas, que aquí foram lidas. Ei-las, com a supressão, perfeitamente explicável, dos louvores ao humilde escritor que se vê transformado, hoje, em alto-falante de um hospital de almas:

"Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1932 — ..... — Por achar-me envolvido em um caso bem doloroso, compreendo, talvez melhor do que ninguém, a situação daquele infeliz encarcerado. Como êle, peço-lhe algumas palavras de consôlo e a publicação desta carta, a qual poderá, provàvelmente, ter a virtude de pôr no caminho do juízo e da razão algum tresloucado, desvairado pela paixão.

"Pelas circunstâncias especiais que o envolvem, meu caso é bem triste. A não ser pequenas faltas cometidas no período da juventude, a minha conciência de nada me acusava. Era um

homem de bem. Sempre coloquei a honestidade, o dever e a dignidade acima de tudo. Sempre procurei praticar o bem. Nunca fui vingativo. Nunca tive ódios. Sempre que fui ofendido ou prejudicado, soube perdoar. Quando, por palavras violentas, ou mesmo por ações, molestei alguém, nunca hesitei em procurar a reconciliação, e em retratar-me. Não via nisto desdouro algum. Reconhecia, apenas, uma falta. Assim sendo, podia orgulhar-me de ser um homem de caráter e sentimentos bem formados. Entretanto, sou um criminoso. Um criminoso de morte. Parecerá isto incrível, mas é verdade.

"Vivia eu uma vida honesta e de trabalho, usufruindo conceito na sociedade e meios que me cercavam, quando o acaso pôs no meu caminho uma mulher. Amámo-nos loucamente, desesperadamente, apaixonadamente. O ciúme, o desespêro, a loucura, que me fizeram perder o raciocínio e o senso da responsabilidade, armaram, porém, o meu braço. Destruí o meu grande amor, o objeto da minha violenta paixão. A

fatalidade, a cruel fatalidade, quis que eu sobrevivesse à horrível tragédia.

"A não ser o indivíduo perverso, que nasceu para o crime, todo criminoso de morte deve sofrer horrìvelmente. Mas aquele que, com as suas próprias mãos, exterminou para sempre a criatura a quem amava, e para quem só poderia desejar todo o bem no mundo, êsse padece torturas incomensuráveis. Neste número, estou eu.

"A compreensão exata do mal irremediável que pratiquei num instante de desvario, o sentimento completo da dôr que causei a pessoas que muito estimavam a mim e à minha vítima, o remorso, a saudade, as recordações que encontro em cada cousa, em cada objeto e em cada lugar, são terríveis instrumentos de tortura para a alma.

"A morte devia ser um grande alívio. Não sou covarde. Não a temo, portanto. Poderia promovê-la novamente. Exterminando-me, talvez encontrasse o sossêgo espiritual de que careço. Uma mãe extremosa e duas crianças inocentes condenam-me, porém, "à vida". Não

posso nem devo buscar a morte. Sou condenado a viver, a carregar comigo, até o dia de entregar minha alma a Deus, essa terrível cruz, a suportar êsse monstruoso Calvário.

"O senhor, que tão bem soube ler o íntimo daquele desgraçado uxoricida de Guaxupé, melhor do que qualquer outro terá uma noção nítida dos sofrimentos e das torturas de um homem que, como eu, teve a desgraça, o infortúnio de destruir a criatura que, por certas afinidades de gênio, de espírito, de caráter, de gôsto, de sentimentos e, mesmo, de volúpia, amara desesperadamente e quisera ter como companheira durante a existência. Sou, etc.,

(a.) *Condenado à Vida*".

A segunda carta, mais antiga, refere-se à crônica por mim escrita em princípios de outubro e que determinou a carta de Moisés Karan. Ei-la:

"São Paulo, 6 de outubro de 1931. — Sr. — As *Notas de um Diarista* hoje publicadas no *Diário de S. Paulo,* me

despertaram tantas emoções que não resistí ao desejo de escrever ao seu autor. Não me era possível ficar calado. Nenhum médico pode ser maior nem ficar em igualdade com aquele que nos cura a doença da alma; e o senhor vem de receitar o remédio único e infalível contra a tremenda epidemia das mulheres sem pudor e dos maridos traídos. O senhor disse tudo. Escreveu tudo. Nenhum outro caminho. Nenhuma outra filosofia.

"Lá no meu sertão longínquo, onde o marido é o juiz e o punhal é a lei, no dia em que percebí minha desdita, quando vi que todos me olhavam como um grito surdo a reclamar o sangue da maldita, agarrei-me à fé, e abandonei a mulher, a terra e os bens.

"Sinto-me curado. O senhor tem razão. A morte é realmente muito pouco para quem deve muito. O senhor vem de apontar o remédio máximo para um mal epidêmico e tido como incurável. A página "A matança de mulheres no Rio de Janeiro" só e só, vos daria por aclamação os bordados de ouro de Marechal das letras se o senhor ainda os não possuísse.

"A calamidade é assombrosa! A Polícia ou a Saúde Pública fariam obra humana se, em centenas de milhares de impressos, fosse a vossa receita distribuída de casa em casa, nas escolas, nas igrejas e pretorias de casamentos, e pregada nos bondes e nos pára-brisas de cada automóvel, neste Brasil imenso. Menor seria a venda de armas e munições. Menos mulheres para os cemitérios; menos homens para as Detenções e menos crianças ao desamparo.

"Sua receita, ilustre brasileiro, veio acabar de cicatrizar o ferimento da minha alma. Chegou ainda a tempo. Pelo muito que me fez de bem, Deus o proteja e abençôe. Disponha do seu etc., (a.)...".

Esta última carta vem assinada com o legítimo nome do seu autor, e acompanhada do respectivo enderêço, numa demonstração de confiança. A primeira é, como se vê, anônima, e merece uma observação.

O seu autor data-a do Rio de Janeiro: o carimbo do correio é, porém, de São Paulo.

De qualquer modo, porém, darei a êste a resposta que pede, o conselho que reclama, enviando-lhe em reflexões oportunas o confôrto de que o seu espírito e o seu coração necessitam. E que os maridos enganados, ou desenganados, que tergiversam ainda entre o olvido e o crime tirem dêsses dois depoimentos a lição que êles oferecem. Lembrem-se que a vingança, quando premeditada, se chama alegria, e que, quando consumada, se chama remorso.

5

Eu tenho escrito tantas vezes, nesta mesma secção, condenando a versão de que a honra conjugal deve ser lavada com o sangue da mulher culpada, que me poderia limitar, na resposta à primeira das cartas que ontem publiquei, a recomendar ao seu autor a leitura dos meus artigos anteriores. Os argumentos contra essa tradição sanguinária são, porém, tão numerosos, e tão vasta a farmacopéia para êsses ferimentos do coração, que eu prefiro, tornando ao assunto, recorrer a novos elementos de convicção, procurando chegar ao mesmo têrmo utilizando novos caminhos.

A nossa mentalidade brasileira, ou latino-americana, segundo a qual a mulher adúltera, como na lei de Moisés, deve ser lapidada, é, parece-me, uma herança de mouros, recebida por intermédio da Ibéria. Mas o mundo vem evoluindo e dá, neste momento, o maior salto da Idade Moderna. A sociedade universal e, particularmente, a nossa, está passando pela mais violenta das revoluções. O que outrora se justificava e louvava, hoje não se justifica mais e perde, por isso, direito ao louvor. De modo que o uxoricida sentimental não passa, em nossos dias, de um inadaptado, de um indivíduo que sobreviveu ao seu tempo e que desnorteado, deslocado do meio para o qual fôra criado, pratica o mais lamentável dos desvarios. Há, hoje, entre alguns psiquiatras, uma tendência para considerar certos loucos não como doentes, mas como cérebros retardados na sua evolução, indivíduos pertencentes a épocas mortas, atrasados de séculos ou de milênios, que surgiram e entraram em conflito com o espírito e os costu-

mes dos nossos tempos. O criminoso por amor, por paixão sexual, por antigos sentimentos de honra, é um caso análogo de sobrevivência e inoportunidade. E o que se faz mister, para evitar que essa família de desventurados se desenvolva e eternize, é educar as novas gerações masculinas na escola da realidade, fazendo-lhes compreender que o homem não tem mais os mesmos direitos antigos no ambiente novo, uma vez que cessaram os motivos que os asseguravam. Refere Renan que, no lago Baikal, na Sibéria, alguns peixes, que alí vivem na água doce, pertenciam primitivamente à fauna marinha e, no entanto, entram em grande agitação quando se tenta acostumá-los, de novo, à água salgada. Com a mulher sucedeu o mesmo. A vida moderna deu-lhe nova alma, novos sentimentos, nova concepção de deveres e direitos. E é impossível fazê-la voltar, mesmo com um cano de revólver, ao ponto de partida. Nossa geração, a atual geração masculina, tem de sofrer o choque, os efeitos trágicos dessa transformação. Ela contribuirá com maior número de criminosos e de torturados morais, que pagarão com a liberdade ou com

o sofrimento as custas dessa revolução social. O que se está observando, era inevitável. Mas o mal pode ser consideràvelmente remediado nas suas consequências com a vacina preventiva da educação.

As condições atuais da vida, trazendo a mulher para a rua e expondo-a a todos os riscos, exigem a supressão do direito de matar. Hoje, não há pai ou marido urbano pertencente à classe média, que tenha autoridade para governar discricionàriamente a filha ou a espôsa, impondo-lhe vida rigorosamente doméstica. A filha, ou a mulher, entende que, se pode sair sòzinha para um emprêgo, a auxiliar o chefe da família na conquista do pão ou, pelo menos, a ganhar o necessário para vestir-se, pode, também, ir a qualquer lugar sem a companhia dêle, orientando-se com inteira liberdade. Com a independência econômica, mesmo parcial, desapareceu a tutela. O pai, ou o espôso do nosso tempo, sofre ìntimamente os efeitos dessa nova organização ou melhor, dessa desorganização da família. Mas é inútil rebelar-se. O mal é coletivo, e o que êle tem a fazer é submeter-se, lamentando apenas o destino que o escolheu pa-

ra bode expiatório, pondo-o na vida num dos momentos de transformação do mundo. De nada valerão, hoje, nem a religião nem a palavra dos filósofos. A sociedade está na hora mais grave da sua metamorfose. Observando a liberdade da mulher que trabalha, a mulher burguesa, parasita do marido, exige a mesma liberdade de movimentos e de ação. E dessa liberdade é que resultam os desastres conjugais sem remédio, e dêsses desastres, as tragédias que ensanguentam hoje os anais forenses do Brasil.

O que os homens devem fazer, para que os mais infelizes não se tornem criminosos nem ridículos, é, pois, insisto, dar à honra conjugal uma interpretação mais de acôrdo com os costumes, e preparar o coração da mocidade para a sua função nova. Em primeiro lugar, é preciso não dar, nele, grande lugar ao amor. Urge impermeabilizá-lo, de modo que êsse sentimento não aprofunde exageradamente as raízes, dominando-o de modo absoluto. A mulher deve ser, no coração masculino, uma visita, que se possa fazer levantar e despedir no momento conveniente, e não uma dona de casa com direito à destruição do prédio. Não há mulher nenhuma insubstituível, porque as qualidades morais ou físicas não estão nelas mesmas, mas na imaginação do homem apaixonado. Convença-se disso cada homem, lembre-se que os gregos deram a Vênus as mais variadas denominações para que a deusa mais formosa do Olimpo não fosse uma só, e terá remediado, de antemão, os malefícios do amor. Tenha cada um na memória que uma debilidade, uma capitulação ligeira pode transformar a comédia ou o drama em tragédia e mudar um homem morigerado em assassino. Nada de amores absorventes e carrancudos. Nada de deificação da mulher. Procure cada um ter na lembrança os defeitos daquela a quem quer bem, e não as suas virtudes do corpo ou da alma, para fazê-los valer diante do coração e do espírito quando se tornar oportuno o remédio impedindo, assim, que o canto lírico se modifique em hino de sangue e de morte. E essa recomendação aos homens eu as tenho feito, igualmente, às mulheres.

Enquanto isso, procuremos acomodar, também, as leis aos costumes, de modo que

os Códigos reflitam melhor a mentalidade do século. Eu creio que parte dos uxoricídios tem origem no amor próprio ferido, no orgulho masculino humilhado pùblicamente. Entre o marido prevaricador e a mulher nas mesmas condições há uma diferença para a qual as espôsas ainda não atentaram: é que o homem, quando pratica uma leviandade, é portador apenas do seu nome, e que a mulher, em idêntica situação, usa o nome do seu marido. A lama de que aquele se cobre fica sôbre êle mesmo, não macula a parte pura do casal; a que tomba sôbre esta, macula os dois, e humilha mais a êle do que a ela. Madame, casada, usa sempre o nome do espôso. Proferir o nome que ela usa, é dizer o dêle. E eu acredito que ante a precariedade, cada vez maior, do casamento, faria obra prudente o legislador que individualizasse no casal o uso dos nomes, de modo que a mulher casada continuasse com o seu, de família, estabelecendo assim responsabilidade uniforme na conservação da sociedade conjugal. Se os direitos e deveres são recíprocos, e a mulher se considera hoje na mesma situação do homem, para que

há-de ela usar o nome dêle, se tem o seu próprio, e êle não usa o dela? O nome dos espôsos deve ser, insisto, de uso individual. E eu, de mim, confesso que nada me revolta mais do que ouvir certas senhoras se dizerem madame Fulano, ou madame Sicrano, especulando com o nome de um marido a quem desprezam e que as despreza, em lugares em que êsse marido não se acha, nem vai. O nome do marido é, hoje, em grande número de lares, uma bandeira cobrindo a carga por mares perigosos. E se muitos dêles se rebelam, é porque, naufragando o navio, em cuja carga não têm interêsse, naufraga também a bandeira. Que os navios, quaisquer que sejam as relações entre êles, naveguem cada um com o seu pavilhão, desde o início da viagem.

Suprimam-se, em suma, todas as causas conhecidas dos gestos desesperados, dêsses que têm levado ao cárcere tantos homens e ao túmulo tantas mulheres. Não é punindo, mas prevenindo, que se curam as chagas sociais. Facilite-se o divórcio integral, em que o homem, restituindo à mulher a sua liberdade, nada tenha mais com

a sua subsistência. Nem vida em comum, nem nomes, nem interêsses. Recorra-se, finalmente, a todos os meios para que o mundo atravesse sem dispêndio de muito sangue êste grave período de transição.

Quanto a êsse *condenado à vida,* que me escreve, procure êle esquecer o mal que fez com o bem que pode fazer. A mulher que sacrificou era inocente, ou culpada? Se era inocente, o comentário não cabe nestas notas. Se, porém, era culpada, o criminoso tem a sua justificação na mentalidade antiga, de que é um remanescente. Nesse caso, nem a saudade, nem o amor póstumo se justificam. Viva ou morta, ela estaria perdida para o seu coração. Não tivesse cometido o crime de que se acusa, e continuaria a sofrer, com a atenuante, apenas, de não haver derramado sangue humano, e de poder esquecer sem remorso. Não atormente o seu coração com angústia irremediável. Se foi traído pela mulher a quem se votava inteiro, foi deshumano exterminando-a, mas obedeceu inconcientemente a velhas tradições de honra. A causa do crime não justifica, sob o ponto de vista sentimental, a

saudade que a morta deixou ao espôso, embora explique o arrependimento que legou ao homem.

Seja, pois, forte e viva. E dignifique a vida enchendo-a de cousas nobres, generosas e cristãs. Destrua o túmulo que tem no seu coração e faça, dêle, um canteiro de jardim, todo coberto de rosas.

XXIV

CARTA A JESÚS, MEU SENHOR

MEU Senhor Jesús. — Não sei como passareis êste ano o vosso dia de natal. Antigamente, na data de hoje, o Céu era todo luz e todo alegria. Sant'Ana, vossa avó materna, e São Joaquim, vosso avô, abalavam-se do recanto do Paraíso em que têm uma chácara como aquela que possuíam na Galiléia, levando-vos uma lembrança afetuosa e singela, verdadeira lembrança de avô e de avó. São José e Nossa Senhora iam de véspera para a Côrte Celeste, afim de comemorar convosco o acontecimento. E os apóstolos todos lá se vinham também, como se fossem velhos parentes, para o grande e comovido abraço de congratulações. Para maior significação das homenagens, o Padre Eterno decretava feriado, anistiava algumas almas que se achavam cumprindo sentenças no Purgatório, e comutava a pena de outras, passando para o Purgatório uma ou outra

que tivesse mostrado bom comportamento no Inferno.

O dia de hoje era, então, o grande dia do Céu. Para que a festa decorresse no meio da maior familiaridade, retiráveis, desde pela manhã, a vossa auréola, de modo a não constranger os visitantes. Ao almôço, em família, em que eram servidos vinho, pão, azeitonas e tâmaras, não eram permitidos brindes, para que o ágape se tornasse mais simples, mais íntimo e mais jovial. À noite, ligava-se o rádio, ou o telefone, o recebíeis, então, Senhor, as mensagens e preces que subiam da terra, e que vos deixavam sempre um traço de amargura na alma, pela impossibilidade de atender a todos os requerentes, que pediam as graças mais dispares e contraditórias.

Em seguida, começava a recepção, a que compareciam todos os grandes santos, que aproveitavam, igualmente, a oportunidade para estragar a festa transmitindo-vos, às vezes, por causa de uma vela ou de uma dádiva em dinheiro, os mais tolos pedidos dos homens.

Hoje, porém, meu Senhor Jesús, tudo está diferente. O vosso dia natalício já

se não reveste daquela meia simplicidade cristã que era o maior encanto do mundo. Os homens estragaram a vossa festa. Desavindos aquí embaixo, tiram êles, com o trabalho que vos dão, toda a tranquilidade do Céu. Pedro, tão vosso amigo, há muito tempo não janta convosco nesta data, ocupado, à porta do Paraíso, em despachar o expediente com a chegada contínua de novas almas despidas do seu envoltório terreno nos campos de batalha. Contende-se por toda parte. Luta-se por toda parte. Mata-se por toda parte. E quando ligais o rádio aquí para baixo, o que escutais, meu Senhor Jesús, é a blasfêmia, é a irreverência, é o insulto, quando não é a oração feita sem fé, o que é peor, aos ouvidos do vosso coração, do que a blasfêmia, do que a irreverência e do que o insulto.

Houve, já, quem opinasse pela vossa volta a êste mundo para serdes, de novo, escarnecido e crucificado. Houve quem sugerisse o sacrifício, de novo, do vosso sangue, para redenção da Humanidade. Fizestes, porém, muito bem em não vir. Os homens, hoje, são um caso perdido. Não há Deus que os salve ou redima. E melhor fa-

ríeis se os deixásseis de mão e formásseis outro mundo em qualquer outro planeta a que não chegasse qualquer notícia dêste. A Terra está podre, Senhor: deixai-a extinguir-se com os seus vermes. Ou, então, soprai os vermes, e guardai apenas o fruto.

Olhai, por um momento, lá de cima, o aspecto que apresenta êste presídio em que cumpristes uma pena de trinta e três anos. Onde há duas nações juntas, uma se está atirando contra a outra, numa fúria de exterminação. Não há, em todo o planeta, dois povos amigos. O sono da Terra é uma vigília de salteadores, em que cada um aguarda que o outro durma para lhe cravar o punhal no coração. E quando uma nação não encontra um vizinho para brigar, briga consigo mesma, derramando o próprio sangue, devorando-se a si própria. Da altura em que viveis, nada vos é estranho ou novo. Conhecestes, sem dúvida, porque estais em toda parte, um macaco chamado Isaac, que havia no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Êsse macaco, ao ser irritado pelos visitantes, não podendo atirar-se contra estes, lançava-se contra si mesmo, e mordia os braços, a cauda, o corpo todo, até que o sangue lhe espadanava da carne espedaçada. Há povos assim, meu Senhor Jesús; há povos que fazem como o símio enfurecido, e que derramam o seu sangue porque não podem derramar o dos outros.

Achareis, talvez, ridículo, meu Senhor, que um mortal, e dos mais insignificantes, tenha a veleidade de dar conselhos a um Deus. Eu, porém, em vosso lugar, ou iria fundar outro mundo em outro planeta, como disse acima, ou restringia o negócio, contentando-me em ter, na Terra, apenas um pequeno grupo de amigos. Que adianta ao Céu a chamada cristandade, senão para lhe dar cuidados e aborrecimentos? Já fizestes por ela o que era possível. Já destes o vosso sangue e a vossa vida. Ela persiste no êrro, no pecado, na abominação. Quer ir por fôrça para o Inferno. Pois, vá!

Consta, já, até, por aí, que um dos países que se dizem cristãos e católicos, pretende criar uma entidade nova, para encher o coração das crianças na noite do vosso Natal. Trata-se, parece, de inventar um caboclo de rodela no beiço para aparecer aos pequenitos, trazendo-lhes brinquedos e surpresas à hora do canto do galo, a 25 de de-

zembro. O coração das crianças é vosso, meu Senhor. E para que apavorar os pequeninos com êsse bicho empenachado, pondo-lhes êsse fantasma no seu sono de anjo? Afugentai êsse caboclo do lado dos pequeninos, meu Senhor Jesús, e ficai pequenino, para sorrir, como outrora, na imaginação dêles, enquanto dormem.

Esta carta, meu Senhor Jesús, vai triste e árida como meu coração, abandonado de toda fé e de toda esperança. E êste coração, Senhor, eu vô-lo venho oferecer, como lembrança dêste dia, quando não tenho nem ouro, nem mirra, nem incenso, e a voz já me não dá para acompanhar o côro dos pastores.

Êste coração que vos dou, é um vaso tôsco, em que não há senão o estrume do pecado. Plantai nele, meu Senhor Jesús, uma batata de lírio. Não para perfumar a minha vida, porque é tarde, mas para que chegue a tempo, ainda, de santificar a minha morte...

XXV

AREIA E SILÊNCIO

UMA das práticas mais ferozes dos povos bárbaros e sanguinários consistia na exibição, diante das tendas, das cabeças dos chefes vencidos. Comido o adversário em banquete tumultuoso, era o crânio enfiado em uma vara no terreiro da cubata ou da maloca, vindo em seguida, os vencedores, que haviam comido a carne, dansar e cantar em roda do osso.

Quando se lêem as crônicas do Brasil primitivo e as viagens através dos sertões africanos, é essa uma das cenas que mais vivamente ferem a imaginação. Aquela caveira espetada num pau fica-nos na lembrança como um remorso. E de tal modo, que se torna, no subconciente de cada um de nós, o símbolo, mesmo, da barbaria.

O homem civilizado reproduz, entretanto, às vezes, nos requintes da sua cultura, o selvagem, na sua brutidão. Após alguns milênios de existência polida, o bugre que se achava acocorado atrás de nós se põe re-

pentinamente de pé, arreganha os dentes, e pratica, em nome da ciência, da religião ou de princípios, aqueles mesmos atos que praticava em nome do ódio ou da fome. E a humanidade, que perseguiu o bugre, porque obedeceu ao instinto, aplaude o homem culto que fez a mesma cousa sob o patrocínio da Civilização.

Um telegrama da Baía, publicado ontem, determina estas reflexões. Contam, realmente, dalí, terem sido expostos ao público, na Pinacoteca do Estado, os crânios dos bandoleiros do grupo de "Lampeão" mortos em combate pela polícia. Despidos da sua carne, êsses despojos humanos mostram, agora, os dentes fortes ou cariados à curiosidade dos visitantes. E sob cada caveira um nome terrível: "Caninana", "Cascavel", "Jararaca", "Ventania". Apelidos que recordam morticínios, crimes horrendos, ataques famosos, encontros sangrentos com os delegados da lei. Para que a exibição sinistra dêsses fragmentos de carcassa?

Para estudos? Para proveito da ciência? Se é êsse o pensamento dos exibidores dêsses troféus macabros, a idéia falha à sua finalidade. A frenologia é, hoje, o mais

precário ramo da anatomia. O crânio de Gall foi o primeiro documento contra a ciência de Gall. Ademais, o banditismo no nordeste não é um fenômeno étnico, ou patológico, mas simplesmente social. O crânio de "Cascavel" ou de "Caninana" não será diferente do que haja pertencido ao mais virtuoso e pacato varão sertanejo. O ambiente, e as circunstâncias especiais da vida, é que puseram sob aquela abóbada de osso pensamentos de sangue e de morte. Nenhuma luz raiará, pois, daquelas caveiras, para iluminar o caminho dos vivos.

A exibição ao público dos crânios dos bandoleiros que serviram sob as ordens de "Lampeão" constitue, assim, apenas, um luxo da fôrça, e um desrespeito a infelizes brasileiros que as condições do tempo e do meio desviaram para as veredas tortuosas do crime. A piedade humana pede, para êles, a paz e o repouso cristãos, no seio materno da terra. Êsses despojos não têm nenhuma utilidade para a Sociedade ou para a Ciência.

Há na história popular do Imperador Carlos Magno uma passagem que todos os nordestinos conhecem. E' a morte de Fre-

degunda, cujo cadáver se decompõe em serpentes venenosas, que saem em perseguição dos que mataram a feiticeira invencível. Da caverna de ossos formada pelo esqueleto da virago, partem as serpes em turbilhão, enchendo os caminhos.

Os crânios dos facínoras do nordeste agora expostos na Baía podem repetir o prodígio fatal. A deshumanidade de que vêm sendo vítimas nessa exposição pode despertar ódios novos, répteis vivos gerados nos ossos arrancados aos túmulos. O banditismo constitue, no Brasil, vergonha tão grande que se não devia guardar memória dêle.

Êsses mortos são daqueles que urge matar. Retiremos, pois, as suas caveiras das portas da nossa tenda. E deitemos-lhes por cima, em nome do Brasil e de Deus, terra e silêncio.

XXVI

CITERA'

A Polícia do Distrito Federal, prègou, uma destas noites, uma peça a Cupido. Enquanto o deus-menino andava, em companhia de Mercúrio, a passear pelas vizinhanças do Mangue, um delegado e alguns investigadores realizaram uma expedição às avenidas Gomes Freire e Mem de Sá, prendendo 150 filhas de Vênus. E o que os jornais noticiam, é que se vai, agora, regulamentar o comércio do amor, localizando-o em determinadas ruas, de modo que êle não ofenda, com os escândalos que o caracterizam, os olhos da gente honesta.

Lendo essas informações da imprensa, vem naturalmente, à lembrança, o famoso quadro de Jeaurat, em que o artista representa o transporte de raparigas alegres para as prisões e hospitais de París, no tempo de Luiz XV. Custodiada por gendarmes, a carroça atravessa as ruas da cidade, puxada por dois cavalos e repleta de mulheres de todas as idades e aspectos, as quais

se debruçam sôbre a grade que as cerca, sorrindo para a multidão. Do meio do povo, matronas indignadas gesticulam, o braço estendido, indicando aos agentes do Rei novas casas de pecadoras, ajudando-os a purificar a metrópole. E París, brejeira, sorrí, vendo passar a carroça do Pecado.

O Rio de Janeiro não viu, nem podia ver, espetáculo idêntico. Discreta e prudente, a polícia fez a correição durante a noite. Mas as autoridades refletiram. Prender prostitutas não é acabar com a prostituição. E logo veio a informação complementar e necessária de que o meretrício vai obedecer a uma regulamentação, e de que o amor, que nunca obedeceu a leis, vai, em breve, ser obrigado a viver dentro dela.

Eu não sei, na verdade, de problema que reclame, para ser examinado, mais largo estudo nem maior ponderação. Se a política, no Brasil, é um caso de polícia, que se resolve com "Pedro I", a prostituição é um fenômeno social, que não se resolve nem com a Marquesa de Santos. Em fins de 1928, Albert Londres, cuja morte num naufrágio encerrou há pouco uma existência intensíssima de jornalista moderno, realizou,

como se sabe, a sua viagem à Argentina. E publicou, com os elementos colhidos nessa excursão, um volume bizarro e imprevisto que intitulou *Le Chemin de Buenos-Aires,* livro que teve, em 1929, a maior divulgação no Brasil e sôbre o qual eu próprio escreví um artigo. Obra de observação e de ironia, é essa, também, um trabalho profundamente humano. Nela procura o autor mostrar ao público que as mulheres que se entregam ao comércio do próprio corpo, na América ou na Europa, são mais dignas de piedade e de respeito do que de condenação e de repulsa. De cem criaturas que consomem a mocidade alugando os seus encantos, oitenta são desgraçadas, e vinte viciadas: "quatrevingts pour cent de malheureuses, vingt pour cent de vicieuses: voilà mes chiffres", — conclue êle. E como compensação alegre, para suavizar a tristeza do assunto, sugere que se levante em Buenos-Aires, em frente ao pôrto, uma estátua à "cocotte" francesa, a qual devera ter no pedestal esta legenda:

A la Franchucha — le Peuple Argentin Reconnaissant.

O que mais interessa nesse livro é, entretanto, o modo por que o autor demonstra a responsabilidade da gente honesta, da sociedade que se acostumou a condenar sem julgar, no progresso dêsse carcinoma da civilização contemporânea. Para positivar essa culpa, conta Albert Londres o caso de pobres raparigas de nobres sentimentos, desempregadas durante semanas ou meses, responsáveis pela vida de uma velha mãe e de um irmão doente, e que, num dia de fome, se entregam a um transeúnte afim de conseguir, para êles, um pedaço de pão de que elas próprias têm repugnância. Descrevendo pequenos dramas dessa ordem, apanhados no depoimento de centenas de vítimas, aponta o escritor francês à execração humana o farisaísmo das senhoras puritanas dos dois continentes, as quais, depois de despedirem arrogantemente da porta uma desventurada criatura que lhes pede emprêgo, se mostram horrorizadas e indignadas quando sabem que elas capitularam diante da fome e da miséria.

Há, aliás, sôbre esta matéria, toda uma literatura a ser consultada. E' notável, por exemplo, no gênero, para estudá-la sob um

aspecto simpático e humano, o célebre romance russo de Alexandre Kuprine, *Iama,* de que há uma excelente tradução francesa, sob o título *La fosse aux filles.* A vida dos alcouces está, alí, inteira, pedindo um pouco de piedade para as infelizes que neles apodrecem, e que foram conduzidas para alí, e são alí mantidas, pela hipocrisia da gente honrada que vive aquí fora... Menos piedoso não é, talvez, também, sob o seu aspecto humorístico, o regulamento daquela *Societé Joyeuse,* projetada em París no século XVIII, e em que o autor anônimo ideava a industrialização do meretrício, colocando-o sob o patrocínio do Estado, assegurando à mulher pública uma velhice tranquila, mediante aposentadoria remunerada. Composto de 35 artigos, êsse regulamento é um modêlo de malícia e sabedoria.

Que é, porém, uma prostituta? De onde vem ela? Um caso ocorrido no Rio de Janeiro, há poucos dias, modificará, talvez, algumas opiniões extremadas. Uma formosa moça de dezoito a vinte anos, apaixonada por um homem que conheceu no Rio Grande do Sul, veio, como Des Grieux atrás de Manon, à procura dêle na vastidão dês-

te deserto cheio de gente, que é a capital da República. Desembarcando aquí, procurou emprêgo por toda parte. Como era bonita e jovem, aceitou um, num "dancing". Despedida, por se não querer submeter às exigências dos frequentadores do estabelecimento, ficou nas ruas da cidade, sem pouso e sem destino. À sua educação e ao seu temperamento repugnavam a vida deshonesta que lhe propunham. Afinal, arrastada pela fome, encaminha-se para o bairro do baixo meretrício, disposta a capitular. Mal, porém, penetra no aposento vil que lhe fôra designado, sente, como a "garçonne" de Victor Margueritte, horror de si mesma. E, na sua revolta, no seu nojo, à semelhança daquelas virgens cristãs que se matavam para não ceder à concupiscência dos soldados de César, pega de uma caixa de tóxico que encontra no alcouce, e o ingere para morrer.

Chamada a Assistência, é conduzida para o Pronto Socorro. Horas depois, acha-se fora de perigo. Submetida a interrogatório, conta sua desventura, o seu infortúnio, a tristeza do seu destino, a que procurava fugir pela porta escura da morte. E que

faz a autoridade? Que fazem os médicos? Que fazem os homens, representantes da lei e da bondade humana, que lhe ouvem a crônica desditosa? Salva do perigo, mandam-na embora... Mas, para onde? Que significa semelhante restituição à rua? Isto apenas:

— Vá, deixe-se de escrúpulos e não se envenene mais. Você é bonita e moça. Ganhe o seu pão de qualquer maneira, mas não se mate, porque o Estado tem um serviço público destinado a impedir que uma rapariga se suicide, mas não tem nenhum para evitar que ela se prostitua.

Ora, êsses milhares de senhoras que fazem cara de anjo quando se fala em "mulheres do mundo", que maldizem as "cínicas" que vivem à custa dos maridos, dos pais, e dos irmãos delas, os quais as vão procurar nos lugares de prazer e de pecado, — essas senhoras, que deviam fazer? Isto, simplesmente: organizar associações generosas, instituições de beneficência social, visando amparar as moças que, como essa, se vêem na contingência de trocar a honra, o pudor, a maior fortuna que a natureza lhes deu, por um miserável pedaço de pão.

Estude-se, pois, o problema com inteligência e cautela. A campanha contra a prostituição deve assemelhar-se à que se faz contra a febre amarela. Deve ser, não só repressiva, mas, sobretudo, preventiva. Não basta retirar o doente. E' preciso, principalmente, sanear o pântano de onde sai o mosquito...

XXVII

UM VULCÃO NA ILHA OGÍGIA

A atitude desassombrada dos intelectuais norte-americanos em favor dos homens sem pão que a polícia federal vem escorraçando de Washington por ordem do presidente Hoover, merece o interêsse universal, e é digna, sobretudo, de registro, neste ignorado pedaço do continente. Ela denuncia o aparecimento de uma fôrça nova, e de uma nova mentalidade, agindo sôbre os destinos da maior democracia, ou, melhor, da maior plutocracia contemporânea. E constitue, possìvelmente, um aviso aos Ulisses que dormem felizes na ilha Ogígia, no interior da qual se está formando um vulcão.

Não é êsse, naquela metrópole, o primeiro movimento da inteligência e da fôrça contra o escândalo das vidas faustosas, nas horas tristes em que a plebe levanta as mãos para as janelas iluminadas dos ricos, pedindo-lhes, da rua, as migalhas dos seus

banquetes. O último dia do ano passado, foi escolhido pelo casal Poherty, de Washington, para apresentação da sua filha Helena à sociedade elegante da capital. Para essa festa, que, pelo luxo, pela sua suntuosidade, pelas proporções e imponência, devia ficar nos anais mundanos do país, destinou o banqueiro Poherty um milhão de dólares, equivalente a 14.000 contos brasileiros, ao câmbio atual. Mil convites foram distribuidos. Os salões imensos foram decorados com as flores mais caras, importadas das Antilhas e dos arquipélagos do Pacífico. À entrada, cada convidado devia receber um presente de gôsto e de preço, e o palácio todo refulgia na sua iluminação ofuscante, como um diamante enorme engastado na cidade. Orquestras espalhadas pelos jardins em que as lâmpadas punham flores de fogo nas árvores, davam, a quem tinha olhos e ouvidos, a impressão de um sonho oriental. Helena Poherty penetrava na sociedade de Washington como Armida no seu palácio encantado.

De repente, porém, começam a aglomerar-se na rua indivíduos que falam alto, e que comentam, irritados, o escândalo daquele fausto. São operários, homens do povo, gente de trabalho, que acorre para ver a maravilha anunciada pelo noticiário dos jornais. E irrompe o primeiro grito de protesto:

— Essa festa é uma afronta aos pobres! No momento em que cinco milhões de operários vivem sem trabalho e morrem sem pão, êste milionário vem queimar o seu ouro diante das autoridades da República, num desafio aos lares em que lavra fome! Abaixo os perdulários que insultam os pobres.

Policiais aproximam-se para manter a ordem. A multidão avoluma-se, vendo-se nela funcionários e políticos. E é um dêstes que, tomando a frente de um grupo, fala em nome dêle:

— Esta orgia de nababo é, de fato, insultante. Não há nenhum homem que, com o seu trabalho individual, possa ganhar para esbanjar assim. O ouro que se está gastando é o fruto do esfôrço anônimo de muitos que se acham com fome aquí fora. A polícia está no dever de, em nome da ordem pública e da moralidade civil, impedir a continuação desta afronta à miséria popular.

E a uma interpelação de um dos guardas:

— Eu sou o senador Morris, representante do povo americano!

Êsse episódio deu causa, prontamente, a considerações pela imprensa, que procurou tirar do caso o ensinamento nele contido. "O luxo dos ricos será, por acaso, um roubo feito aos pobres?", pergunta-se. E as conclusões dependem, naturalmente, do ponto de vista daqueles que as procuram.

Fui eu próprio que contei, não sei quando nem onde, o caso de Cecília Sorel, ocorrido pouco depois da Grande Guerra. Trajando um vestido de 400.000 francos, ouro, sôbre o qual faiscavam jóias no valor de um milhão, aparecia essa artista, de regresso dos Estados-Unidos, no tablado do seu teatro, em París, quando foi recebida, numa noite de récita popular, por uma tempestuosa demonstração de desagrado.

— Não te lembras mais de Verdun e das Ardennes, onde os humildes pereceram por ti? — gritava um.

— Lembra-te das viúvas!

— Recorda-te dos órfãos!

— Já te esqueceste dos famintos?

— Não te lembras dos mutilados?

Ante êsse clamor inesperado a artista retirou-se do palco e reentrou no seu camarim, não para chorar, mas para dizer, com os olhos faiscantes de cólera, a um jornalista que aí se encontrava:

— Idiotas! Não sabem êles que luxar é, também, uma forma de trabalhar pela França! Com que é que temos, nós, os franceses, criado a nossa situação privilegiada no mundo? Não é com a vaidade das mulheres, cujo luxo dá o padrão à vaidade universal? Não são êste luxo e esta vaidade da mulher francesa que tornam París o figurino da terra civilizada e o ponto para onde convergem, nela, os olhos das sociedades mundanas? E não é esta situação, criada por nós, as mulheres de gôsto, que sustenta milhares de fábricas de artefactos caros, nas quais ganham o seu pão alguns milhões de operários franceses?

O banqueiro Poherty poderia, talvez, lançar mãos dos argumentos de Cecília Sorel. Mesmo assim, os pobres, os anônimos, os obscuros, teriam motivos para condenar

a suntuosidade da sua festa? Os vestidos alí exibidos não teriam rendido algumas centenas de dólares às costureiras humildes? A iluminação, os tapetes, os doces, as orquestras, as jóias distribuídas pelas senhoras, não teriam dado ensejo a que os operários dos diversos misteres encontrassem trabalho e, consequentemente, salário para o sustento? Para onde havia rolado o milhão de dólares, senão para a bolsa dos pequenos artífices? Que era, em suma, aquela festa de nababo senão o pretêsto procurado por um homem que possuía muito ouro para fazê-lo passar da mão de um só para as mãos de muitos?

Evidentemente, o assunto convida à reflexão, e a reflexão à polêmica. O rico que faz mal à coletividade não é o que esbanja; é o que guarda. Não é César: é Harpagão. Não é Buckingham: é Grandet. Não é Sardanapalo, que transforma em luxo todo o seu ouro, mas Midas, que quer transformar em ouro tudo aquilo que lhe sofre o contacto das mãos. A riqueza que circula é benéfica, e auxilia a todos. A que se torna inútil e prejudicial é a que permanece aferrolhada nos cofres ou arcas, sob as diversas

modalidades da usura, deshumanas armadilhas aos necessitados.

E' essa, pelo menos, a minha opinião de hoje, na impossibilidade de emitir outra melhor. E enquanto escrevo isso, tenho os olhos pregados na ilha Ogígia, aguardando, ansioso, o primeiro estouro do vulcão...

XXVIII

EM FAVOR DE ISRAEL

O mundo inteiro levanta-se, neste momento, em favor de Israel, ameaçado na Alemanha pelo anti-semitismo de Hitler. Procedente da Áustria, de uma região em que o ódio ao judeu sobrevive latente, o chefe racista despertou, de novo, na alma alemã, um sentimento que se achava morto há mais de meio século. E, por toda parte, há um grito de indignação e de horror. Que destino tiveram, na verdade, as conquistas mais nobres da Civilização, no domínio espiritual? Em que metal foram fundidos os elos da fraternidade humana, que tão cedo se partiram?

Quando, em 1880, se verificou, em Colônia e Berlim, a última agitação contra os semitas no antigo império, Eça de Queiroz, em crônica da Inglaterra para o Brasil, teve palavras de espanto ante essa reminiscência da barbaria medieval. "Que diremos

do movimento na Alemanha? — exclama êle. — Que em 1880, na sábia e tolerante Alemanha, depois de Hegel, de Kant e de Schopenhauer, com os professores Strauss e Hartmann, vivos e trabalhando, se recomece uma campanha contra o judeu, o matador de Jesús, como se o imperador Maximiliano estivesse ainda, do seu acampamento de Pádua, decretando a destruição da lei Rabínica, — é fato para se ficar de bôca aberta todo um longo verão". E, se causava pasmo e escândalo semelhante espetáculo depois de Hegel, de Kant, e de Schopenhauer, que reflexões pode despertar a sua repetição no tempo de Einstein e Thomas Mann, quando as letras e a ciência alemãs disputam o principado do mundo?

O judeu, que instituiu o "bode expiatório" continua a ser, assim, o bode do mundo cristão. "Na Idade Média, lembra o romancista português, — todas as vezes que o excesso dos males públicos, a peste ou a fome desesperava as populações; todas as vezes que o homem escravizado, esmagado e explorado, mostrava sinais de revolta, a igreja e o príncipe apressavam-se a dizer-lhe: "Bem vemos, tu sofres; mas a culpa é

tua; é que o judeu matou Nosso Senhor e tu ainda não castigaste suficientemente o judeu". A população então atirava-se aos judeus: degolava, assava, esquartejava, fazia-se uma grande orgia de suplícios; depois, saciada, a turba reentrava na treva de sua miséria a esperar a recompensa do Senhor".

Os vingadores do mártir de Jerusalém, que odiavam o judeu, e lançavam à fogueira o judeu, não desprezavam, todavia, nem atiravam às chamas, o dinheiro do judeu. Conta Voltaire que, quando o marechal Duque de Villars tomou Strasburgo, os judeus da cidade nomearam uma comissão para ir saudá-lo no seu quartel-general. Ao ser informado de que essa comissão se achava na ante-sala e lhe queria falar, o velho militar esbravejou para o ajudante de campo que lhe levara a notícia:

— Não recebo. Mande pôr na rua êsses cães. Êles pensam, então, que eu já esquecí que foram êles os crucificadores de Nosso Senhor Jesús Cristo? Fôram êles!

— Marechal, — atalhou o ajudante, — êles vêm não só apresentar-lhe as saudações pela conquista da cidade, como, também,

oferecer ao sr. Marechal uma lembrança de vinte mil ducados.

— Bom, vá lá... Mande-os entrar, — ordenou o grande soldado, mudando o tom da voz.

E num gesto de quem perdoa:

— Se êles crucificaram Nosso Senhor, foi, também, coitados, porque não sabiam quem era...

Perseguido, insultado, humilhado, o judeu não busca represália senão dentro das leis que os seus perseguidores redigem, votam e sancionam. Êle não oferece o seu dinheiro ao cristão. O cristão é que lho pede por empréstimo, submetendo-se aos juros que Israel estabelece, mas não impõe. Com êsses juros, Israel prospera, enriquece, domina secretamente o mundo. O judeu jamais penetrou nos palácios da Espanha ou de Portugal pedindo aos príncipes e fidalgos do séquito real que ficassem com os seus sequins: príncipes e fidalgos é que o mandavam chamar e com êle negociavam. E quando se viram insolváveis, atribuíram-lhe toda a sorte de feitiçarias e calamidades, e puseram na rua a multidão fanática

armada de archotes, cantando, bêbada de fome, de vingança e de vinho:

"Ea, judios,
A enfardelar
Que El-Rey los manda
Passar la mar".

Os negócios são, porém, como as brigas; não negociam dois quando um não quer. Tendo, certa vez, um judeu pedido a Afonso de Aragão quinhentos ducados por uma imagem de São João, observou-lhe o soberano:

— Tu és mais ambicioso do que teus antepassados. Se êles venderam o Filho de Deus, em pessoa, apenas por trinta dinheiros, como queres tu que eu pague quinhentos ducados pela simples imagem de um dos seus servidores?

O judeu poderia ter objetado, talvez, que tanto foram criminosos Judas que vendeu Cristo, como os sacerdotes, que o compraram, e que, se êle vendia um santo, é porque encontrava um comprador. A cupidez de Israel não existiria se não existisse a imprevidência do cristão.

Onde está o judeu, está o ouro. Econômico, prudente, morigerado no gôsto e disciplinado na vontade, consegue êle, de tal maneira, identificar-se com a fortuna pública em todo o mundo, que o lastro metálico de um país é avaliado, hoje, pelo número de judeus que possue. As reservas de ouro dos Estados-Unidos têm o seu índice nos 26 milhões de judeus espalhados pelo seu território. De onde o judeu fugiu, fugiu o ouro. Foi com êle que a riqueza da Espanha e de Portugal se transferiu para a Holanda. O judeu está, em suma, para o ouro, como a oiticica do sertão para as correntes dágua subterrâneas. Onde há judeu, há dinheiro.

O Brasil devia, pois, abrir os braços a Israel, na hora em que o perseguem no Velho Mundo. Livres do terrível espectro de Diogo Furtado de Mendonça, poderão os judeus trazer para êste lado do Atlântico a Lei e o ouro. Nós possuímos, no céu e na terra lugar para o seu Deus e para o seu dinheiro. Venham com os livros de Moisés e com os livros de cheques. E só encontrarão irmãos, — e colocação do seu dinheiro a 12 %.

De qualquer modo, aquí fica, e bem alto, o protesto de um escritor brasileiro contra a perigosa aventura do racismo alemão. Uma perseguição religiosa, em nossos tempos, mesmo ditada por secretas razões econômicas, envergonha o século. Mas Israel vencerá.

Hitler nasceu ontem. Moisés tem quatro mil anos.

XXIX

EU, PESCADOR, ME CONFESSO

O apóstolo Pedro teve, domingo último, fora do dia que lhe é consagrado pelo agiológio católico, uma linda festa marítima. Obedecendo a uma poética e singela tradição brasileira, os pescadores cariocas foram buscá-lo à sede de uma das suas colônias litorâneas, e conduziram-no, por mar, à Praia da Saudade. Dezenas de embarcações miúdas, movidas a motor ou arrastadas a vela, formaram na baía azul, sob o céu azul, num enorme caixilho de montanhas verdes. Do alto dos montes, ou escondidas no casario moderno, as velhas igrejas históricas repicavam os sinos. E a extensa e ingênua procissão flutuante cortou a Guanabara, com as suas mil bandeirolas multicores tatalando ao vento, como se todos os pássaros tivessem ligado uma das asas ao cordoame dos barcos humildes, para que êles voassem mais ligeiros, conduzindo ou festejando o seu simpático protetor.

Na Praia da Saudade, entre os adeuses das velas batidas do vento e os gritos inquietos das gaivotas, foi celebrada a missa votiva, pelo cardeal-arcebispo. A mão estendida para as ondas alegres, o príncipe da igreja brasileira abençoou os remos e o velame aberto, espalhando sôbre êles, naquele gesto humano, a idéia da proteção divina. Em uma salva de prata, é trazido um anel de ouro. Sua Eminência benze o anel, ergue-o na extremidade dos dedos e, solenemente, lança-o às vagas, como Polícrates. A pequena jóia fulgura um instante, fere a água com o seu pêso leve, e desce, trêmula, debatendo-se, como quem se afoga, ao seio do abismo verde e misterioso. Estava terminada a cerimônia. Os barcos e os homens, achavam-se abençoados para as suas temerárias lutas com o mar.

Eu tenho, por essas festas amáveis e primitivas, uma simpatia profunda e comovida. Nascido nas proximidades do oceano, quasi à foz de um rio histórico e de água salôbra, eu via partir, quando pequeno, os barcos audazes dos pescadores da minha vila, que iam buscar lá fora, na onda larga e franjada de espuma, o peixe nosso de cada

dia. Recordo-me ainda das panelas de ferro pousadas nas trempes rústicas, feitas com três pedras; e dos estrados em que o peixe era servido, com os convivas sentados no chão. Sinto, ainda, às vezes, nos cabelos, a carícia dos ventos marinhos. Cantei, um dia:

"Eu nasci, como a gaivota,
Perto do oceano, entre escolhos:
Por isso é que não se esgota
A água do mar em meus olhos!..."

Os homens rudes da minha vila tinham cheiro de maresia. As moças fabricavam cêstas com pequeninas conchas coloridas e cheiravam a musgo do mar. Meu pai possuía um grande barco de dois mastros, cujas velas latinas eram listradas de branco e vermelho, em sentido vertical. E é o mar, o velho mar da minha terra, que me tem conduzido no seu dorso, como Cristóvão aos homens da sua aldeia, toda a vez que o Destino me manda mudar de terra.

Essa existência itinerante, fez, todavia, de mim, um sacrílego. De uma terra de pescadores, saí eu, não pescador, mas pecador. Daí, misturar-se ao meu carinho pe-

las cerimônias como a de domingo, ao lado da simpatia pelo ato, uma estranheza de herege, um sorriso amargo de homem de pouca fé. Por que, na verdade, benzer o homem que mata o peixe, e não benzer o peixe contra as gulosas perseguições do homem? *Producant aquæ reptianimæ viventis...* — mandou o Senhor, no quarto dia da Criação. E quando o Homem chegou, já encontrou o peixe.

E que pecado cometeu o peixe para servir de pasto ao Homem? E que fez, por seu turno, o Homem, para que Deus lhe sacrifique o peixe?

Percorra-se a história sagrada e não se encontrará, da parte dos peixes, senão serviços a Deus. E' um peixe que, por ordem do Senhor, restitue, com o sacrifício de si mesmo, a vista a Tobias. E' um peixe que traz Jonas à praia, permitindo-lhe a prègação em Nínive. E' com os peixes que Jesús faz o mais piedoso dos seus milagres. O peixe era, em suma, o símbolo secreto dos cristãos, durante as perseguições de Nero e Domiciano.

Eu acho, pois, que a Igreja, em lugar de abençoar o homem, para que êle apanhe

e coma o peixe, deve abençoar o peixe, para que êle, sempre que se lhe apresente a oportunidade, apanhe e coma o homem. O peixe nunca pecou por palavras ou atos. Discreto e prudente, jamais blasfemou. É êle, finalmente, em toda a Criação, a mais pura e inocente das obras de Deus.

Glória, portanto, a Deus, nas alturas, e paz aos peixes, no fundo do mar!

XXX

HERMES FONTES

«DE minha mãe, que muito pouco conheci, sei, de oitiva, que foi uma senhora simples, boa e virtuosa, levando o culto do Bem, da Honra e do Lar, a êste fetichismo religioso, tão peculiar às boas famílias rurais sergipanas e de que Tobias nos dá tão justa idéia na moralidade da sua admirável *Lenda rústica*. Recordo vagamente que, tanto quanto possível a uma simples matrona da roça, ela folheava livros de versos (Junqueira Freire, Casimiro, Gonçalves Dias), e cantava com uma voz celestialíssima, canções honestas e modinhas da época". Essas palavras são de Hermes Fontes, em um depoimento autobiográfico datado de 1914.

E eu vejo, nelas, a origem remota do seu ato de anteontem, metendo na cabeça, para paralisação repentina da vida, uma das balas do seu revólver.

Hermes Fontes veio ao mundo para ludíbrio do Destino. Foi atirado à vida co-

mo se atira um coelho inocente a um páteo onde se enroscam as gibóias, que apavoram a presa antes de devorá-la. A mão divina deu-lhe, desde o berço, tudo que era preciso para ser desgraçado: roubou-lhe o carinho materno, pôs-lhe à bôca o pão alheio, dado de esmola; tapou-lhe o ouvido, fazendo-o surdo; obstruiu-lhe a garganta, tornando-o meio gago; e, como se essas infelicidades fossem pouco, fê-lo poeta. Sobrecarregado para a marcha pela Vida, buscou êle o último confôrto que a Vida lhe podia oferecer. Como um pássaro, com a úsnea e a paina, teceu o seu ninho, que foi o seu lar. E êste se desmoronou, desabou com estrondo, deixando-o só, exposto aos insultos tempestuosos do tempo.

A sua morte heróica na manhã seguinte ao dia de Natal, contém, todavia, um grande e profundo ensinamento. Filho de sertanejo, descendente daquela boa e honrada gente do norte, para a qual o afeto da família é medicina para todos os males da alma, êle sonhara com a felicidade doméstica e brasileira dos seus maiores. E foi esta que, no momento oportuno, lhe faltou. Êle poderia voltar da rua com a alma sangrando e o coração traspassado de setas. Podiam vir no seu encalço, atirando-lhe pedras, todos os homens da terra. Tivesse, porém, ao transpor o umbral da sua casa o lenço de uma companheira que lhe enxugasse o suor ensanguentado, e o beijo de um filho para adoçar-lhe a bôca repleta de fel, e dar-se-ia, nele, a ressurreição.

Porque, na verdade, nestas ásperas batalhas do mundo, quem, de alma delicada, não tiver um remanso a que se acolha, não terá ânimo para resistir aos entrechoques violentos da Vida.

Sem mãe, sem filhos, afastado da espôsa, Hermes Fontes poderia ter encontrado no afeto dos amigos um ligeiro bálsamo para o seu infortúnio. Mas a amizade é um sentimento cujo contacto se estabelece, ordinàriamente, pelo ouvido. Como, porém, levá-la ao poeta sofredor se êle era surdo, tornando difícil, senão impossível, uma palestra corrente e demorada? Eu confesso que, por mais de uma vez, tentei conversar largamente com êle, ministrando-lhe conselhos e transmitindo-lhe ensinamentos adquiridos na observação da vida e no hábito da meditação. Mas encontrava um obstáculo:

a sua surdez. Êsse defeito isolava-o do mundo e dos amigos, deixando-o à mercê das suas tempestuosas reflexões interiores.

Hermes Fontes assinalou-se, no início da sua carreira literária, por uma vaidade mais ingênua do que irritante. "Sentí inocular-se-me pelos nervos e pelas veias o micróbio dessa vaidade estreita e dêsse orgulho mórbido, que têm sido a má estrêla da minha vida" — confessa naquela autobiografia, referindo-se a determinado período da sua carreira literária. Essa vaidade e êsse orgulho tinham, entretanto, desaparecido. Êle dava-me, ùltimamente, a impressão de um homem que procura modificar a opinião que os outros fazem a seu respeito e que se considera culpado dessa má opinião. Eu sentia nele, enfim, nestes últimos anos, uma bela alma, um sereno espírito, e um nobre coração.

Ao meditar sôbre a sua morte, vêm-me, por motivos diferentes, à memória, duas outras: a de Raul Pompéa, que varou o coração em uma véspera de Natal, e a de Essenine, o bizarro poeta russo, marido de Isadora Ducan. Separado da nova Euterpe, Essenine não pode esquecê-la. Escreve-lhe

cartas fervilhantes de maldições e de beijos. Até que, impotente para vencer-se a si mesmo, rompe uma veia do pulso, escreve com sangue o último verso, e estoura os miolos com uma pistola de campanha.

"Morte — ponto final do calendário humano!"

(Hermes Fontes)

Grande Hermes, meu pobre e desgraçado amigo! Teu calendário não tinha acabado ainda, como previas no teu verso. Rompeste-o, entretanto, ensopando-o com o teu sangue. E, assim, em letra vermelha, fizeste do 26 de dezembro um tranquilo e eterno domingo...

XXXI

OS FAROLEIROS

UMA correspondência de Londres, publicada no Rio de Janeiro há dois dias, dava notícia do heroísmo sereno de dois ou três faroleiros de um rochedo do Mar do Norte, os quais, ilhados pelo mau tempo, ficaram durante dois meses sem o menor contacto com a terra firme. Levantadas pelos grandes ventos árticos, as águas tomaram a forma de montanhas, coroadas de espuma fervente. Nenhuma embarcação, por mais temerária, poderia afrontar as ondas enfurecidas. E a bruma a envolver tudo, a entristecer tudo, a tornar mais pressaga a tortura da solidão.

Ao fim da terceira semana começaram a faltar as provisões. Prevendo a continuação do mau tempo, os faroleiros reduziram a ração magra, de água e de pão. Nenhuma notícia do mundo. Nenhuma visão da terra habitada. Nenhuma voz humana, que não fosse a dêles mesmos. Apenas o estron-

do dos vagalhões estourando na pedra; e o céu imenso, povoado de nuvens cinzentas e doidas; e o vento mugindo, gritando, blasfemando, assobiando, a varrer o mar e o céu.

Não obstante êsse isolamento, êsse abandono por parte dos homens que se moviam em segurança na terra larga e feliz, os faroleiros não deixaram, uma só noite, e nos dias trevosos, de cumprir com o seu dever. Famintos embora, sem lume no fogão para afugentar o frio, lá subiam êles, cada um por sua vez, à tôrre do farol, para mover a grande cúpula luminosa, avisando do perigo os que andassem perdidos nas ondas. Que lhes importava a êles a inutilidade daquele grito de luz levantado no vazio do céu e no vazio do mar? Nenhum navio errava, com certeza, tão longe da costa, em tempo tão mau. A obrigação dêles consistia, porém, em acender o farol, e passear sôbre a imensidade das águas, na tristeza da noite, o seu comprido leque incendiado. E cumpriam êsse dever como se o mar estivesse fervilhante de navios. Alta noite, sob o vento cortante e gelado, sob a chuva que rolava das nuvens baixas e lôbregas, lá

iam êles se substituir uns aos outros na hora do quarto, metidos nas capas grosseiras e impermeáveis, o cachimbo sem lume pendente ao canto da bôca, na ilusão triste do velho vício insatisfeito... E aí ficavam até a primeira claridade do dia, olhando o mar tormentoso e deserto, o céu misterioso e deserto, como se, no mundo deserto, fossem êles os últimos homens que restassem na terra!...

Lendo a história comovente e heróica dêsses homens soturnos e humildes do Mar do Norte, vieram-me à lembrança todos os seus companheiros de todos os mares, todos os faroleiros isolados nos rochedos marítimos nas cinco partes do mundo. Êles cumprem, pela honradez, a pena de degrêdo, imposta a outros pela deshonestidade. Por um pedaço de pão escuro e amargo, abandonam o mundo, a vida tumultuosa, as vantagens todas do progresso e da civilização. Do alto da sua tôrre ignoram êles as torpezas, as covardias, os vícios e os crimes das cidades. Uma espôsa e um filho, companheiros do degrêdo, eis o seu mundo. E, no entanto, sem nada dever ao mundo alheio, lá estão êles a noite toda, o olhar de estri-

ge mergulhado no horizonte negro, velando pela vida dos felizes, velando pela fortuna dos ricos, velando pela prosperidade dos maus!...

Faroleiros dos Abrolhos, de Fernando de Noronha, de Sant'Ana, dos faróis solitários perdidos no mar, com que simpatia fraterna eu medito, às vezes, sôbre o vosso destino! Que belo símbolo sois, na modéstia da vossa vida e na obscuridade do vosso heroísmo, dos homens de pensamento que velam sôbre o oceano das idéias! Que lhes importa a êles a recompensa? Que lhes importa a êles não lhes levem, na sua solidão batida do vento e das ondas, o pão e a água, o fogo e a vestimenta? Êles continuarão no seu pôsto, no alto da tôrre, varrendo com o facho do seu cérebro a imensidade do Céu e a imensidade do Mar!

Louvados sejais, pois, faroleiros de todos os mares do mundo! Louvados sejais, vós, que abrís uma estrada de luz, na floresta da Noite, sôbre os outeiros móveis das águas!...

XXXII

OS MONGES

CONTAM as crônicas orais da política fluminense que, um dia, certo chefe municipal abriu luta com o juiz de Direito da sua comarca. Informado do incidente grave, Nilo Peçanha, a quem os dois contendores deviam obediência partidária, mandou chamar a Niterói o político arrepiado e imprudente, e recomendou-lhe que, absolutamente, não desse andamento ao conflito.

— Acalme-se, meu amigo, acalme-se, — pediu, — não insista nessa loucura. Se você quer fazer carreira política, não brigue, jamais, com gente que veste saia.

E definiu:

— Juiz, mulher e padre!

E' esta sabedoria, em que se tornaram mestres os velhos políticos brasileiros, que vai, aos poucos, desaparecendo do consumo na vida pública e social do país. Antigamente, os homens que amavam o sossêgo passavam à distância daquelas três entidades

humanas. Ninguém procurava discussões com mulheres, altercações com vigários, inimizades com juízes. O respeito à saia, às vestes sôltas, que deixavam a anatomia em liberdade, não existe mais. As senhoras vieram para o pretório, liquidar junto à mesa do magistrado as contendas que eram liquidadas, anteriormente, junto à cama do casal. Juízes foram acusados, atacados, ou simplesmente criticados, e defenderam-se bravamente, dando com o código na cabeça dos acusadores, arrastando-os, em seguida, desfalecidos, pela gola do casaco, para as prisões do Estado. E como se isso não bastasse para revelar a anarquia que caracteriza uma época, um indivíduo apunhalou, há meses, em Petrópolis, a frei José, e outro investiu, anteontem, em um dos templos mais frequentados do Rio de Janeiro, para arrancar a vida a frei Leandro. Em menos de um ano, dois monges, dois humílimos e esforçados semeadores da caridade e da fé, iam sendo sacrificados por mãos ferozes e irreverentes, sem outro motivo que a sua indumentária, isto é, acharem-se incluídos na categoria de que falava Nilo Peçanha.

Nas bárbaras terras do norte que eu percorrí na infância e na mocidade, um delegado de Deus era sempre sagrado.

— Em um padre só se toca da coroa para cima! — dizia-se, num axioma, para demonstrar a intangibilidade de um sacerdote.

E' verdade que às vezes, na sua malícia, os caboclos satisfaziam a sua fome de vingança ou de despeito sem desacatar aquele princípio eclesiástico: viravam o padre de cabeça para baixo, e davam-lhe uma surra da... coroa para cima. Êsse cuidado mesmo, êsse escrúpulo em não maltratar uma autoridade religiosa quando investida de todos os atributos do seu ministério, patenteava o respeito dos homens à classe sacerdotal. Essa veneração era tamanha, que as crianças a estranhavam.

— Papai, — perguntava um pequenito, — uma onça pode entrar no céu?

— Não, meu filho, não pode.

— E se a onça tiver comido um padre, papai? Entra ou não entra?

Nada mais resta, entretanto, daquele velho e santo respeito. Na loucura de que se acham tomados, os homens investem, ho-

je, contra todos os portadores da saia: matam mulheres, apunhalam monges, insultam magistrados. Se se faz mister infringir a sábia e prudente recomendação de Nilo Peçanha, mate-se a mulher e insulte-se o juiz; mas respeite-se o portador da batina e, em particular, o portador do burel. Não há, na terra, na hora presente, classe que mais mereça acatamento do que a monástica. Eu a venero, e invejo. No tumulto da inundação que arrasta a humanidade para o abismo em que se afundará num turbilhão de lixo e de espuma, o frade é o único homem que se conserva tranquilamente à margem, vendo passar, na corrida vertiginosa para a voragem, o cortejo dos náufragos embriagados. Emparedados nos seus mosteiros, isolados do mundo pela rude couraça do seu hábito, cercados de ridículo pela modéstia grosseira da sua vida no oceano do confôrto universal, os monges estão destinados, talvez, a salvar, de novo, os arquivos da fé e o patrimônio da civilização. À semelhança do que sucedeu no dilúvio de trevas da Idade Média, quando, nos mosteiros alpestres e solitários, guardavam entre as cousas sagradas os remanescentes pagãos do gênio

latino, êles serão, possìvelmente, de novo, os tripulantes da nova Arca, flutuando nas águas que sepultarem o mundo. Segregados do tumulto social, êles aguardam a sua hora, como o nadador das praias elegantes espera, da gávea do seu mastro, despercebido dos que se divertem, o grito do náufrago a debater-se na onda. Capuchinho ou dominicano, agostiniano ou carmelita, trapista ou franciscano, — eu os tenho a todos como os últimos sábios do mundo cristão. Rolam sôbre êles as ondas de fogo e lama dos séculos, turbilhonam em tôrno o luxo, a vaidade, a cobiça, a ambição do mando, a ambição da glória, a ambição do amor; o frade continua a calçar a sua alpercata; a vestir seu manto áspero; a apertar-se com o seu cordão.

Nascem as modas, morrem as modas. E ninguém pergunta, durante séculos, nos mosteiros, como se estão usando as côres das meias, os colarinhos das camisas, as bainhas das calças, o corte das casacas, o bôlso dos paletós!

Respeitemos, pois, os monges, ó meus irmãos, e amemo-los. Matem, os ciumentos, as mulheres. Agridam, os espíritos rebeldes,

os juízes. Mas que o religioso permaneça incólume, cercado da veneração universal.

O monge está fora da vida. Ninguém o responsabilize pelos êrros e pelos crimes do mundo.

Os mortos não pedem senão o silêncio e a paz. E o monge é um morto, dentro da Vida.

XXXIII

A DESVALORIZAÇÃO DO MIOLO

O inventário dos bens deixados pelo escritor inglês Conan Doyle, falecido em julho último, revelou um espólio de 63.000 libras, equivalentes, ao câmbio atual, a cêrca de 4.500 contos brasileiros. E êsse dinheiro foi, todo êle, produto de livros e artigos para a imprensa; brotou, em ouro vivo, do bico da sua pena, representando aquela soma, embora, o saldo de quarenta e oito anos de trabalho vitorioso e contínuo.

A esta hora, o mundo inteiro comenta, possìvelmente, êsse êxito excepcional no império universal das letras. Milhares de grilhetas da pena, em todos os países civilizados, analisam o triunfo prático do pai de Sherlock Holmes, lamentando que todos os países e todas as línguas não ofereçam as mesmas possibilidades de sucesso financeiro aos homens que se consagram à criação literária.

O caso é, realmente, invulgar, mesmo nos dois grandes países de língua inglesa.

A insinceridade das estatísticas americanas, o objetivo comercial que elas visam, o cabotinismo dos seus autores ou, pelo menos, o dos seus editores, deviam colocar os Estados-Unidos fora de quaisquer cálculos comparativos. Quatro ou cinco autores têm, alí, feito fortuna apreciável; os demais, porém, ganham ùnicamente para manter uma existência confortável — o que acontece, aliás, na França de hoje, com os seus prosadores de maior nomeada.

A verdade verdadeira é, todavia, que a literatura não pode ser considerada, ainda, sob o ponto de vista geral, uma profissão. Que é uma profissão? E' o meio de vida em que encontra um salário todo o indivíduo que a êle se consagra. O pedreiro, o carvoeiro, o latoeiro, o tecelão, recebem sempre alguma cousa, por menos que produzam. Qualquer que seja o trabalho realizado por um profissional de qualquer dêsses ofícios, sempre tem êle algum valor. Não há quem fabrique um cêsto, um armário, um sapato, e vá entregá-lo gratuitamente ao consumidor. Há, entretanto, quem leve seu livro ao editor sem receber a mínima remuneração, e, ainda, quem se mostre agradecido quando o editor, e até mesmo o leitor, o recebe por êsse preço.

Os nossos antepassados tinham, aliás, noção exata dessa condição secundária do pensamento, no ritmo da vida prática. O homem de letras de outrora vivia à custa dos príncipes, dos ministros, dos poderosos, cobrindo-os de louvores para receber um pouco de pão. Ao contrário do que sucede nos nossos tempos, o que ofendia o brio não era elogiar desmedidamente um personagem de grande fortuna, mas expor à venda um livro, transformando a inspiração em mercadoria. No tempo de Boileau ainda prevalecia essa mentalidade; e de tal modo que êle próprio diz ter horror aos autores que, possuindo nome ilustre:

"Mettent leurs Apolon aux gages d'un libraire
Et font d'un art divin un métier secondaire."

Voltaire é citado, geralmente, como um espírito prático, em virtude das suas condições de fortuna nos últimos vinte anos de vida. As suas rendas elevaram-se, no último quartel dêsse período, a 350.000 francos anuais. Mas isso provinha das subvenções que recebia, e, sobretudo, das suas es-

peculações comerciais, sôbre títulos, sôbre o trigo e, ainda, do arrendamento das terras adquiridas com legados. Os seus livros, entregava-os aos editores sem receber, por êles, qualquer remuneração. Os *Caractères*, de La Bruyère, foram oferecidos, em original, à filha do editor Michallet, que só assim os deu à estampa.

O primeiro audacioso a tentar viver do trabalho da pena foi Rousseau, o grande e altivo Jean Jacques. Mais ia morrendo à fome, pois que toda a sua obra lhe não rendia, anualmente, mais de 3.600 francos. No princípio do século XIX, Walter Scott, que era o escritor mais lido do seu tempo, procurou, ainda, recuperar na literatura aquilo que havia perdido no comércio, transformando a pena, como êle próprio dizia: "de bengala, objeto de luxo, em muleta, objeto de utilidade". Mas o cérebro estalou, e êle morreu ainda endividado.

O século passado fez o impossível para valorizar a imaginação criadora. Mas conseguiu pouco. Gautier vendeu ao editor Renduel, em 1835, os direitos autorais de *Mademoiselle de Maupin* por 1.500 francos. George Sand, que era, ao lado de Balzac, o romancista mais lido em língua francesa, não conseguiu nunca mais de 5.000 francos por uma obra do seu punho. Para obter de Buloz, de uma vez, 10.000 francos, foi preciso que lhe entregasse os quatro volumes das suas *Memórias* e jurasse que aquele dinheiro se destinava ao dote da filha, pois que ela, assegurado o destino da criança, ia pôr têrmo à vida. Sainte-Beuve, que vivia a princípio dos seus artigos semanais e, por último, do seu subsídio de senador, vendia todos os anos, aos editores, um volume, afim de poder presentear as suas amigas com gracioso mimo de Natal. Os Goncourts venderam ao editor Dentu, por 300 francos, os direitos sôbre os *Portraits intimes du XVIII^e siècle*. E tinham dispendido, só com a compra de cartas autógrafas para a feitura dêsse livro, mais de 300.000 francos.

Ponson du Terrail e Dumas, pai — que, aliás, morreu com cinco francos em casa, isto é, na casa do filho, — são casos excepcionais, como êsse de Conan Doyle. Porque, na verdade, o homem de letras, quando êle o é de verdade, não considera o dinheiro uma retribuição do seu esfôrço. A

moeda em que êle quer ser pago é a simpatia que se converte na cédula da popularidade. Apareça o Diabo a um poeta ou a um romancista, como apareceu a Jesús de Nazaré, e proponha-lhe a incineração dos seus versos e dos seus romances no altar do bezerro de ouro, e êle preferirá, à riqueza ostentosa mas anônima, a triste e negra miséria, mas com a certeza da glória e do aplauso comovido dos homens. Dêm-lhe isto, e êle se sentirá feliz.

E' isso, apenas, o que pretendem os homens de pensamento. E' pouco para as outras criaturas da terra, mas, para êles, é tudo! E' essa, — ó poderosos do mundo! — a moeda de ouro do seu reino. E essa moeda, às vezes, tem o cunho da Eternidade...

XXXIV

O MORTO QUE CHORA

O Brasil está transformado, neste momento, em terra de prodígios. Há três ou quatro meses, isto é, depois que a crise começou a flagelar mais severamente os corpos, se vêm multiplicando os fatos sobrenaturais, com o aparecimento de profetas, de santos, de sábios imprevistos, e o registo de acontecimentos que a ciência não explica e a polícia não procura explicar. Em Minas, as lavadeiras abandonaram a trouxa da freguesia e passam a curar gente limpa com a água da roupa suja. Em Sergipe, um lavrador sonha que descobriu um tesouro enterrado, e o govêrno do Estado lança um empréstimo em Aracajú, para pagar com as moedas dêsse tesouro, quando fôr descoberto. No Recife, um modesto operário transforma a atmosfera em sola de sapato e uma antena em fósforo de cera, e ilumina a sua casa sem pagar energia elétrica. Em Goiaz um santo pisca o ôlho pa-

ra as devotas, e fica de ôlho parado quando lhe aparecem duas de cada vez. E como se nada mais faltasse, eis que surge, agora, em Ponta-Grossa, no Paraná, a história de um túmulo que chora, de uma sepultura encimada por uma cruz de cujos braços católicos pinga, dia e noite, uma água miraculosa...

Êsse homem líquido, hóspede silencioso dêsse túmulo, merecia, talvez, que lhe pusessem um hidrômetro na sepultura, embora viesse alegar não ter sido a primeira entidade humana ou semi-divina que se liquefez. E teria, possìvelmente, razão, nesse ponto. Alfeu, o famoso caçador da Arcádia, transformou-se em riacho, para perseguir Aretusa, que se metamorfoseara em fonte. Castália, antes de ser manancial inspirador de poetas e pitonisas, fôra mulher, e moça, e até noiva risonha de Apolo. Piene, fonte límpida que dessedentava Corinto, teve a mesma origem humana, e só tomou aquela forma na morte. Deixou de viver num leito de rosas para morrer num pote de barro. No mundo cristão, Santa Ermelinda mudou-se em água milagrosa, que jorrava do seu túmulo, e sarava os enfêrmos.

O caso de Ponta-Grossa, no Paraná, é surpreendente, pela época em que surge. Na antiguidade greco-romana, entre pagãos, e nos primeiros séculos do cristianismo, êsses prodígios não eram raros, e enchiam o mundo polido, ou semi-bárbaro, de lendas frescas e delicadas. Deus, ou os deuses em que os antigos o dividiam para contentar a todos os homens, não esperdiçavam, todavia, elementos da natureza em milagres dessa ordem. Transformavam criaturas mortas em fontes vivas, mas ùnicamente onde os mortais careciam delas. No caso presente, verifica-se, porém, uma anomalia. Não seria preferível, por exemplo, que êsse túmulo paranàense fosse produzir o seu milagre no Ceará ou na Paraíba, exercendo a sua missão de fúnebre samaritana de pedra, isto é, de coração piedoso que mata a sêde aos peregrinos?

Ao ler a primeira notícia do milagre, eu fiz, a mim próprio, esta pergunta:

— Quem sabe se o homem que se acha enterrado em Ponta-Grossa não teve o nome de Moisés, e não foi sepultado com uma vara na mão?

Informações que dalí chegam, adiantam, entretanto, que o morto se chamou, neste mundo, Augusto, como um dos césares, e não Moisés, como o legislador hebreu. E isso afasta a hipótese da repetição do milagre que vem no *Êxodo,* com o qual o mais remoto antepassado da "Coluna Prestes" matou a sêde ao seu povo.

O defunto do Paraná, sem dizer "água vai" transformou-se em bica de cemitério. E dos braços da cruz do seu túmulo a água pinga, dia e noite.

— Não é água; são lágrimas! — dizem agora de Curitiba.

E eu desta vez acredito. E' pranto, é chôro, é lágrima, o que vem do mistério daquele estôjo da morte. E é, até, natural que isso aconteça.

A vida, hoje, anda tão má e difícil, que é mais do que razoável a inversão. Os vivos não choram mais os mortos. Os mortos, agora, é que choram os vivos...

XXXV

NA TERRA DO IRMÃO FRANCISCO

APEARAM-SE anteontem em Assis, na Úmbria, o sr. Benito Mussolini e os membros do Estado-Maior do Exército italiano. Não iam em romaria piedosa e católica. Não iam em penitência curvar-se no berço do mais humilde dos santos e da mais benemérita das ordens religiosas. Iam assistir a manobras militares. Iam ver o desfile dos esquadrões, o rolar compassado dos regimentos do Rei, as cargas de cavalaria, escutar o ronco sinistro das baterias de montanha. Não iam estudar os novos caminhos da vida. Iam alargar os velhos caminhos da morte. E essa notícia, reflexo longínquo dêsse fato, constitue um documento espantoso, e fiel, do gênio do nosso tempo.

Assis é a mais singela, a mais pacífica, e a mais casta de todas as pequenas cidades italianas. A sua história é toda uma canção de paz e de humildade. À semelhança de Belém de Judá, o maior dos seus filhos

nasceu num estábulo. O primeiro chôro de Francisco espalhou-se pela terra como o de Jesús de Nazaré, entre mugidos de bois e balidos de ovelhas. Saudaram-no à entrada da vida, como ao seu senhor e mestre, a fôrça e a mansidão.

Seus montes ondulados e os seus vales meigos estão enfeitados de lendas e de rosas. Erram por êles, santificando-os, as sombras mais doces do cristianismo medieval. Pelas ruas tortuosas e caladas, que orlam o sopé "della Rocca Maggiore", passou Francisco, penitente, coberto de sol e de andrajos. Aquí beijou êle o leproso, que, depois de beijado, se transformou em Nosso Senhor Jesús Cristo. Alí, tirou êle o seu manto, para dá-lo a um pobre, que tinha frio. E lá em cima, ao longe, o píncaro do Subásio, onde, Orfeu cristão, se aglomeravam, para escutá-lo, todos os pássaros da Toscana e da Úmbria. Aquela igreja é a da Porciúncula, o velho templo de Santa Maria dos Anjos, reconstituído pelos milagres da fé. Berço da ordem dos Mínimos, foi ela o canteiro em que nasceu, para cobrir o mundo, aquela palma do sonho de Inocêncio III. Por aquelas terras, na encosta daqueles outeiros, erguiam-se, batidas do vento ríspido, as cinco mil barracas de junco dos monges da Penitência. As pedras dêstes caminhos escutaram as santas práticas de Francisco e frei Leão. As rôlas que aquí gemem e amam, descendem daquelas que Francisco livrou da prisão e da morte, e para as quais teceu os ninhos, com a habilidade meiga das suas mãos. Por estas estradas, silencioso e nu, passou Rufino, a caminho de Assis, para prègar ao povo a simplicidade e a misericórdia. Por estes céus, em uma noite de Natal veio carregado pelos anjos o corpo de Santa Clara, para ouvir a missa de Francisco na Porciúncula. Para além daquelas montanhas, uivava o lobo gigantesco, que amedrontava Gúbio, aonde Francisco benignamente o conduziu, tirando-lhe a ferocidade com a doçura da sua palavra. E aquelas rosas vermelhas, todas, foram coloridas pelo seu sangue, numa noite de dúvida e de tentação.

Por aquí passaram, rezando e cantando, as mais puras almas da santa ordem que Francisco fundou. Êste sol escutou o mais formoso hino que porventura já foi, em seu nome, levantado da terra. Daquí se

ergueu o mais alto e comovido cântico da Criação, em nome da paz terrena e da fraternidade das criaturas: "Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Luz e pelas suas Estrêlas, que formastes claras, preciosas e belas!... Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Vento, e pelo Ar e a Nuvem, e pelo Céu puro, por todos os tempos!... Louvado sejas, meu senhor, pela irmã Água, tão útil, tão humilde, tão necessária e tão casta!... Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo, com o qual te iluminas à noite, e que é tão formoso, tão alegre, tão valente e tão forte!... Louvado sejas, meu Senhor, por nossa mãe a Terra, que nos sustém e nos alimenta, e produz todos os frutos, e as flores mais lindas, e a rasteira relva do campo!... Louvado sejas, ó meu Senhor, por aqueles que perdoam por amor de ti, e suportam a enfermidade e a atribulação; felizes aqueles que perseveram na paz, pois, por ti, ó Todo Poderoso, êles serão coroados!... Louvado sejas, ó meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual não escapará nenhum homem vivo; malditos aqueles que morrem culpados de pecado mortal; felizes aqueles que

seguirem a tua santa vontade, pois a segunda morte não lhes fará nenhum mal! Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças, e serviços do coração, com toda a humildade!...".

A terra de que se levantou êste cântico está, a estas horas, cortada pelas carretas de guerra do Exército italiano. As andorinhas do Subásio tremem, desde ontem, com o estrondo da artilharia nas montanhas. As patas da cavalaria em arrancada militar esmagam a irmã relva, turvam a irmã água, e cobrem de pólvora a face faiscante do irmão Sol. E as rosas vermelhas de Assis, coloridas com o sangue manso de um justo, tombam nas hastes, espantadas e trêmulas, prevendo o dia em que o sangue dos homens, que se preparam em simulacros de batalhas, tingirá, de súbito, a face inocente da mãe terra!...

"Louvado sejas, ó meu Senhor pelos que
perdoam por amor de ti,
e suportam, por ti, doença e atribulação!
Felizes os que perseveram na paz,
pois, por ti, ó Todo Poderoso, êles serão
coroados!"

XXXVI

A RUA DA AMARGURA

OS jornalistas brasileiros tiveram, a 11 de setembro, o seu dia. E festejaram-no. Associando-se aos regozijos da classe, a Polícia pôs em liberdade alguns homens de imprensa que se achavam detidos por delitos políticos, restituindo-os à família e à profissão. E a Prefeitura ofereceu-lhes uma rua no coração da cidade. À noite, na instituição que os congrega, houve discursos e inauguração de retratos. E todos nós ficámos contentes.

O trabalhador de jornal, operário da pena é, ainda hoje, no Brasil, o mais desprotegido e ingênuo dos proletários. Em todas as profissões é possível a economia, a aposentadoria, e, quando nada, a esperança. Ao homem de imprensa brasileiro nem êste último consôlo é, sequer, permitido. Indústria precária em um país em que são muitos os industriais e poucos os consumidores, e em que todo indivíduo que pode

comprar uma bobina de papel e pagar as primeiras quatro páginas de composição, se considera em condições de orientar a nação e lisonjear ou descompor o govêrno, o jornalismo representa o mais ingente esfôrço da incultura em favor da cultura, e, também, o fator da maior das nossas mentiras sociais. Prègando diàriamente a Verdade, o jornalista é, pràticamente, o mais constante servidor da Mentira. Batendo-se pelos direitos alheios, é, de todos os trabalhadores, aquele que ainda não conquistou direito nenhum. Escrevendo sôbre higiene, exigindo-a para o povo, vive sem ela, pela modéstia do seu salário e pela exiguidade das suas horas. Protesta contra o barulho da cidade, e sai da redação às três horas da manhã para dormir no subúrbio, imaginando como seria feliz se pudesse morar no meio dêsse barulho. Fala dos vestidos da rua de "la Paix", em París, e manda fazer os vestidos da senhora, comprados em corte na travessa do Teatro, por uma costureira do Engenho Novo. Recomenda o gôsto de Adolfo Menjou, e as calças de John Barrymore, e faz o vinco das suas com o auxílio do colchão da cama, comprimindo-o durante o sono com o pêso do corpo fatigado. Elogia o caviar e o "paté de foie-gras", e come, às vezes, gulosamente no *china,* a 1$200 a refeição. A sua pena, que comove a cidade inteira quando descreve um crime ou um quadro de imaginação, não abala sequer, de leve, o coração do hoteleiro ou do senhorio. Quem o vê, à tarde, tomando na Lallet o chá que o político ansioso de louvores lhe paga, ou na Avenida fumando o charuto caro trazido do almôço no Jockey, a que compareceu para redigir a notícia, não imagina, jamais, a tragédia da manhã, quando a mulher lhe entregou a conta do açougueiro ou lhe pediu dinheiro para remendar o sapato dos meninos.

Nós somos, no Rio de Janeiro, cêrca de mil trabalhadores efetivos, condenados às galés da tinta e da pena. E quantos, de nós, vivem com o confôrto, a segurança e a tranquilidade do mais obscuro escriturário do Banco do Brasil? Quantos velhos mestres da nossa profissão terão as vantagens dos jovens aprendizes das outras? Herdeiros de Maruf, o remendão do Cairo do conto oriental musicado por Henri Rabaud, damos a impressão de opulência e felicidade, falan-

do insistentemente de tesouros que não possuímos. E Alá, que se compadeceu de Maruf, não se compadece de nós!

Não se compadece, e ainda faz ironia. Nós desejávamos uma casa e dão-nos uma rua, para substituir uma gruta — a Gruta da Imprensa — que o tempo e o vento providencialmente entupiram, temendo, parece, que, nus, e comendo raízes, voltássemos à idade do Homem das Cavernas.

Mas, a rua já não era nossa? Não tem sido ela o nosso refúgio quando os patrões nos põem à porta?

De qualquer modo, viva a rua da Imprensa! Viva a rua da Amargura!

XXXVII

O QUE ME DISSE CAIFAZ

COM a exoneração de Pôncio Pilatos, chamado a Roma por Tibério, que lhe destinava, a pedido do seu cunhado, o senador Caio Scévola, o govêrno da Armênia, manifestou-se na Judéia uma rebelião, na qual tomara parte Anaz, sogro de Caifaz, que exercia a função de Sumo Sacerdote da Lei no ano em que foi crucificado Jesús de Nazaré. Tornado suspeito às autoridades romanas, por uma acusação do próprio sogro, foi Caifaz intimado a abandonar a Palestina, e viver longe dela durante vinte anos. E Caifaz veio ter a Roma, na esperança de justificar-se perante o imperador, e de regressar, em breve, a Jerusalém, revestido das altas dignidades sacerdotais que lhe haviam sido confiscadas por determinação da metrópole.

Foi aí, na casa do mercador judeu Zacarias, filho de Enoque, o sapateiro, próximo à porta Asinária, que eu conhecí, no

ano 49 da era cristã, o antigo Sumo Sacerdote de Jerusalém. Era, então, um homem de alta estatura, ligeiramente curvado para diante, olhos pequenos e perscrutadores, e uma grande barba toda branca, que lhe descia até ao peito, farta, pesada e cheia. Vestia um manto escuro à moda do seu país, e trazia os pés nus, em sinal de modéstia e penitência.

Aquele encontro era, para mim, providencial. Caifaz havia sido testemunha e, mesmo, personagem de relêvo, na tragédia que deu origem ao cristianismo, então nascente em Roma. Eram passados dezesseis anos sôbre aqueles acontecimentos. Êle os devia ter, todavia, ainda, na memória, com todas as particularidades.

— Rabino, — pedí-lhe, — lembras-te ainda da condenação de Jesús de Nazaré?

Caifaz pousou o queixo na mão, a testa franzida:

— Jesús... Jesús de Nazaré... Um profeta que foi crucificado em Jerusalém no tempo de Pôncio Pilatos?

— Êsse mesmo.

Caifaz endireitou o corpo no pequeno banco de pedra em que se achava sentado,

pediu a Zacarias que fizesse calar as crianças, em algazarra lá fora, e falou, pausado:

— E' um caso que se torna preciso esclarecer... Alguns amigos do condenado têm, nos últimos tempos, procurado lançar sôbre mim a responsabilidade do julgamento... Eu não tive, entretanto, nada, com o processo daquele profeta... O governador poderia salvá-lo, e não quis. Esperei que o defendessem, e só apareceram acusadores. Ninguém me procurou para justificá-lo. E eu, vendo que nem os seus íntimos, aqueles que o cercavam, corriam em sua defesa, cheguei à conclusão de que se tratava de um culpado.

— E os discípulos?

— Os discípulos foram, pode-se dizer, os que mais contribuíram para perdê-lo. Foi um dêles que me procurou, oferecendo-se para entregar-me o seu Mestre, contanto que eu lhe desse 30 moedas de prata. Ora, um homem que tem amigos dessa qualidade, não podia ser cuidadoso e prudente.

— Mas, dos que o acompanhavam, apenas êste se mostrou mau amigo.

— Engana-se. Houve outro. Um dêles, de nome Simão, ou Pedro, não me lem-

bro bem, assim que viu o seu Mestre preso e amarrado, declarou à minha porta, três vezes, que jamais havia visto Jesús de Nazaré. E os outros desapareceram na multidão. Um homem, principalmente quando êle se intitula Deus, ou filho de Deus, deve saber escolher os seus amigos. E Jesús não teve amigos. Nem amigos, nem parentes. Não me apareceu uma única pessoa da família.

Ana, mulher de Zacarias, entrou, trazendo pães e mel. Caifaz tomou um dêles, afastou com os dedos da mão esquerda as grandes barbas sacerdotais, mergulhou no abismo da bôca o pão pequeno e claro, e tornou:

— Eu devia, aliás, ter aprendido com êsse profeta de Nazaré uma grande lição. Se eu tivesse atentado para o que fizeram com êle os seus discípulos, não teria perdido a cadeira sacerdotal em Jerusalém. Dos amigos é que se fazem os peores inimigos. Do vinho doce é que sai o vinagre azêdo. Mas, sempre foi assim, e será. Eu vi um discípulo de Jesús vender o seu mestre. E nunca me passou pela idéia que Anaz, meu amigo e meu mestre, me pudesse vender a

mim... E todos os homens, através de todos os séculos, serão tão ingênuos como eu, a acreditarão no amigo, como se na polpa do amigo de hoje não estivesse escondido o inimigo de amanhã!

Pôs-se de pé, foi até a porta, olhou por um instante a rua imunda, voltou-se de novo para mim, e, dando de ombros:

— Mas, se nem Jesús de Nazaré, que era um Deus, ou filho de Deus, conforme tu crês, conseguiu evitar a traição dos seus amigos, como poderia eu escapar à dos meus?

E molhou outro pão em mel, e comeu.

XXXVIII

PROTEÇÃO AO HOMEM

NÃO obstante o pessimismo e a malignidade dos críticos da atividade humana, afirmando que o homem se torna dia a dia mais voluptuosamente perverso, a verdade é que os climas da alma se vêm suavizando, e que um sôpro de bondosa ironia, cada vez mais forte, adoça o ambiente em que o "bípede sem penas" canta, das alturas do seu poleiro de mármore, desafiando sonoramente o gume da faca dos deuses. Após alguns milhões de anos de aperfeiçoamento progressivo, isto é, desde fins do período terciário, atingiu êle, na sua própria opinião, a um estado que constitue o orgulho máximo da Natureza. Em lugar do monstro peludo, do "pithecantropus alatus", do pitecóide mudo das grandes florestas soturnas, que se atirava contra os uros e enfrentava, com um simples ramo de árvore, os mamutes montanhosos e os antílopes que esgrimiam com duas espadas, somos o ani-

mal verticalmente pôsto que mata o seu congênere a 3.000 metros de distância, com uma bala de fuzil, ou arrasa, com um canhão, a 80 quilômetros, populações e edifícios de inermes cidades alheias.

O último documento dêsse progresso está, porventura, na informação que veio ontem da Califórnia, e fornecida aos jornais pelas agências telegráficas. Segundo êsse telegrama alviçareiro, o Senado daquele Estado norte-americano, impressionado com a selvajaria que ainda se manifesta nos costumes locais, acaba de suprimir a pena de enforcamento, velha tradição herdada da humanitária Inglaterra. Os criminosos que se achavam sujeitos àquela pena infamante serão, de agora em diante, generosamente envenenados por meio de gases letais!

E isso constitue, na opinião da imprensa americana, uma admirável conquista da civilização.

Eu não sei se o acontecimento foi festejado nos cárceres da Califórnia, onde dormem, ou velam, criminosos que esperam a morte. Morrer por morrer, toda morte é boa, ou toda morte é má. E' verdade que o nosso mestre Renan, o Santo Ernesto do

agiológio leigo, pensava de modo diverso. Aos seus olhos, ou à luz do seu entendimento, a morte ideal era o fuzilamento, a dúzia de balas visando o coração e o cérebro, para paralisação subitânea do sangue e das idéias. Não era para outra cousa, dizia, que sonhava com o senatória imperial, como a de Sainte-Beuve. O senador do Império tinha, na França, imunidades contra o baraço e o cutelo; mesmo em caso de Revolução, ou prática de grande crime, o seu direito à bala de fuzil era irrefragável.

Vaidade de sábio, talvez, mais do que superstição de homem. O indivíduo fuzilado tem direito às salvas... que o matam, e a uma guarda de honra, formada pelo pelotão... que o liquida.

A volúpia de Renan assemelhava-se, aliás, alguma cousa, à dos nossos antepassados. "Os antigos juízes, — conta Vieira Fazenda, nas suas *Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro* — distinguiam duas espécies de morte: a "atroz" e a "cruel". Na primeira, o condenado, depois de enforcado, era decapitado, e a cabeça ficava exposta no patíbulo; outras vezes era o cadáver esquartejado, podendo também ser queima-

do, e lançadas aos ventos as cinzas. Na segunda, o réu antes de morrer era atormentado, tenazado; podiam seus membros ser quebrados com massas de ferro, etc.". Essas formas possuíam, todavia, variantes ou complementos: a "morte natural" e a "morte natural para sempre". Os condenados à "morte natural" possuíam uma regalia póstuma: eram enforcados, mas os corpos podiam ser entregues no mesmo dia aos irmãos da Misericórdia, para serem sepultados. Na "morte natural para sempre" a justiça humana requintava a severidade: o corpo do condenado permanecia suspenso da fôrca, onde o vinham devorar os urubús, cabendo aos cães os pedaços que rolavam por terra, à medida que se decompunha. O esqueleto, ficava, então, no lugar, até a véspera de Finados, quando, na procissão dos Ossos, que dalí tirou o seu nome, a irmandade da Misericórdia os ia recolher, dando-lhes piedosa e eterna sepultura. O lugar dêsses suplícios, no Rio de Janeiro primitivo, era a praia de Santa Luzia, na base do morro do Castelo, mais ou menos no lugar em que se acha situada, hoje, a igreja dessa invocação.

E' conhecida a história de um agitador

político ou religioso que, apanhado pelos seus inimigos, pergunta a um dos detentores:

— Que é que vocês vão fazer de mim?

— Homem, — respondeu-lhe um dos da escolta, — você vai ser provisòriamente fuzilado. Depois, então, se estudará o seu caso.

É assim o animal humano, na sua nobreza e sabedoria. Êle institue medidas de proteção aos irracionais. Vota leis impedindo que se dê de pau num burro e que se carregue a galinha de cabeça para baixo, afim de que a ave não morra de congestão. Mas, ao fim de tudo, passa a faca no pescoço da galinha, e guilhotina, asfixia, enforca, ou cai de carabina em cima do seu semelhante, para glória de Deus e maior esplendor da Civilização!...

XXXIX

O CARNAVAL MACABRO

AS pessoas que, ontem, sábado de Carnaval, se acercaram do teatro João Caetano, afim de adquirir bilhetes de entrada para o grande baile de amanhã, foram, segundo me disseram algumas, interrompidas na sua alegria pelo mais triste e doloroso dos espetáculos: a pequena distância da bilheteria, sentado no cimento que a chuva da tarde molhara, jazia, estendendo à caridade dos felizes a grande mão inchada e sem dedos, um leproso, dos muitos que, hoje, por falta de policiamento sanitário, erram dia e noite pela cidade.

Não há quem não saiba, no Brasil, que o Rio de Janeiro é uma das cidades que mais fortemente impressionam pela exibição da sua miséria. À proporção que os povos se aperfeiçoam socialmente, vão multiplicando os meios de assistência à parte miserável da população, podendo-se dizer, mesmo, que a assistência social constitue em nosso tempo o índice da civilização de um

país. Uma cidade de nababos que tenha nas ruas vinte mendigos estendendo a mão à piedade dos ricos, é mais pobre do que uma aldeia de remediados em que cada um tenha o seu pedaço de pão. E o Rio de Janeiro, a metrópole que se considera um dos centros de civilização mais belos da terra, fervilha de indigentes, de paralíticos, de estropiados, de ulcerosos, de mulheres esqueléticas e esfarrapadas que oferecem aos olhos dos visitantes um dos mais feios mercados de podridão humana, em todo o mundo. No coração da capital, nas ruas mais centrais e movimentadas, mães de olhar alucinado, ou velhas megeras que exploram a sentimentalidade dos transeúntes, mostram nos braços magros pequeninos sêres mirrados, e que são o mais triste documento da degenerescência do sangue brasileiro, nas classes pobres. Em tôrno da população válida, em suma, um microcosmo de criaturas degradadas pela miséria física, e reclamando, como na *Morte de D. João,* de Junqueiro, uma chuva de mercúrio, sabão e creolina.

Um povo que, na sua maior cidade, ainda não construiu um asilo para os seus indigentes, e não possue, após quasi cinco séculos de existência, um hospital para as vítimas das enfermidades mais horripilantes, tem, sem dúvida, o direito de promover festas populares para esquecer um pouco a sua própria desgraça; mas não tem, evidentemente, o de convidar estrangeiros, e de atrair turistas para testemunharem essa miséria dolorosa, que degenera no tumulto dos festejos promovidos pelos sadios, em espetáculo revoltante e deshumano.

Quando convidamos um estrangeiro ilustre para visitar a nossa terra e êle, no regresso à pátria, dá notícia das cousas deploráveis que possuímos, revoltamo-nos com isso, e consideramo-lo ingrato e maldizente. Esquecemo-nos que êsse homem notável, se tem olhos admirados para ver as nossas montanhas, a nossa baía, as maravilhas que a Natureza pròdigamente espalhou no céu, no solo e nas águas, também os têm para os defeitos da obra humana, que são enormes e, em grande parte, imperdoáveis. O homem que contempla encantado o voo de uma borboleta nas matas da Tijuca ou a saia de rendas de uma onda em Copacabana ou no Leme, não pode ser cego ao deparar a per-

na de pau de um indigente, estendida num passeio da rua Sete. Impressioná-lo-á, sem dúvida, mais profundamente, o chôro de uma criancinha suja segurando-lhe as calças na rua da Assembléia, para pedir-lhe um níquel, do que a excelência do sôro de Manguinhos para evitar a peste entre os cavalos. Ciência humana que se ocupa dos bichos e esquece o homem, perde metade do valor, pois que resolve o que era adiável com sacrifício do que era urgente.

Os turistas atraídos pela propaganda oficial para assistirem os festejos carnavalescos de 1933, começam a chegar. E os mutilados, os tuberculosos, os cancerosos, os leprosos, o rebotalho humano, vítima de enfermidades horrendas, a surgir de todos os cantos. E' a fome que os arranca aos seus esconderijos. E' a miséria que os arrasta para as ruas enfeitadas e alegres. Eu queria, porém, que êsses párias se reunissem em uma praça pública num dia como o de hoje, para lhes dizer, bem alto, com a voz do meu coração:

— Homens tristes e desventurados, réprobos da sociedade e de Deus, eu sei que viveis como os cães, dormindo nas esterqueiras, raspando as chagas com os cacos da escudela de Jó. Mas, sois brasileiros; e, como brasileiros, não desejareis, sem dúvida, que os homens de outras terras denunciem ao mundo as misérias da nossa pátria. Ide, pois, enquanto os visitantes se acham em casa, esconder as vossas pústulas, as vossas úlceras, as vossas orelhas desfiguradas pela lepra, a vossa mão sem dedos, os rostos sem nariz! Sêde mais amigos da vossa terra do que aqueles que convidam os estranhos para visitar o seu palácio, em cujos salões se amontoa o lixo vivo, e se arrastam, cobertos de sânie e roídos de fome, pobres irmãos esfarrapados! Correi a esconder-vos, salvando, com o vosso sacrifício, a reputação e a honra do Brasil!

E o que não compreenderam até hoje os administradores desta cidade-hospital na sua felicidade de homens sãos, talvez compreendessem os mutilados, os cegos, os paralíticos, os leprosos sem lábios, os sifilíticos sem nariz, as megeras que exploram crianças, os mutilados de perna de pau...

XL

INQUIETAÇÃO

POUCO antes da chegada a Paquetá, nas proximidades de um farol de luz vermelha que anuncia, em síncopes de sangue luminoso, uma grande faixa de rochedos submersos, aparece, emergindo das águas espumantes e inquietas, uma pedra redonda e baixa que as vagas agitadamente poliram e repoliram. Pela sua conformação naquele tumulto de rochas desiguais, aquela pedra recorda a parte superior do crânio de um gigante afogado que tivesse os pés no fundo do mar. Os ventos e as ondas levaram-lhe os cabelos, que servem, talvez, hoje, de ninho às aves marítimas na anfractuosidade dos penedos distantes. O monstro não se move, porém, nem se queixa, medindo com a sua estatura a profundidade apavorante das águas.

O que torna curioso êsse rochedo não é, entretanto, a sua conformação: é a fauna que o habita, a confusão, a balbúrdia nervosa com que o disputam as aves tumul-

tuosas de toda aquela região da enseada, como se por alí não houvesse outras pedras mais altas, mais cômodas, mais seguras, menos assaltadas, mesmo, pela matilha das ondas insofridas. A poucos metros levantam-se outros penedos. Bordadas de espumas e enfeitadas de mariscos, alinham-se, pouco adiante, dezenas de rochas solitárias. Os aquáticos preferem, no entanto, disputar-se um pedaço daquele crânio polido, sustentando, embora, para manter o lugar conquistado em vigílias sem têrmo, uma luta sem tréguas.

O combate que aí se trava por um centímetro de pedra faz lembrar o espetáculo soberbo e inolvidável que o sábio suíço Emílio Goeldi presenciou na Amazônia e que registra no seu curioso livro sôbre *As Aves do Brasil*. E' o que lhe ofereceu, uma tarde, certa coroa do rio Ararí, na ilha de Marajó. Era um punhado de terra de 600 metros quadrados, de arborização baixa, que as águas profundas assaltavam por todos os lados. Encontrando nesse lugar um refúgio seguro contra os mamíferos sanguinários que as perseguiam na terra firme, as aves da região vinham de todas as partes, de todos os pontos cardiais, para levantar aí o seu ninho. De longe ainda, ouvia-se o barulho das asas, dos gritos, das cantigas, as vozes complexas e infinitas daquela fervilhante população aérea.

E quando o viajante se aproximava, era um deslumbramento. Olhando-o à distância, não se sabia, ao certo, se aquilo era uma ilha ou um monte de pássaros descendo, sonoro, a doce correnteza do rio. Cada arbusto sem fôlhas é, aos olhos do viajante, um ramo de coral monstruoso, em que os guarás, vermelhos como sangue, fulguram ao sol. Milhares de garças de penas alvíssimas orlam êsse punhado de terra ondulante de plumas, como se fossem o colar de pérolas do palpitante coração da Natureza. Dentro, no interior da ilha, ferve a guerra das aves pela conquista provisória de um ninho. Rôlas selvagens, vindas da floresta e do campo, defendem os filhos tenros contra a audácia dos gaviões esfomeados. Sabiás meditativos, empoleirados como aéreos "muezzins" daquela mesquita, nos últimos galhos das árvores, olham agudamente o horizonte, saudando o sol duas vezes por dia. Corvos infantes, de penugem alva

como a espuma do rio, piam desoladamente à espera dos pais, que descrevem curvas no céu. Corrupiões de papo dourado, ruflando o colo brilhante, celebram as glórias da batalha sem têrmo, como pequenos Homeros daquela Tróia avoejante. Em baixo, no chão coberto de ovos e de penas, a luta não é menos intensa. Pernaltas de bico alongado, disputam-se, grasnando, a posse do mesmo graveto para o alicerce fugitivo de um lar. Palmípedes, pequeninos, de plumagem macia, correm piando, fugindo de aves enormes, de garras afiadas e olhos vorazes. E, à medida que o sol vai afundando, como gôndola de ouro no escuro oceano da selva, acendendo no céu de cobalto a imensa fogueira das nuvens, vai a ilha se aquietando, até que se fixa num côro triste, medroso, de aviário que teme, no seu sono assustado, a perfídia das aves da noite.

Os disputadores do rochedo de Paquetá não são tão numerosos, nem tão variados na espécie. Pertencem a uma família única entre milhares de aves do mar: a de um aquático insignificante, do tamanho de um punho fechado, e a que os pescadores dão, pela ridicularia do seu vulto na generalidade

do aviário marinho, o nome depreciativo de "trinta-réis". E como as terras tomam, às vezes, a denominação do povo que as habita, a pedra dos "trinta-réis" é conhecida hoje, em toda a baía, pelo nome dos seus moradores esvoaçantes. De posse da sua ilha minúscula, o pequenino pernalta da Guanabara transformou-a em um símbolo, perceptível a quem viaja, no verão ou no inverno, para o refúgio de Paquetá.

Amontoados às dezenas, aos centos, em um espaço de alguns palmos, os "trinta-réis" passam o dia e a noite em discórdia, disputando-se o mesmo pedaço de pedra. À luz do sol, é interessante observá-los. Investindo uns contra os outros, os mais fortes, mais velhos, de bico mais áspero, obrigam a fugir os de corpo mais tenro, fazendo-os voar alguns metros acima da rocha, para pousar de novo, na confusão tumultuária da disputa. Às vezes a luta se torna tão encarniçada, tão rápida, tão ativa, que se tem a impressão que a pedra criara, de repente, uma energia negativa, que repelisse para o ar, seguidamente, todos os corpos que nela pousassem. E tudo isso no meio de uma gritaria ensurdecedora, que faz medi-

tar, ao longe, nos penhascos mais altos, as grandes aves do mar.

À noite, a luta recrudesce. Ainda a barca vem distante, fora do labirinto de pequenas ilhas que leva a Paquetá, e os passageiros já ouvem uma algazarra alvoroçada, retalhando a treva misteriosa. Quem leu a *Eneida,* sente, de repente, um arrepio de pavor. Aquela barca, modificada pelos milagres da imaginação, transforma-se, de súbito, em nau de Enéas. Do ninho da noite vai surgir, gritando, num tumulto de asas pressagas, o bando agoirento das harpias.

A embarcação aproxima-se, porém, do farol. E, entre o ruído da água nas pedras, sobe do mar a gritaria aflitiva daqueles anarquistas aéreos, brigando, bicando-se, debatendo-se, para pousar, por um momento, sôbre a crista do rochedo.

Vida humana, que és tu, na tua tristeza e na tua inquietação, senão uma pequena pedra do oceano da Eternidade, onde um bando de "trinta-réis" se debate, aflito, medroso, desordenado, disputando-se, aos gritos, no meio da noite, a conquista momentânea de um pouso?

ÍNDICE

PÁG.

I — Uma voz na sombra 5
II — As razões do "Vira-Lata". . . 33
III — O côro dos chefes brasílicos . . 41
IV — As peças do dr. Destino . . . 47
V — Sem "novidades" no "front". . 53
VI — Os dois palhaços 59
VII — José Guilherme 65
VIII — Os que voltam do reino da Morte 69
IX — Grandes de Espanha 75
X — A cadeira e a tribuna 81
XI — Na Casa de S. Luiz 91
XII — O Dia das Mães 115
XIII — O príncipe contraditório . . . 119
XIV — A boneca da Maria. 125
XV — Um barqueiro do Volga . . . 131
XVI — Adubo para os melões. . . . 137
XVII — Os cegos. 143
XVIII — O defunto vaiado 149
XIX — Fome. 155
XX — Mãe 163
XXI — *Gloria in Excelsis Deo*. . . . 169
XXII — "Ratinho" 175
XXIII — A condenação de Otelo. . . . 181
XXIV — Carta a Jesús, meu Senhor. . . 219
XXV — Areia e silêncio. 225
XXVI — Citera 229

PÁG.
XXVII — Um vulcão na ilha Ogígia. . . 237
XXVIII — Em favor de Israel. 245
XXIX — Eu, pescador, me confesso. . . 253
XXX — Hermes Fontes. 259
XXXI — Os faroleiros 265
XXXII — Os monges 269
XXXIII — A desvalorização do miolo. . . 275
XXXIV — O morto que chora. 281
XXXV — Na terra do irmão Francisco . . 285
XXXVI — A rua da amargura. 291
XXXVII — O que me disse Caifaz. . . . 295
XXXVIII — Proteção ao Homem 301
XXXIX — O carnaval macabro 307
XL — Inquietação 313